

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

RADAMS CAPELETI

**A LITERATURA INFANTIL EM SUPORTES DIGITAIS: A COLEÇÃO
“KIDSBOOK” E O LIVRO DIGITAL “A MENINA DAS ESTRELAS”**

Paranaíba/MS

2019

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

RADAMS CAPELETI

**A LITERATURA INFANTIL EM SUPORTES DIGITAIS: A COLEÇÃO
“KIDSBOOK” E O LIVRO DIGITAL “A MENINA DAS ESTRELAS”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – Unidade Paranaíba, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Linguagem, Educação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. José Antonio Souza

**Paranaíba-MS
2019**

BANCA DE DEFESA

Prof. Dr. José Antonio Souza (Orientador)
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS)

Profª Drª Albina Pereira de Pinho Silveira
Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT)

Profª Drª Estela Natalina Mantovani Bertolletti
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS)

C241L

Caapeleti, Radams

A literatura infantil em suportes digitais: a coleção “kidsbook” e o livro digital “A menina das estrelas” / Radams Caapeleti. -- Paranaíba, MS: UEMS, 2020.

113f.; 30 cm.

Orienteador: Prof. Dr. José Antonio Souza

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. Literatura infantil. 2. Letramento. 3. Tecnologia da informação e comunicação. I. Caapeleti, Radams. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Mestrado em Educação. III. Título.

CDD – 809.89282

Dedico este trabalho aos meus pais, Edite Carmen Capeleti e Natal Capeleti, por todo amor e carinho que sempre têm por mim e pela contribuição na construção do meu conhecimento. Aos professores da educação, em especial aos docentes da alfabetização.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da trajetória acadêmica, várias pessoas contribuíram para a minha formação profissional de forma significativa para a construção do meu aprendizado.

A família, em especial, aos meus pais Natal Capeleti e Edite Carmen Capeleti, que com seus conhecimentos sempre apoiaram a minha formação. Minha mãe guerreira, professora da educação básica, que com seu amor e dedicação à profissão me inspirou para que fosse professor. Ao meu pai, homem trabalhador, que com seus conselhos e carinho, sempre acreditou na minha capacidade.

Aos irmãos, Neival, Fernando e Rômulo, e cunhada Sirlei Vaz, sobrinha Ana Flávia.

Um agradecimento ao amigo Rafael Nunes, amigo este que conheci pelo Mestrado. A minha amiga Alana, Suzana, amigas do mestrado pelos momentos de felicidades que tivemos ao realizar o mestrado.

A Carolina Veiga, por me receber em sua casa me dando apoio nos momentos finais da escrita da dissertação.

A professora doutora Estela, pelo apoio no Estágio de Docência na disciplina “Linguagem e Literatura Infantil”, ofertada para o segundo ano do curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul campus Paranaíba. A professora doutora Albina por contribuir com apontamentos para o aperfeiçoamento das discussões da dissertação.

Aos professores da Pós-Graduação em mestrado na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, em ministrar aulas para os alunos do curso.

Ao orientador, Professor doutor José Antonio de Souza, que durante esses anos me apoiou e contribui de forma significativa para a construção do meu conhecimento.

Agradeço a Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul e aos colaboradores na secretaria acadêmica quanto na biblioteca pelo apoio e fortalecimento e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro, na qual sem ele a permanência na cidade de Paranaíba seria impossível e com o custeamento pude melhorar minha formação profissional.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

O apanhador de desperdício

Uso palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
Como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.
Porque eu não sou da informática:
Eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor meus silêncios.

Manoel de Barros

RESUMO

Nesta dissertação, apresentam-se resultados finais da pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba, na linha de pesquisa “Linguagem, Educação e Cultura”, contemplando reflexões acerca da literatura infantil em suporte digital, na sociedade contemporânea. A atual sociedade está imersa na utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação e as escolas são desafiadas a (re)pensar suas práticas no que tange à leitura em suporte digital. O objetivo analisar a obra “*A Menina das Estrelas*” escrita por Tulipa Ruiz e divulgada em suporte digital. O livro é da coleção *Kidsbook* disponíveis no site “Leia para uma Criança” da Fundação Itaú, disponíveis em plataforma *online*. Os objetivos específicos assim se deliniam (a) evidenciar a literatura infantil digital para favorecer a aquisição de habilidades e capacidades leitoras; (b) empreender mapeamento de histórias digitais gratuitas da coleção *Kidsbook*. Para tanto, contemplou-se, em primeiro momento, aspectos da literatura infantil em âmbito mundial e nacional, com reflexões dos autores como Cademartori (2009), Coelho (2000), Zilberman (1999), Lajolo e Zilberman (1999), Silva e Debus (2009). Na sequência, foram tratados os conceitos de letramento e letramento literário, relacionando tais conceitos à literatura infantil. Neste aspecto, o levantamento bibliográfico é direcionado por Cosson (2011), Chartier (1999), Mortatti (2004). Ao tecer considerações acerca das Tecnologias da Informação e Comunicação, leitura e escrita foram levantadas reflexões a partir de Castells (2005), Lemos (2008), Levy (2008), Teixeira (2010), entre outros. Os resultados permitem inferir que a literatura infantil em suporte digital possui especificidades e, para além da apresentação da literatura infantil, o trabalho faz apontamentos sobre como a literatura infantil, em especial em suporte digital, aliada ao ensino inicial, proporciona a inserção do letramento em espaço escolar. Evidencia que o livro literário infantil caracteriza-se pelo hibridismo e pelos recursos midiáticos oportuniza a interatividade e a multimídia potencializam as narrativas verbo-visual ao incorporar sons, imagens e movimento.

Palavra-chaves: Literatura Infantil. Letramento. Tecnologia da Informação e comunicação

ABSTRACT

In this dissertation, we present the final results of the Master in Advanced Education research with the Graduate Program in Education of the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS), Paranaíba University Unit, in the research line “Language, Education and Culture”, Contemplating reflections on children's literature in digital support, in contemporary society. The current society is immersed in the use of Information and Communication Technologies and as schools challenged to (re) press their practices with regard to reading on digital media. The purpose of analyzing the work “A Menina das Estrelas”, written by Tulipa Ruiz and disseminated in digital format. The book is from the Kidsbook collection available on Fundação Itaú's “Read for a child” website, available on the online platform. The specific objectives as well as design (a) evidence a digital children's literature to favor the acquisition of skills and readers; (b) undertake mapping of free digital stories from the Kidsbook collection. Therefore, to contemplate, in the first moment, aspects of children's literature in the world and national scope, with reflections from authors such as Cadmatori (2009), Coelho (2000), Zilberman (1999), Lajolo and Zilberman (1999), Silva e Debus (2009). Then, the concepts of reading and literary reading were defined, relating these concepts to children's literature. In this respect, the bibliographic survey is directed by Cosson (2011), Chartier (1999), Mortatti (2004). When making considerations about Information and Communication Technologies, reading and writing, reflections were raised from Castells (2005), Lemos (2008), Levy (2008), Teixeira (2010), among others. The results obtained indicate that children's literature on digital media has specificities and, in addition to the presentation of children's literature, the work makes indicators on how children's literature, especially in digital support, combined with initial education, provides the insertion of literacy in school space. It shows that the children's children's book is presented by hybridism and media resources such as interactivity and multimedia as verb-visual narratives to incorporate children, images and movement.

Keyword: Children's Literature. Literacy. Information and Communication Technology.

LISTA DE TABELA.

Tabela 1: Apresentação da coleção do Itaú: Leia para uma criança “Kidsbook”.....	27
--	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:Apresentação do Programa Leia para uma Criança	74
Figura 2: Dicas para uma boa leitura.....	75
Figura 3: Livro "O menino e o foguete".....	76
Figura 4: Livro "O sétimo gato"	77
Figura 5:Livro "O cabelo da menina".....	78
Figura 6:"Entre sonhos e dragões"	79
Figura 7: Livro "A bicicleta voadora”	81
Figura 8: Livro “Chapeuxinho Vermelho”	82
Figura 9: Livro "Pode ser”.....	83
Figura 10: "A menina das estrelas”	84
Figura 11: Livro “Azizi, o menino viajante”	85
Figura 12: Livro "A canção dos pássaros”	86
Figura 13: Livro "A Menina das Estrelas"	94
Figura 14: Primeira página do livro “A menina das Estrelas”.	96
Figura 15:: Primeira página com os símbolos (☺), <> e o alto falante. print do autor..	97
Figura 16:Segunda página do livro “A menina das Estrelas”	97
Figura 17: “Deslize para baixo”	98
Figura 18: Ilustração da lua e foguete e indicativo “deslize para baixo”	99
Figura 19: Vanessa contemplando a mãe sobre a luz do luar.....	100

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPES	– Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDROM	– Compact Disc Read- Only Memory
CEFAPRO	– Centro de Formação de Professores da Educação Básica
CPPG	– Centro de Pesquisa de Pós Graduação
EAFC	– Escola Agrotécnica Federal de Cáceres
ENEM	- ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
EPUB	- EPUB – Eletronic Publication
GEFOPE	- Grupo de Estudos e Pesquisa de Formação de Docentes: Gestão e Práticas Pedagógicas.
HTML	– Hipertext Markeup Language
IDEB	– Indice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFMT	– Instituto Federal de Mato Grosso
LB	– Licenciando Bolsista
MOBI	- Mobipocket
NGL	– Grupo Nova Londres
PDF	– Portable Document Format
PIBID	– Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência
PNAIC	– Programa Naciona de Alfabetização na Idade Certa
PROBIC	– Programa de Bolsas de Iniciação Científica
SEDUC	– Secretaria de Educação do Estado do Mato Grosso
SEMIEDU	– Seminário de Educação
SEVA	– Seminário de Educação do Vale do Arinos
TCC	– Trabalho de Conclusão de Curso
TDR	– Trabalho de Conclusão de Curso
TIC	– Tecnologia Digital de Rede
TR	– Tecnologia de Rede
TXT	– Arquivo de Texto
UEMS	– Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul
UNEMAP	– Universidade do Estado do Mato Grosso
USP	– Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
INTRODUÇÃO.....	22
1 LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: ASPECTOS DA ORIGEM Á CONTEMPORANEIDADE	31
1.1 Letramento Literário e Literatura Infantil.....	33
1.2 Leitura e literatura para crianças e o imaginário infantil	37
1.3 Letramento na educação infantil: suportes, novas textualidades e diferentes modos de leitura	41
2 – DO LETRAMENTO IMPRESSO AO LETRAMENTO NA CIBERCULTURA: NOVOS MODOS DE LETRAR NA EDUCAÇÃO	52
2.1 Letramento(s) e as tecnologias da escrita	54
2.2 Tecnologia da Informação e Comunicação: Literatura Infantil em suportes digitais.....	58
2.3 Literatura Infantil digital: leitura em suporte <i>online</i> e os modelos de interação ..	65
2.4 Livro digital: formatos e a especificidade do livro interativo infantil	69
3 –LIVROS DIGITAIS EM INTERFACES DA CIBERCULTURA: ANÁLISE PERSPECTIVAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO INFANTIL	73
3.1 Apresentações dos livros da coleção <i>Kidsbook</i>	74
3.2 “A menina das Estrelas”: uma análise da narrativa e da multimodalidade.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS	110

APRESENTAÇÃO

Ao refletir sobre a trajetória acadêmica reflito sobre a vida escolar, marcada pela descoberta possibilitada pelo processo de escolarização. Iniciei meus estudos em uma escola da rede estadual no município de Juara, estado do Mato Grosso-MT, em 1989, no pré II. Neste período, lembro-me das aulas de pinturas e recortes com brincadeiras no parque da escola, o desfile de 7 de setembro e do Dia do Índio, jogos e brincadeiras e rodas de leituras. A leitura nessa época estava em descoberta, porém já ouvia inúmeras histórias. No ano seguinte, em 1990, comecei meus estudos na primeira série atual segundo ano do ensino fundamental e estudo na escola Osca Soares no município de Juara até o segundo semestre da sétima série, atual oitavo ano, quando decidí morar na fazenda. Depois disso, para recuperar o tempo perdido, estudei em uma escola para jovens e adultos, sendo aprovado na oitava série, atual nono ano, pela Portaria nº 025/99 da SEDUC-MT. No ano, motivado pelo meu irmão que estudava na escola agrícola em Juara, fiz o teste seletivo para a Escola Agrotécnica Federal de Cáceres, antiga EAFC, onde hoje funciona o Instituto Federal de Mato Grosso IFMT. Nisto ao realizar o ensino médio integrado foi oportunizado fazer o curso técnico agrícola, com especialização em agropecuária.

Ao ingressar na escola agrícola, em Cáceres, estudei em período integral e morava na escola. Participava das atividades de final de semana tanto na horta como na agroindústria, no manejo de animais de pequeno e grande porte. Foi ali que a minha vida escolar fez real sentido. Sentia-me privilegiado, pois naquela instituição tive professores com formação especializada. Os professores possuíam mestrado e doutorado, desenvolviam projetos na área da agropecuária e, nesta escola, pude dar os primeiros passos na pesquisa, o que proporcionou o segundo lugar no seminário da escola com o projeto intitulado: “Milho hidropônico para alimentação de gado leiteiro”. Fiquei três anos novamente sem estudar e somente quando estava morando em Tapurah/MT prestei vestibular para a Univerde, em Lucas do Rio Verde/MT, para o curso de Administração. Estudei até o 3º semestre e tranquei a matrícula.

No ano de 2011, realizei a prova e passei para o curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). No primeiro semestre não entendia o sentido do curso e não sentia desejo de continuar a estudar, porém no segundo semestre, no ano de 2012, com os diversos desafios propostos pelos

professores, senti-me instigado a continuar o curso criando um forte desejo de me tornar professor e trabalhar na área da Educação.

O envolvimento com a temática “formação de professores” decorreu no ano de 2012, quando ao escrever a comunicação oral intitulada: “Estágio em Gestão Educacional I: um olhar reflexivo acerca da gestão escolar”, apresentado no Seminário de Educação do Vale do Arinos (SEVA, 2012). Naquele ano, tive a oportunidade de participar do estágio supervisionado em gestão escolar e as leituras para a produção do referencial teórico sobre gestão não me instigavam, porém ao ler, o que chamava atenção era a formação de professores. A produção deste artigo foi decisiva para escolher a temática formação de professores, porém ainda não tinha certo o que iria pesquisar.

Com auxílio da professora orientadora, em 2013, fui convidado a participar de uma pesquisa colaborativa para analisar o estado da arte dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) defendidos no período de 2008 a 2012 que tratavam da temática Tecnologia e Educação. Neste texto, tivemos por objetivo discutir temáticas que ainda não tinham sido objeto de pesquisas de TCC. O artigo “Tecnologias da Informação e da Comunicação: um mapeamento das pesquisas realizadas na UNEMAT - Campus Universitário de Juara no período de 2008 a 2012” é resultado da análise de 15 trabalhos impressos e disponíveis na biblioteca da UNEMAT, campus de Juara, no momento da pesquisa.

O conjunto de dados observados (CAPELETI, SILVA e TREVISAN, 2013) aponta a necessidade de estudos sobre formação de professores, usos dos diferentes recursos da *Web*, ambientes virtuais de aprendizagem, formação de professores e tecnologias de rede, multiletramentos, o que proporcionou a definição de temáticas para diferentes estudos. A produção deste artigo oportunizou direcionar os estudos sobre tecnologias de rede e os multiletramentos na formação inicial dos licenciandos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID)

Em 2014, concorri ao Edital nº 003/2014 do processo seletivo do Programa de Bolsas de Iniciação Científica Programa de Bolsa de Iniciação Científica (PROBIC) com o projeto de pesquisa intitulado “As Tecnologias de Rede na Formação de Professores”, vinculado ao projeto de pesquisa da minha professora orientadora, a professora. Dra Albina Pereira de Pinho Silva, “Formação Continuada no Contexto de Implantação da Modalidade Um Computador por Aluno nas Narrativas de Professores/as”. Posso considerar como momento decisivo na formação o início desta

pesquisa, uma vez que para participar do (PROBIC), o edital previa que o aluno deveria ter dedicação integral, o que não permitia ter outro vínculo. Então, em agosto de 2014, passei a dedicar-me exclusivamente à minha formação profissional. Ao participar deste programa, tive a oportunidade de ingressar no Grupo de Estudos e Pesquisa de Formação Docente, Gestão e Práticas Educacionais (GEFOPE), grupo liderado por minha então orientadora. Esse grupo estuda o processo de formação inicial e continuada, educação à distância, Tecnologias da Informação e Comunicação e estudos que focam os processos de ensino e aprendizagem e da profissionalização docente.

No ano de 2014, participei de seminários voltados à Educação, o que me oportunizou a escrita de artigos e banner para publicação no Seminário de Educação do Vale do Arinos (SEVA) e Seminário de Educação (SEMIEDU), promovido pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UFMT).

Com a escrita da comunicação oral “Google Docs no Processo de Multiletramentos de Professores: relato de uma experiência no PIBID” é apresentado um relato de experiência na perspectiva dos multiletramentos, com licenciandos bolsistas (LB) do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), Campus de Juara. O desafio foi de que os LB colaborativamente escrevessem uma proposta de intervenção pedagógica sobre multiletramentos e tecnologias de rede (TR) para ser desenvolvida com alunos das escolas parceiras do PIBID. A partir da experiência, Capeleti e Silva (2014, p. 4) afirmam que os LB foram receptivos à proposta e que:

[...]conseguiram compreender as possibilidades de uso da ferramenta Google Docs nas práticas de multiletramentos vivenciadas nas ações formativas. Além disso, inúmeras propostas de integração das TRs nas práticas de multiletramentos foram elaboradas na perspectiva da escrita colaborativa, ação potencializada pelo Google Docs.

A escrita desse artigo me fez compreender a formação inicial dos professores em suas diferentes itinerâncias. O PIBID é uma iniciativa do Governo Federal que visa a possibilitar aos alunos de licenciatura o contato com o cotidiano escolar (CAPES, 2014).

Tendo em vista que o Estágio Supervisionado é necessário na formação inicial, uma vez que proporciona ao acadêmico vivenciar o cotidiano da escola, fomos motivados à escrita do artigo, “Teoria e Prática: experiências vivenciadas no estágio supervisionado em educação infantil”. A proposta deste trabalho consistiu em analisar as experiências pedagógicas desenvolvidas nos estágios supervisionados na Educação

Infantil realizados como possibilidade de reflexão sobre a aprendizagem da docência (CAPELETI e MOURA), no período de 2012 a 2014. Este estudo faz refletir que o Estágio Supervisionado não é a aplicação em prática das teorias estudadas, pois enfatiza a necessidade em compreender este momento proporciona ao professor em formação experimentar o cotidiano escolar. É neste momento que cada estagiário percebe sua identidade como profissional.

No segundo semestre de 2014, ao participar como coautor do minicurso: “Oficina da Pesquisa: uso da metodologia da história oral”. Esta experiência proporciona intervir junto aos participantes do evento e entender que a história oral é uma metodologia que o pesquisador busca o registro de memória individual e coletiva que presenciou ou ouviu contar. O objetivo deste minicurso foi compreender a Metodologia da História Oral e possibilitar o exercício prático e o registro de memórias sobre o Seminário de Educação do Vale do Arinos (SEVA), por meio de narrativas de seus participantes.

Em 2014, participei do Seminário de Educação (SEMIEDU) com a apresentação do trabalho “As Tecnologias de Redes na Formação de Professores”, na modalidade pôster. A proposta do resumo buscou compreender como as Tecnologias de Redes (TR) são inseridas no processo de formação de professores, como são utilizadas no cotidiano, e de que forma criam mecanismos para a inclusão digital fazendo com isso uma análise das diferentes apropriações das tecnologias digitais nas trajetórias formativas dos professores. Este resumo é parte do projeto de pesquisa desenvolvido por mim em uma Escola Estadual situada em Juara..

Ao participar da VIII Jornada Desigualdades Raciais na Educação Brasileira evento que aconteceu paralelamente ao SEMIEDU, em 2014. O trabalho apresentado no formato de comunicação oral na Mostra de Experiências Pedagógicas na implementação da Lei 10.639/03. Este relato de experiência resultou do desenvolvimento de um plano de aula proposto para a disciplina de Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Juara., realizado no primeiro segmento do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA), no município de Juara.. O principal objetivo da aula consistiu que os alunos conhecessem aspectos da cultura africana e a partir disso fossem desafiados a confeccionar bonecas negras de lã. A metodologia fundamentou-se em aula expositiva dialogada com suporte de apresentação de vídeo, slides e imagens. As bonecas foram expostas na III Mostra Científica e Cultural do Vale do Arinos,

promovido pela UNEMAT na Praça dos Trabalhadores de Juara, no dia 07 de novembro de 2014.

No ano de 2015, passei a participar de dois projetos, sendo um de pesquisa e o outro de extensão e cultura, ambos coordenados pela minha orientadora, a Professora Dra Albina. O Projeto de Extensão e Cultura “Estudos sobre os Multiletramentos Conectados ao Uso das Tecnologias Digitais: uma experiência formativa com o PIBID” teve início no dia 28 de fevereiro de 2015. Participavam das ações formativas promovidas pelo projeto 40 bolsistas, destes, 32 eram LB do PIBID do curso de Pedagogia da UNEMAT, dois bolsistas do Programa de Iniciação Científica (PROBIC) e seis professores supervisores do PIBID de três escolas da rede pública de ensino. Os encontros para formação aconteciam quinzenalmente, na UNEMAT, e as ações eram focadas nos estudos dos fundamentos teóricos, conceituais e metodológicos dos multiletramentos conectados ao uso das tecnologias digitais.

Particpei, também, do Projeto de Pesquisa Interinstitucional “Arquiteturas Pedagógicas na Formação Continuada de Professores: percursos formativos de imersão na cultura digital”. Este projeto aconteceu em parceria com o Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação (CEFAPRO), e foi financiado com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (FAPEMAT) com vigência no período de setembro de 2014 a setembro de 2016. Participaram deste projeto gestor, coordenadora pedagógica, professora que atua na sala de recursos multifuncional e professores que lecionam em anos iniciais e finais do ensino fundamental. Participaram também, profissionais técnicos administrativos educacionais da UNEMAT e bolsistas PROBIC. Os encontros presenciais ocorriam, quinzenalmente, no laboratório de informática da escola. Nestes encontros, privilegiávamos os estudos teóricos, conceituais e metodológicos das Tecnologias Digitais de Rede (TDR) aliados aos processos educacionais, e também foram propostas atividades à distância.

Em 2015, participei do Seminário de Informática na Educação, promovido pela UNEMAT, Campus Sinop/MT, sendo coautor do resumo simples com apresentação em formato de pôster do trabalho “Formação de Professores em Multiletramentos e Tecnologias Digitais: uma vivência no âmbito do PIBID”. O trabalho compartilhou ações formativas inerentes ao Projeto de Extensão e Cultura “Estudos sobre Multiletramentos Conectados ao Uso das Tecnologias Digitais: uma experiência formadora no PIBID”, em processo de implementação na UNEMAT, Campus de Juara. Durante o Seminário, atuei como coautor da minha orientadora do minicurso “Uso do

Story Jumper na Edição de Histórias Digitais *On-line*". O minicurso teve como principal objetivo debater como as múltiplas linguagens têm sido afetadas pelas convergências de tecnologias que, por sua vez, têm provocado novas reflexões a respeito da necessidade de novos letramentos. Posto esse objetivo, inicialmente foi realizada uma apresentação sobre a sociedade da informação, a responsável por fazer surgir inúmeras transformações, especialmente nas formas de comunicação e interação frente aos diferentes formatos e gêneros discursivos presentes na sociedade contemporânea.

A participação como bolsista do PROBIC proporciona a escrita da comunicação oral "Formação em Tecnologias de Rede: as ações e experiências engendradas no processo formativo de professores" publicado nos anais da Jornada Científica da UNEMAT, Cáceres. O estudo vinculou-se às ações formativas do projeto de pesquisa interinstitucional "Arquiteturas Pedagógicas na Formação Continuada de Professores: percursos formativos de imersão na cultura digital". Esse trabalho consistiu em um recorte das ações de pesquisa que aconteciam por meio de encontros de formação na modalidade presencial e à distância. A pesquisa teve como principal objetivo analisar os diferentes usos das Tecnologias de Rede (TR) nas ações de formação dos professores, a fim de compreender em que medida tais ações se caracterizavam enquanto inclusão digital.

No mesmo ano, houve também um trabalho aprovado no "SEMIEDU: Educação e seus sentidos no mundo digital". A comunicação intitulada "Formação de Professores no Contexto do PIBID/PEDAGOGIA: ações formativas em multiletramentos aliados ao uso das tecnologias de rede" intentou compartilhar um recorte do meu trabalho de conclusão de curso, finalizado em agosto de 2015.

Diante do envolvimento com os estudos e pesquisas na área de formação de professores e as tecnologias, senti a necessidade de ampliar o meu repertório de conhecimentos nesta área que ocupa, na atualidade, relevância ímpar frente à complexidade da educação diante dos múltiplos desafios da sociedade contemporânea. Assim, o projeto intitulado "Tecnologias de Rede na Formação dos Licenciandos da Pedagogia: uma análise das narrativas de aprendizagem dos bolsistas do PIBID" surgiu das inquietudes provocadas desde a escolha do tema de estudo e da pesquisa desenvolvida para o TCC para a conclusão do curso de Pedagogia. Ao escolher estudar sobre o tema já estava convicto de que a formação de professores e a formação humana

são ações que ocorrem ao longo da vida, a aprendizagem prolonga-se cada vez mais na história pessoal e social, e a educação ganha novas formas de ensinar e aprender.

No ano de 2016, comecei a trabalhar em uma escola rural situada no assentamento Japuranã na cidade de Juara. Naquela ocasião estava como professor efetivo do município de Juara, pois havia prestado concurso público ainda na graduação. Foi uma experiência única e com diferentes desafios. A escola está a 170 km de distância da cidade e, no período que lecionei, a unidade escolar não contava com energia elétrica, que era fornecida por um motor. As salas eram multisseriadas, ou seja, o desafio posto era trabalhar com as turmas do primeiro, segundo e terceiro anos na mesma sala de aula.

No mesmo ano, participei da seleção de professores para atuar no curso de Pedagogia e no mês de maio iniciei a docência no ensino superior na Universidade Estadual do Estado do Mato Grosso (UNEMAT); para tanto, solicitei junto à Secretaria de Educação exoneração do meu cargo de professor.

Ainda no mesmo ano, fui convocado a trabalhar em uma escola integral, em tempo integral. Pertinente ao período, participei de duas seleções para o mestrado em Educação, na UNEMAT e na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), no entanto, não fui selecionado.

No ano de 2017, participei da seleção de mestrado na Universidade de São Paulo (USP), na cidade de São Paulo, e no dia da seleção foi apresentado o edital para a seleção da Pós-Graduação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Ao retornar à Juara e ler o edital da seleção para o mestrado, fico entusiasmado pela possibilidade de participar da seleção. Após reunir os documentos exigidos e indicar os professores da linha de pesquisa *Linguagem, Educação e Cultura*, iniciei os estudos para a prova dissertativa. Muitos foram os desafios, uma vez que a unidade de Paranaíba fica distante cerca de 1.700 km do local que residia. Assim, para participar da seleção, precisei de professor substituto, visto que no momento da seleção estava atuando na docência tanto no ensino superior como na educação básica e seria necessária uma semana de substituição, pois apenas para a viagem até a cidade de Paranaíba seriam necessários dois dias de viagem tanto para ir, como para voltar.

No mês de julho de 2017 fui aprovado no Mestrado em Educação pela UEMS. Assim, para iniciar a nova etapa no Mestrado, foi necessário romper os contratos tanto no ensino básico quanto no superior, uma vez que fui selecionado para ser bolsista na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Ao ingressar no mestrado, muitos foram os desafios, também, a começar pela escolha das disciplinas que seriam cursadas, pois buscava privilegiar as disciplinas que tivessem alguma relação com a pesquisa proposta, mas, de todas as experiências vivenciadas no Mestrado, o Estágio de Docência talvez tenha sido a mais enriquecedora.

Para realizar o estágio de docência na graduação, inúmeros caminhos foram percorridos. Em reunião com meu orientador professor Dr. Jose Antonio de Souza, e conversa com a professora supervisora, Professora Dra Estela Natalina Mantovani Bertolotti, no mês de fevereiro de 2018, ficou acordado que o estágio seria realizado na disciplina *Linguagem e Literatura Infantil*, na segunda série do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, no período de 26 de abril a 14 de junho de 2018.

Tendo como parâmetro o regulamento do estágio de docência na graduação para alunos de pós-graduação *Stricto Sensu* da Universidade do Estado do Mato Grosso do Sul, Deliberação CPPG CEPE/UEMS N° 212, de 11 de abril de 2017, entende-se o estágio de docência como atividade para alunos regularmente matriculados nos cursos de pós-graduação da UEMS, contemplados com bolsa, sendo que, de acordo com tal legislação, o estágio “[...]tem por objetivo contribuir na formação e preparação de alunos de pós-graduação para a docência e a qualificação de graduação”.

Observa-se a concordância entre a Deliberação CPPG CPEPE/UEMS n°212 com a Lei de Diretrizes e Bases n° 9394/96, uma vez que a LDB prevê que instituições de ensino superior e universidades promovam situações para que o profissional em formação inicial e/ou continuada tenha a oportunidade de estar em contato com o cotidiano escolar, graduação e cursos de pós-graduação trazendo indagações e novas reflexões sobre as práticas de aprendizagem, adequação didática e oportunidade para futuras produções científicas.

Os prazos e a carga horária para a realização do estágio estão dispostos na Deliberação no art. 5º: “A carga horária total caberá ao aluno, em estágio docência, deverá ser de, no mínimo, 30 (trinta) horas para aluno de mestrado [...], respeitando a carga horária máxima de 4 (quatro) horas semanais.”

Para a realização do estágio, houve a necessidade de preencher o requerimento de estágio docência e a elaboração de um plano de atividades. No plano, são apresentados objetivos, conteúdos, metodologia, bibliografia, recursos didáticos e carga horária, distribuída da seguinte forma: duas horas tendo como objetivos compreender o estágio com leitura dirigida da Deliberação CPPG-CEPE-UEMS e preencher

documentos e requerimentos do estágio de docência disponíveis no *site* da pós-graduação da UEMS; oito horas reservadas para conhecer a rotina de atividade acadêmica da sala a estagiar em que os conteúdos versam sobre *Linguagem e Literatura Infantil*; dez horas de atividades para separar e selecionar conteúdos previstos no plano de ensino, item 3.5 do conteúdo programático da disciplina (o suporte de leitura, o leitor e o navegador); dez horas de regência, sendo seis horas de aulas expositivas dialogadas e quatro horas para produção de leitura infantil em livros digitais.

A experiência com o estágio possibilitou maior contato com a Literatura Infantil; da mesma forma, permitiu maior contato com as questões da pesquisa, especialmente aquelas relacionadas ao suporte e às questões tecnológicas. Vale ressaltar que as atividades voltadas em colaboração com o Programa versam acerca dos estudos dos letramentos e letramentos digitais e a literatura infantil digital. São atividades voltadas para a elaboração da dissertação. No entanto, é importante ressaltar as relações estabelecidas com a graduação em Pedagogia, da UEMS, Unidade Paranaíba, pois a partir do Estágio de Docência, foram desenvolvidas atividades com os alunos da graduação.

O interesse pelo estudo do tema apresentado nesta pesquisa se deu em função das experiências que tive, em minha formação, com as questões relacionadas às tecnologias e multiletramentos, mas também pelo interesse nos estudos de letramento(s) e a literatura, em especial, a literatura infantil. Os estudos na temática oportunizaram que a pesquisa investigasse o que há de produção na área de literatura infantil associadas às interfaces digitais. Ao compreender que a literatura infantil ocupa destaque, uma vez que é pela literatura literária que crianças acessam o mundo da leitura. Dessa forma, o estudo apresenta a possibilidade de entender a literatura infantil e quais as modificações que esta vem incorporando com a presença das tecnologias.

INTRODUÇÃO

O livro está diretamente ligado à evolução da humanidade e nos diversos setores socioculturais. A necessidade de registrar conhecimentos, acontecimentos, a comunicação, a retenção e transmissão de todas as experiências humanas fazem do livro o principal suporte para tais registros. O avanço das tecnologias da informação e comunicação (TIC) transformou a apresentação do livro, enquanto suporte da escrita.

É preciso considerar a evolução dos computadores pessoais que, não eram conectados na rede de *Internet* e aos sistemas operacionais portáteis como *celulares* e *tablets* que possuem inúmeras formas de conexões e formas de armazenar dados em nuvens, esta tecnologia permite guardar dados na *Internet* sem precisar de memória de um computador. A dinâmica social atual do ciberespaço nada mais é que esse desejo de conexão realizando de forma planetária. É a transformação do PC (Personal Computer), o computador individual, desconectado, austero, feito para indivíduo racional e objetivo, em um CC (Computador Coletivo), os computadores em redes. Lemos (2008, p. 71) afirma que “O lema da microinformática será Computador para o Povo”. Nesta perspectiva, “os ciberespaços são compostos de um conjunto de computadores onde todas as informações circulam livremente na rede.” (LEMOS 2008, p. 101)

Frente às crescentes transformações advindas da sociedade em rede (CASTELLS, 1999), os educadores tem sido desafiados a atuar com realidades muito complexas, dadas as inúmeras transformações que perpassam o mundo social. As novas tecnologias possibilitam que qualquer indivíduo escreva textos em qualquer formato. Ao utilizar as TIC, o usuário apropria-se de diferentes recursos para a produção de textos podendo inserir efeitos, sons, imagens. Ao produzir um vídeo, por exemplo, utiliza diferentes metodologias e critérios.

As tecnologias permitem que usuários escrevam textos em diferentes suportes. Ao utilizar as TIC apropriam-se de diferentes recursos como efeitos, sons, imagens e *Hiperlink* para a produção do texto. Os *hiperlinks* consistem em *Links* que vão de uma página na *Internet* a outra. O Link é elemento da hipermídia formado por um texto em destaque e ao ser acionado provoca a exibição de uma outra página, arquivo ou texto.

Na sociedade contemporânea, em que a produção do conhecimento e as inúmeras formas de divulgação são intensificadas nas práticas sociais, surgem novos

desafios, novas formas de ensinar e aprender. Na medida em que surgem novas tecnologias, uma nova aprendizagem se impõe no que diz respeito, especialmente, às formas de apropriação dos múltiplos letramentos.

A definição de Tecnologias de Informação exposta por Castells (1999) é de que a informação é acessível a qualquer indivíduo, independente do grupo social e que o uso e a apropriação destas tecnologias permitem o surgimento de usuários que “aprenderam a tecnologia fazendo, o que acabou resultando na reconfiguração das redes e na descoberta de novas aplicações” (CASTELLS, 1999, p. 69).

A sociedade contemporânea imersa pelo acesso e uso das Tecnologias de Rede (TR) desenvolve cultura distinta ao impresso. Lévy (2008) destaca que a escrita foi fundamental na agricultura da antiguidade, uma vez que para semear, esperar os ciclos lunares, colher e armazenar até a próxima colheita exigiu o domínio da leitura e da escrita. O autor justifica uma aproximação entre a escrita e a agricultura visto que “Nossa *página* vem do latim *pagus*, que significa campo de agricultor.” (LÉVY, 2008, p. 78). Ao comparar a escrita com a agricultura, Lévy (2008) indica que ambas dependem do tempo, ou seja, a agricultura depende das estações, como a escrita intercala o tempo entre emissão e recepção da mensagem.

O caráter digital proporciona continuidade à diversificação do livro para crianças. A literatura infantil está disponível em suporte *online* e o formato permite ao leitor interagir com o livro. As páginas são trocadas com o *clikdo mouse* ou *touch screen*, e o usuário escolhe, dependendo da especificidade do livro, ler ou ouvi-lo, a partir do áudio. A leitura literária e o uso das tecnologias digitais possibilitam o acesso ao texto literário de forma *online* ou *offline*, oportunizando interação na *interface*. Muito embora as virtualidades em tela e as especulações sobre o computador e materiais impressos em que um pode substituir o outro, Barton e Lee (2015) enfatizam que “Como as virtualidades não são pré determinadas, há um limite para a utilidade de tentar listar as “propriedades” de uma tecnologia. Um *smartphone* tem certas prioridades, tais como acesso à internet e instalação de *software*”. (BARTON e LEE, 2015 p. 45).

A literatura infantil oportuniza o contato da leitura e proporciona condições para despertar o interesse das crianças pela arte. No livro infantil ilustrado predomina a imagem e esta categoria representada em formato digital integra a história a fim de serem percebidos elementos interatividade e multimídia. O uso das modalidades de informações, tais como imagem, animação, som, potencializam o entendimento do

texto. Os livros impressos mantêm a estrutura dos livros manuscritos, enquanto os textos escritos em suporte digital permitem ao leitor reunir textos que são escritos e dispostos na rede.

Neste sentido, a literatura infantil contemporânea, tanto no impresso como no digital potencializa a formação do leitor literário e aliar a literatura infantil no impresso e no digital oportuniza a imersão ao mundo da leitura e da escrita. A literatura infantil digital é toda literatura destinada ao público infantil que estiver em suporte digital e o leitor é quem provocará a interpretação e atualização.

O imaginário infantil que era estimulado apenas em livros impressos ganham formas e versões digitais. Livros digitais são aqueles que estão disponíveis na *web* podendo estar nas versões *Hypertext MarkupLanguage (HTML)*, na extensão de arquivo de texto (*TXT*) e *PortableDocumentFormat (PDF)*, entre outras, na qual para realizar a leitura é necessário um computador, *smartphones* e *outablets* com ou sem navegação na internet. As versões em (*HTML*) exigem o acesso a internet.

O objetivo principal dessa pesquisa foi analisar a obra *A menina das estrelas*, escrita por Tulipa Ruiz e divulgada em suporte digital, além de realizar um levantamento bibliográfico de títulos literários infantis digitais em plataformas gratuitas.

Os objetivos específicos assim se delinearão: (a) evidenciar a literatura infantil digital para favorecer a aquisição de habilidades e capacidades leitoras; (b) empreender um mapeamento de histórias digitais gratuitas; e (c) entender o processo de apropriação da leitura da literatura digital, mediada pelas TIC.

Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica, uma vez consideradas as fontes utilizadas. Em primeiro momento a pesquisa buscou compreender os conceitos de literatura infantil, letramento(s) e as tecnologias da informação e comunicação. Para isso foi necessário a realização da pesquisa bibliográfica, destacada por Severino (2016) como “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc”. (SEVERINO, 2016, pg. 131). A segunda parte consiste em pesquisa documental, ou seja, mapeamento e análise do livro digital em questão. Para Severino (2016), na pesquisa documental “tem-se como fonte documentação no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais.” (SEVERINO, 2016, pg. 131).

A dissertação foi estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo o estudo tem como objetivo compreender a literatura infantil. Para tanto, a pesquisa teve

embasamento, entre outros, em Coelho (2000), obra em que a autor destaca que a literatura infantil é arte em palavras e que representa o mundo imaginário. A literatura infantil possibilita construir e viver momentos que favorecem a criatividade. Na sociedade contemporânea, a leitura tem se diversificado ao passo que possibilita a interação com os diferentes gêneros literários e suportes.

Com o advento das tecnologias em suporte, a literatura digital constrói novo acesso ao texto literário. O uso de recursos tecnológicos, como *mouse*, *touchscreen*, teclado, é necessário para a leitura do texto. Tais recursos permitem ainda que os textos sejam interativos e a inserção de áudios, imagens, entre outros recursos, proporciona ao leitor o papel de navegante. Neste sentido, a leitura da literatura digital proporciona ao leitor participação ativa na leitura. Os leitores têm acesso aos livros impressos e livros digitais e quanto a essa questão Barton e Lee (2015) ressaltam que a compreensão da linguagem em suporte digital procura entender os modos como esse tipo de texto é produzido e quais recursos são mobilizados na construção de sentidos no qual incluem sons, imagens, gestos. A escrita em suporte digital possibilita que os usuários produzam textos multimodais, ou seja, ao escrever em uma rede social, são disponibilizados recursos para que os leitores possam inserir imagens, sons e recursos específicos da literatura infantil.

Os estudos acerca do suporte e sua textualidade tiveram fundamentação teórica em Roger Chartier, com os livros “Os desafios da escrita” (2002); “A aventura do Livro do leitor ao Navegador” (1999). Para o autor, o objeto é o suporte em que foi escrito o texto; na cultura escrita a relação entre os tipos de objetos, tais como livros, cartas, revistas, diários, determinam categorias de textos e formas de leitura. Assim, uma manchete de jornal, letreiro, bilhetes, mensagens instantâneas e postagens em redes sociais são textos. Barton e Lee (2015) destacam que texto é uma frase, um capítulo ou um livro. “Textos são criados e podem ser escritos de muitas maneiras. São grafitados em muros, ou publicados em jornais, ou escritos em diários. Os textos são, então, utilizados; são lidos, exercem influências, são respondidos” (BARTON e LEE, 2015, p. 42).

O conceito de letramento neste capítulo foi fundamentado a partir das considerações de Tfouni(2005), ao enfatizar que a alfabetização ocorre em escolas normais, e que o letramento vai além da aquisição da escrita, permeado pelas ações e políticas sociais. Tfouni (2005) destaca em seus estudos as conseqüência da ausência da escrita a nível individual e em grupos. Kleiman (2006) considera que os estudos sobre

letramento promovem a compreensão da realidade de grupos sociais não alfabetizados, que não conhecem a escrita; a autora ainda afirma que os estudos sobre o letramento examinam o uso social da escrita. Mortatti (2004) enfatiza que o convívio com a língua escrita influencia diretamente no uso da língua oral, modificando tanto o indivíduo quanto a sociedade em que está inserido. Para a autora, com o desenvolvimento cultural e tecnológico como a *Internet* surge uma infinidade de recursos e equipamentos e a leitura e a escrita são modificadas e, assim, sugere um novo tipo de letramento.

Com a multiplicidade presente nos textos e a pedagogia dos multiletramentos, a ação de ler está em articular as diversas formas de linguagem além da escrita. Para Rojo (2013) a multiculturalidade presente na sociedade globalizada e a multimodalidade dos textos sugere um novo conceito: multiletramentos. Ao considerar o letramento digital na sociedade contemporânea, é preciso salientar, mais uma vez, que ler ou escrever em suporte digital utilizam diferentes recursos como mouse, teclado, *touchscreen*. Para a construção do sentido dos textos, os participantes necessitam filtrar e avaliar de forma crítica as informações e entender as regras que regem a comunicação do sistema operacional.

No segundo capítulo, os estudos se voltaram à sociedade contemporânea, imersa na utilização das TIC, e o crescente acesso a aparelhos eletrônicos que fizeram com que surgissem novas formas de ler e escrever. Compreender que as tecnologias não substituem recursos como lápis e papel em sistema educacional, mas sim potencializam as aprendizagens, pois as tecnologias permitem que em um único texto possamos encontrar imagens, sons e vídeos. Com o surgimento de uma nova linguagem, o digital Kenski (2008) enfatiza que a linguagem digital, expressa em múltiplas TIC, impõe mudanças nas formas de acesso à informação, à cultura e ao entretenimento. O autor destaca ainda que a linguagem digital presente nos aparelhos tecnológicos, o acesso à internet e os jogos eletrônicos “com todas as possibilidades de convergência e sinergia entre as mais variadas aplicações dessas mídias, influencia cada vez mais a constituição de conhecimentos, valores e atitudes. Cria uma nova cultura e uma outra realidade informacional.” (KENSKI. 2008, p. 33)



Com as novas tecnologias, surge uma nova forma de escrever e inúmeros recursos são disponibilizados. Barton e Lee (2015) afirmam que os espaços *online* de aprendizagem refletem em entender o uso dos textos *online* como prática situada. Os textos *online* permitem que o leitor decida que caminho percorrer e a escrita a ser utilizada. A tecnologia de comunicação digital tem forte impacto na interação humana e

com o advento das tecnologias digitais, pictogramas, ideogramas e logogramas ganham versão digital.



Diante do exposto o capítulo apresentou modificações elaboradas pela constante mudança da telecomunicação e informática que modificam as formas de conviver em sociedade. As transformações na forma de escrever, ler, uma vez que a leitura e a escrita em tela separa o homem do objeto. Objeto para Chartier (1999) é livro, caderno em que é inserido a escrita. Com o computador, *tablets* e *smartphones*, a relação do leitor com a tela difere-se da do papel, assim como para escrever é necessário utilizar o teclado, mouse, entender funções em editor de textos e para a leitura *online* é preciso compreender as linguagens que circulam tanto nas redes sociais como em e-mails, protocolos.

No terceiro capítulo são apresentados os livros da coleção *kidsbook* do programa “Leia para uma criança” da Fundação Itaú. Os livros estão no formato *HTML* e sua leitura é feita *online*. A coleção é composta dos livros: “*O Menino e o Foguete*” escrito por Marcelo Rubens Paiva; “*O Sétimo Gato*” escrito por Luis Fernando Verissimo; “*O Cabelo da Menina*” escrito por Fernanda Takai; “*Entre Sonhos e Dragões*” escrito por Adriana Carranca; “*A Bicicleta Voadora*” escrito por Antonio Prata; “*Chapeuzinho Vermelho*” escrito por Irmãos Grimm e traduzido por Mariana Beer; “*Pode ser*” escrito por Adriana Falcão; “*A menina das Estrelas*” escrito por Tulipa Ruiz; “*Azizi, O Menino Viajante*” escrito por Conceição Evaristo e a “*Canção dos Pássaros*” escrito por Zeca Baleiro.

Tabela 1: Apresentação da coleção do Itaú: Leia para uma criança “Kidsbook”

Coleção Kidsbook	Título	Autor	Ilustrador
	O Menino e o Foguete	Marcelo Rubens Paiva	Alexandre Rampazo
	A história é sobre um garoto que se deixou levar pela curiosidade e decolou em uma aventura pelo espaço sideral.		
	Link para acesso para <i>smartphone</i> ou <i>tablet</i> : http://euleioparaumacrianca.com.br/mobile/historias/o-menino-e-o-foguete/		
	O sétimo Gato	Luis Fernando Verrissimo	Willian Santiago
	Um garoto ganha sete gatos e cada um tem um jeito diferente, com humor diferente e falando uma língua diferente.		
	Link para acesso <i>smartphone</i> ou <i>tablet</i> :		

	http://euleioparaumacrianca.com.br/mobile/historias/o-setimo-gato/		
	Título	Autor	Ilustrador
	O cabelo da Menina	Fernanda Takai	Carolina Ina
	Conta a história de uma garota que foi capaz de mudar a atitude de uma escola com sua personalidade e seu corte de cabelo.		
	Link para acesso <i>smartphone</i> ou <i>tablet</i> : http://euleioparaumacrianca.com.br/mobile/historias/o-cabelo-da-menina/		
	Título	Autor	Ilustrador
	Entre Sonhos e Dragões	Adriana Carranca	Brunna Mancuso
	Conta a história de meninas e meninos que se uniram para defender o reino que foi invadido por dragões		
	Link para acesso <i>smartphone</i> ou <i>tablet</i> : http://euleioparaumacrianca.com.br/mobile/historias/entre-sonhos-e-dragoes/		
	Título	Autor	Ilustrador
	O Chapeuzinho Vermelho	Irmão Grim Traduzido: Mariana Beer	Bruna Assis Brasil
	Uma adaptação moderna e divertida da história dos irmãos Grimm. Chapeuzinho vermelho é uma garota esperta que adora a sua vovó.		
	Link de acesso para celular ou <i>smartphone</i> : http://euleioparaumacrianca.com.br/mobile/historias/chapeuzinho-vermelho/		

	Título	Autor	Ilustrador
	A bicicleta Voadora	Antonio Prata	Caio Bucarechi
	Uma bicicleta, uma pipa e uma amizade que realiza sonhos que parecia distante para ambas.		
	Link de acesso para <i>smartphones</i> ou <i>tablet</i> : http://euleioparaumacrianca.com.br/mobile/historias/a-bicicleta/		
	Título	Autor	Ilustrador
	Pode Ser	Adriana Falcão	Willian Santiago
	Nesta história Adriana Falcão traz a magia do futebol e o universo infantil em que a bola garante o entrosamento de uma garota com a turma da escola.		
	Link de acesso para <i>smartphone</i> ou <i>tablet</i> : http://euleioparaumacrianca.com.br/mobile/historias/pode-ser/		

	Título	Autor	Ilustrador
	A Menina das Estrelas	Tulipa Ruiz	Laurent Cardon
Vanessa tem um grande sonho e um livro foi o começo de tudo: alcançar as estrelas.			
Link para acesso <i>smartphone</i> ou <i>tablet</i> : http://euleioparaumacrianca.com.br/mobile/historias/a-menina-das-estrelas/			
	Título	Autor	Ilustrador
	Azizi, o Menino Viajante	Conceição Evaristo	Cleyton Almeida
Azizi, percorre o planeta em carros, navios e aviões e todos os meios de transportes são movidos a sonhos.			
Link de acesso para <i>smartphone</i> ou <i>tablet</i> : http://euleioparaumacrianca.com.br/mobile/historias/azizi-o-menino-viajante/			
	Título	Autor	Ilustrador
	A canção dos pássaros	Zeca Baleiro	Hebert Loureiro
A história é sobre pássaros que gostam de músicas: um gostava de samba, o outro de blues e o terceiro de baião.			
Link de acesso para <i>smartphone</i> ou <i>tablet</i> : http://euleioparaumacrianca.com.br/mobile/historias/a-cancao-dos-passaros/			

Tabela feita pelo pesquisador

Frente à coleção, foi escolhido um livro para análise; foram levadas em consideração a narrativa, a narração e a multimodalidade, presentes no texto. Por isso escolha do livro “A Menina das Estrelas”, escrito por Tulipa Ruiz, por conter elementos que aproximam da proposta da análise. O livro foi lançado no dia 23/10/2017 e ilustrado por Laurent Cardon. Tulipa Ruiz cria uma versão da história contada no filme “Astronauta”, criada pela Agência DPZ&T e postada no dia 04 de outubro para a divulgação da campanha do “Leia para uma criança 2017”. É possível ler “A Menina das Estrelas” por *smartphones* e *tablete*, com sistemas *Android* e *IOS*, no site do Itaú Social, pelo *Facebook* e *Instragram* por um adulto responsável observando a idade mínima permitida para uso em cada rede social.

Vale ressaltar que tratar da literatura infantil digital exige o dobro de atenção habitual, uma vez que ao falar de literatura infantil recai sobre a concepção de infância e

que as leituras para crianças são, muitas vezes, mediadas pelo adulto. O desafio posto é não tratar tal literatura como miniaturização do mundo adulto, no qual há urgência nas reflexões e na própria concepção de infância. A literatura infantil em nossos tempos é midiaticizada, o que sugere o interesse e o acesso amplo ao mundo digital.

1 LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: ASPECTOS DA ORIGEM À CONTEMPORANEIDADE

A literatura se materializa em diferentes gêneros e formatos, diante disso, este estudo tem como objetivo compreender a literatura em seus diferentes aspectos. Para isso, a pesquisa tem se embasado em Coelho (2000) na qual destaca que a literatura infantil é arte em palavras e que representa o mundo imaginário. A autora destaca que literatura infantil é linguagem.

A literatura infantil possibilita construir e viver momentos que favorecem a criatividade. Na sociedade contemporânea, a leitura tem se diversificado ao passo que possibilita a interação com os diferentes gêneros literários e suportes. Há uma multiplicidade de práticas culturais e sociais e o uso de *tablete smartphones*, o crescente número de aplicativos disponíveis para os diferentes grupos sociais possibilita o contato com a leitura e a escrita.

Com o advento das tecnologias, a literatura digital constrói novo acesso ao texto literário. O uso de recursos tecnológicos, como *mouse*, *touch*, teclado, são necessários para a leitura do texto. Tais recursos permitem ainda que os textos sejam interativos e a inserção de áudios, imagens, entre outros recursos, proporcionam ao leitor o papel de navegante. Neste sentido, a leitura da literatura digital proporciona ao leitor participação na leitura.

Por sua vez, os leitores da sociedade contemporânea têm acesso a livros impressos, livros digitais, filmes, teatro e aos inúmeros *sites* de pesquisa que oportunizam desenvolver habilidades de interpretação e imaginação. Barton e Lee (2015) ressaltam que a compreensão da linguagem em suporte digital procura entender os modos como esse tipo de texto é produzido e quais recursos são mobilizados na construção de sentidos a qual incluem sons, imagens, gestos.

A escrita em suporte digital possibilita que os usuários produzam textos multimodais, ou seja, ao escrever em uma rede social, são disponibilizados recursos para que os leitores possam inserir imagens, sons e *emoticon*.

Ao destacar a evolução do suporte e sua textualidade é apresentado a concepção de objeto tendo fundamentação teórica em Chartier (1999); (2002). Para o autor o objeto é o suporte em que foi escrito o texto, na cultura escrita a relação entre os tipos de objetos; livros, cartas, revistas, diário determina categorias de textos e formas de

leitura. O autor destaca três inovações principais: “em primeiro lugar, entre os séculos II e IV, a difusão de um novo tipo de livro o códex manuscrito. A segunda inovação Chartier (2002, p.22) destaca que no final da Idade Média antes as obras escritas eram ditadas, reproduzidas e que se definem contrário a originalidade da função do autor, uma vez que tal ofício era destinado às autoridades canônicas Para o autor, o surgimento do livro denominado de livro unitário oportuniza literatura compostas por várias obras de certos autores, relacionadas a um mesmo tema.

A imprensa de Gutenberg para Chartier (2002) possibilitam que livros sejam reproduzidos em maior escala, Chartier (2002) pondera que a imprensa reproduziu obras que antes eram manuscritas e enfatiza que o livro impresso como conhecemos hoje, capa, numeração de página, índices são elementos presentes no manuscrito. Chartier (2002) define o livro um objeto material e uma obra intelectual identificada pelo nome de seu autor, como para percepção da cultura escrita e impressa que baseia em diferenças imediatamente visíveis entre o objeto (cartas, documentos, diários, livros etc. (CHARTIER. 2002, p.22).

Com as múltiplas possibilidades de escrita ocasionadas pelo acesso à *internet* a qual oferece espaço de reflexão sobre a linguagem e comunicação, Barton e Lee (2015) afirmam que a noção de textos é central, uma vez que a maioria das práticas sociais envolve a linguagem o que é falado e é transcrito. Assim, uma manchete de jornal, letreiro, bilhetes, mensagens instantâneas e postagens em redes sociais são textos. Os autores destacam que texto é uma frase, um capítulo ou um livro. “Textos são criados e podem ser escritos de muitas maneiras. São grafitados em muros, ou publicados em jornais, ou escritos em diários. Os textos são, então, utilizados; são lidos, exercem influências, são respondidos” (BARTON e LEE, 2015, p. 42).

Tfouni (2005) este enfatiza que a alfabetização ocorre em escolas normais, e que o letramento vai além da aquisição da escrita permeado pelas ações e políticas sociais. Tfouni (2005) destaca em seus estudos as conseqüência da ausência da escrita a nível individual e em grupos. Kleiman (2006) considera que os estudos sobre letramento promovem a compreensão da realidade de grupos sociais não alfabetizados, que não conhecem a escrita. Kleiman afirma que os estudos sobre o letramento examinam o uso social da escrita. Mortatti (2004) enfatiza que o convívio com a língua escrita influencia diretamente no uso da língua oral, modificando tanto o indivíduo quanto a sociedade em que está inserido. Para a autora, com o desenvolvimento cultural e tecnológico como a

Internet surge uma infinidade de recursos e equipamentos e a leitura e a escrita são modificadas, na qual sugere um novo tipo de letramento.

Com a multiplicidade presente nos textos e a pedagogia dos multiletramentos, a ação de ler está em articular as diversas formas de linguagem além da escrita. Para Rojo (2013) a multiculturalidade presente na sociedade globalizada e a multimodalidade dos textos sugere um novo conceito: multiletramentos. Tal conceito Rojo (2013), destaca que letramentos “Tornam-se multiletramentos: são necessárias novas ferramentas além da escrita manual [...]” As práticas do letramento digital ocorrem de forma *online* e *offline*, e são mobilizadas pela participação do indivíduo ao utilizar recursos linguísticos em diferentes contextos. (BARTON; LEE, 2015) destacam que ao desenvolver o domínio da virtualidade podem ou não fazer com que os participantes *online* levem em consideração que é usuário e público alvo.

Ao considerar o letramento digital na sociedade contemporânea os participantes ao ler ou escrever em suporte digital, utilizam diferentes recursos como *mouse*, teclado, *touchscreen*. Para a construção do sentido dos textos, os participantes necessitam filtrar e avaliar de forma crítica as informações e entender as regras que regem a comunicação do sistema operacional.

1.1 Letramento Literário e Literatura Infantil

A literatura infantil se caracteriza, como todas as formas literárias, por diferentes gêneros e formatos e se caracteriza a partir do entendimento de conceitos como infância, criança e educação; além disso, retrata ou se relaciona ao período em que é produzida. Para Coelho (2000, p. 27) "A literatura infantil é, antes de tudo literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra." A autora destaca que a literatura infantil representa um mundo imaginário para as crianças de forma que, ao representar as ações do cotidiano, sejam capazes de reconhecer o mundo. Fica evidente, assim, que a "Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão." (COELHO, 2000, p. 27).

Ao afirmar que a literatura infantil é linguagem (COELHO, 2000), a autora destaca a necessidade do homem em registrar seus conhecimentos, e que, ao longo do tempo, tem modificado o suporte para que a escrita seja preservada. Para a autora, tais modificações demonstram explicações, crenças e ideias nas quais as representações

sociais refletem as interações sociais de determinados grupos. A literatura presente desde os primórdios da humanidade em que por gerações, lendas e canções é transmitida em voz com a escrita e as modificações no suporte, o que era oral passa a ser registrado.

A Literatura, fundamental para a apropriação do letramento e conseqüentemente da leitura e da escrita. A autora destaca que é "ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior possibilidade na formação da consciência de mundo das crianças e jovens." (COELHO, 2000 p. 15).

Para Zilberman (1998), os livros para criança surgem no final do século XVII e durante o século XVIII. "Antes disto, não se escrevia para elas, porque não existia infância". (ZILBERMAN 1998 p. 13). A autora parte do pressuposto de que literatura infantil surge na Europa com os *Contos da mamãe Gansa* de Charles Perrault, ilustrados por Gustave Doré em 1697.

Com a implantação da imprensa régia, segundo Lajolo e Zilberman (1999) a literatura começou a ser publicada no Brasil em 1808, mas somente no final do século XIX nasce a literatura infantil brasileira, inicialmente precária e irregular, representada pelos livros de edição portuguesa. De acordo com Lajolo e Zilberman (1999 p. 31), "Os textos que justificam as queixas de falta de material brasileiro são representados pela tradução e adaptação de várias histórias européias que, circulando muitas vezes em edições portuguesas, não tinham, com os leitores brasileiros, sequer a cumplicidade do idioma.". A partir da afirmação das autoras, fica evidente a necessidade da produção de textos com linguagem adequada para as crianças brasileiras, e se evidencia a importância da criação da literatura infantil brasileira; aos poucos essa literatura foi sendo modificada.

Na época, a educação da criança era voltada para torná-las adultas, de tal sorte que a leitura e literatura disponíveis eram voltadas para o público adulto. Para Zilberman (1998 p. 35) "Em outras palavras, embora seja consumida por crianças, a reflexão sobre o produto oferecido a elas provém do adulto". As primeiras traduções de literatura pela imprensa instalada na República foram *Aventuras pasmosas do Barão Münchhausendo* autor Rudolph Erich Raspe, publicado em Londres no ano de 1785. Lajolo e Zilberman (1999) destacam que a imprensa foi fundamental para o início da produção literária brasileira e a vinda da família imperial portuguesa foi fundamental para o início das atividades editoriais em nosso país; Na época, a imprensa era destinada para impressão de documentos da Coroa, no entanto, o suporte editorial era insuficiente ou quase não

existia para a impressão de literatura.

Lajolo e Zilberman (1999) destacam que no ano de 1818, “[...] a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leitura para meninos*, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural” (LAJOLO, ZILBERMAN, 1999 p. 23-24). O que se evidencia pelas palavras das autoras é que a literatura destinada às crianças, naquela época, eram histórias de cunho moral, apresentando temáticas diversas, mas relacionadas a certa moral, e que mesmo tendo publicação no Brasil, contemplavam assuntos referentes aos aspectos de Portugal. Não obstante, as autoras justificam que, naquele primeiro momento, a reimpressão da obra *Aventuras do Barão de Münchhausen*, publicada tardiamente, em 1848, e mesmo outras publicações eram “insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira regular para a infância” (LAJOLO, ZILBERMAN, 1999 p. 24). As autoras justificam que a literatura brasileira para a infância nasceu em um período de inúmeras transformações, especialmente junto com a Proclamação da República, com a abolição da escravatura e a vinda de imigrantes de diferentes regiões.

Aquele período foi marcado pela transição de regime, pois o Brasil deixava de ser um país Monarquista para se transformar em República; além disso, a expansão do café, a falta de trabalho escravo e a necessidade de Mão de obra amarcam o desenvolvimento do mercado brasileiro. Diante disto, verifica-se o surgimento de uma sociedade não mais tão fragmentada em que apenas as classes abastadas tinham acesso à literatura e frequentavam as escolas e, sim, embora que para poucos, a oportunidade de acesso às revistas femininas, romances curtos, material escolar e livros para crianças passam a ser uma realidade.

A literatura infantil, para Lajolo e Zilberman (1999), como apresentado anteriormente, surge no final do século XIX. Figueiredo Pimentel publica na Biblioteca Infantil Quaresma a coleção *Contos da Carochinha* (1894). São traduções, reedições e adaptações de histórias que inauguram a coleção e posteriormente, publica também *Histórias da avozinha* (1896), *Histórias da baratinha* (1896). As autoras destacam Carlos Jansen que no período anterior traduz e adapta histórias estrangeiras como: *Contos seletos de mil e uma noite* (1882), *Robson Crusóe* (1885) e *Aventuras do celeberrimo Barão de Munchhausen* (1891) para a editora Laemmert.

Na literatura infantil brasileira, José Bento Monteiro de Lobato, dedica-se à literatura, em especial à literatura infantil, e tem publicado vários livros como: A

Menina do Narizinho Arrebitado (1921); *O Saci* (1921); *O Marquês de Rabicó* (1922); *O Pica Pau Amarelo* (1939), entre outros. Podemos encontrar em suas obras, livros de ficção e outras questões voltadas para a política, a sociedade e a economia. Vale ressaltar que a obra “*A menina do narizinho arrebitado*”, em 2010, teve uma edição disponibilizada pela editora Globo. A edição era interativa para *Ipad* com versões pagas e gratuitas. A primeira versão da obra “*A menina do narizinho arrebitado*” esta disponível na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. A obra está em suporte digital e no site da biblioteca é possível fazer o *download* ou visualização em PDF. Para a visualização é necessário acesso à *Internet*.

A Literatura Infantil é considerada essencial para o conhecimento e a aprendizagem, pois possibilita às crianças construir e viver em um mundo de encantamentos, vivenciar experiências enriquecedoras que favorecem sua criatividade, papel importante para o seu desenvolvimento.

A leitura é fundamental na vida de qualquer criança. Neste sentido, Zilberman (1998, p.14) afirma que “[...]a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade”.

O mediador, pode orientar as crianças a procurar a leitura adequada, sendo esta uma fonte enriquecedora de conhecimentos que ajuda no desenvolvimento pessoal e social da criança. Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, pois começamos a dar sentido a ele quando estamos lendo; consoante Freire (1989, p. 8) “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de qualquer coisa, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica das palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. O autor destaca que ao ingressar em uma instituição, o indivíduo é capaz de fazer diferentes leituras compreendendo imagens, sons, áudios, vídeos e textos em diferentes suportes. Com a evolução das mídias, ocasionadas pelos avanços da tecnologia digital, e a mudança no suporte de leitura, surgem novas formas literárias. A leitura literária permite ao indivíduo interagir com o mundo, nisto a leitura de literatura infantil em suporte digital estar presente no cotidiano oportuniza a formação do leitor.

Há uma multiplicidade de práticas culturais e sociais que envolvem a leitura e a escrita na sociedade contemporânea: os novos modos de leitura, uma vez que há pouco tempo os livros eram de papel, e que poucos eram leitores. Na sociedade atual,

encontram-se uma variedade de textos em suporte digital; no Brasil, entretanto, vale a pena ressaltar que o acesso a *smartphones* e *Tablets* ainda é algo restritivo, uma vez que boa parte da população brasileira ainda não tem acesso a esses produtos; até mais: grande parte da população que tem acesso aos aparelhos ligados à internet, utilizam esses aparelhos mais para comunicação e entretenimento. A leitura nesses suportes está relacionada a redes sociais, aplicativos de comunicação, entre outras ações do cotidiano, como pagar um boleto por meio do aplicativo do banco, verificar hora, previsão do tempo, trânsito e jogos infantis.

Diante do exposto, (SILVA, DEBUS 2016 p. 163) enfatizam que "A leitura literária envolvendo as tecnologias digitais constrói uma nova possibilidade de acesso ao texto literário, a leitura "navegativa" pode possibilitar a interação num simples passar do mouse pelos *links* que tem movimento, som e imagem,[...] demonstra assim que a literatura infantil antes restrita ao papel, agora já incorpora recursos como a inserção de áudio, imagens em movimento, entre outros recursos. No entanto, para as autoras, a literatura infantil em suporte digital proporciona ao leitor o papel de navegante em que as ações de ler modificam a estrutura do texto e "[...]o/a leitor/a tem a possibilidade de participar ativamente do ato da leitura, às vezes deixando marcas no próprio texto, de acordo com sua vontade e expectativas, na infinidade de textos e possibilidades que tem a sua disposição, caracterizando a interação leitor/a [...]"(SILVA, DEBUS 2016 p. 164). Neste sentido, a leitura da literatura digital proporciona ao leitor seja ainda mais participativo em seu ato de leitura.

A literatura infantil na sociedade contemporânea, tanto no suporte impresso como no digital, oportuniza a formação do leitor literário. Vale ressaltar que a literatura digital não exclui a literatura impressa, uma vez que uma não substitui a outra, mas sim cria outras possibilidades em relação ao acesso à leitura, fator primordial na formação leitora. Tornam-se, assim, relevantes e mesmo necessários os estudos que privilegiam os distintos suportes.

1.2 Leitura e literatura para crianças e o imaginário infantil

A leitura feita por um mediador motiva as crianças para que construam o hábito de ler. Ela pode indicar livros impresso, livros digitais, filmes, *sites* de pesquisas que interessem às crianças e oportunizem desenvolver suas habilidades de interpretação e imaginação. Barton e Lee (2015) ressaltam que a compreensão da linguagem em

suporte digital procura entender os modos como esse tipo de texto é produzido. Para os autores, os modos “referem-se em geral a sistemas ou recursos que as pessoas mobilizam na construção de sentidos. Eles incluem a linguagem falada e escrita, imagem, som, gestos etc.” (BARTON e LEE, 2015, p.47). A multimodalidade está presente nos textos contemporâneos em que combinam a linguagem verbal com elementos visuais. Encontram-se em jornais e revistas diversas imagens que colaboram para o entendimento de leitura. Os autores ressaltam que “Com o impresso tradicional, o leitor tem escasso controle sobre o *layout* ou fontes. No entanto, quando se trata de multimodalidade na tela do computador, é relativamente fácil para qualquer um produzir textos multimodais.” (BARTON e LEE, 2015, p. 47). A escrita em suporte digital possibilita que os usuários produzam textos multimodais, ou seja, ao escrever em uma rede social, são disponibilizados recursos para que os leitores possam inserir imagens, sons, e *emoticon*. Permitem também que o leitor interaja com o texto no qual poderá responder com textos escritos, uma foto ou uma imagem.

Foucambert (1994) destaca que “Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a esta escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.” (FOUCAMBERT, 1994, p.5). Fica evidente, assim, que o ato de ler está consequentemente ligado as ações do cotidiano. Ao ler uma carta, ou um *e-mail*, o leitor se questiona, “mas o ato de ler, em qualquer caso, é o meio de interrogar a escrita e não tolera a amputação de nenhum de seus aspectos” (FOUCAMBERT, 1994, p.5). Para o autor, a criança com cinco anos de idade é capaz de criar significados, o que oportuniza a apropriação de diferentes linguagens. Diante do exposto fica evidente a urgência de contruir caminhos para que a leitura seja realizada não apenas relacionando o oral ao escrito mas que inclua o visual. “Na escola, prefere-se explorar a língua escrita sem apelar para a memória visual, centrando fogo no domínio de um código de correspondência aproximativa” (FOUCAMBERT, 1994 p. 7).

Por meio da leitura, as crianças descobrem outro mundo, transformando as histórias em sonhos e fantasias. Coelho (2000, p. 46) destaca que a literatura infantil “[...] como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura é arte.” Estes estímulos permitem que o leitor conheça o tempo e o espaço em que o texto foi escrito, e que ao conhecer o mundo que o cerca será capaz de ter consciência do mundo. A autora destaca que literatura é arte, nisto “Da mesma forma, toda leitura que, consciente ou

inconscientemente, se faça em sintonia com a essencialidade do texto lido, resultará na formação de determinada consciência de mundo no espírito do leitor" (COELHO, 2000 p. 50). Para a autora, essas ações implicam muitas questões, uma vez que "[...] resultará na *representação* de determinada realidade ou valores que tomam corpo e mente." (COELHO, 2000 p. 50).

É importante que as crianças construam o hábito de leitura o mais cedo possível. Ao transformar a leitura numa rotina, estas devem ser prazerosas, fontes de novas descobertas. Com elas, as crianças poderão se identificar e se descobrir. Contudo, vale ressaltar que na formação inicial para a docência, os diversos cursos de Licenciatura e Pedagogia não contemplam tanto quanto seria necessário a questão da leitura, especialmente da leitura literária; ainda é bastante comum não existir disciplina de literatura e literatura infantil, na formação inicial de muitos professores brasileiros. De tal forma, que Cademartori (2009, p. 25) ressalta o fato de não podermos esquecer que “muitos professores não tiveram as condições necessárias para se desenvolverem devidamente como leitores e, às vezes, pensam ser deficiência pessoal o que, na verdade, provêm de âmbito muito mais amplo, como a dívida social do país com seu povo.”.

A literatura faz parte da aprendizagem inicial na vida das crianças, sendo que algumas crianças não têm o hábito da leitura em impressos ou em suporte digital, assim, oferecer as suas crianças textos interessantes para que elas descubram o prazer da leitura. Ao realizar leitura em diferentes suportes para as crianças, oportuniza a apropriação e a construção de significados para a leitura de mundo.

A literatura infantil, além de ser um dos recursos mais encantadores no processo educacional, proporciona experiência emocional, tanto ao ouvir as histórias como ao ler. Coelho (2000) destaca que a literatura e a literatura infantil oportunizam ao leitor consciência de mundo. Apesar de questionar o espaço da literatura infantil na sociedade contemporânea, em que a leitura já não é somente em impressos, a autora afirma que “A literatura, e em especial a literatura infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade de transformação: a de servir como agente de formação. [...]” (COELHO 2000 p.15). Para a autora, a literatura infantil tem a função social de estimular a imaginação das crianças, possibilitando assim que elas possam entender os significados do mundo em que vivem, estabelecendo que “ Para além do prazer/emoção estético, a literatura contemporânea visa *alertar ou transformar na consciência crítica* de seu leitor/receptor.” (COELHO, 2000 p. 29). A autora ainda aponta que a diferenciação

entre a literatura adulta para a infantil é a relação do leitor com o texto, uma vez que, na literatura infantil, o receptor ou leitor é a criança. Desta forma, a autora nos alerta que a literatura infantil vai além de livros coloridos e ou educativos, além da história que é contada por alguém. A ligação de leitura com aprendizado ou diversão para a autora é uma visão da infância em que a criança é um adulto em miniatura, ou seja, os primeiros textos infantis são textos para adultos adaptados para as crianças. "Devido a essa função básica, até pouco tempo, a literatura infantil foi minimizada como *criação literária* e tratada pela cultura oficial como um gênero menor." (COELHO, 2000 p. 29).

A leitura parte do pressuposto da compreensão de aspectos sócio culturais, cognitivos, afetivos e pedagógicos, nessa perspectiva verifica-se a leitura composta de múltiplas linguagens, nisto a leitura da literatura infantil parte da inter-relação entre a idade da criança e o nível de conhecimento que cada uma possui a autora afirma que: "A criança inicia o reconhecimento da realidade que o rodeia, principalmente pelos contatos afetivos e pelo tato." (COELHO, 2000 p. 33). Para essa fase a autora destaca que para estimular a imaginação é necessário deixar a disposição para as crianças gravuras, desenhos, brinquedos que tenham sons. Justifica que "É também o momento em que a criança começa a *conquista da própria linguagem* e passa a *nomear as realidades* à sua volta." (COELHO, 2000 p. 33). A autora destaca que a segunda infância é o "Início da fase egocêntrica e dos interesses ludopráticos. Impulso crescente da adaptação ao meio físico e crescente interesse pela comunicação verbal." (COELHO, 2000 p. 33). A autora considera que a apresentação do livro nessa fase é feita por um adulto que escolhe a literatura, e ao ler oportuniza a descoberta da linguagem utilizando o mundo concreto, ou seja, ao utilizar imagens presentes no cotidiano e textos breves, a criança é capaz de perceber o mundo real em palavra.

Mortatti (2004, p.100) ressalta que a leitura e a escrita são bens culturais e que "encontram-se a leitura e a escrita como saberes constitutivos das sociedades letradas e que devem proporcionar aos indivíduos ou grupos sociais não apenas acesso a ela, mas também participação efetiva na cultura da escrita." Diante do exposto fica evidente que a apropriação da leitura e da escrita são fundamentais para que o indivíduo tenha conhecimento do mundo que o cerca e que, tanto a leitura quanto a escrita, são transformadoras nas relações sociais. Mortatti destaca, ainda, que a apropriação da leitura e escrita exigem aptidões de diferentes conhecimentos. "Leitura e escrita são processos distintos que envolvem diferentes habilidades e conhecimentos, bem como diferentes processos de aprendizagem, e podem ser compreendidos em uma dimensão

individual e em dimensão social." (MORTATTI, 2004 p. 100). A literatura infantil oportuniza o desenvolvimento das crianças, uma vez que o contato com histórias permite que a criança conheça ou esteja em outros lugares, bem como o contato com a cultura da leitura e da escrita.

A renovação da leitura e da escrita nos textos digitais oportuniza a interatividade com a emissão e recepção de mensagens. Diferentemente dos textos impressos, os textos digitais possuem estrutura diferente, uma vez que há participação em inúmeras operações. Para Chartier (2000, p.77), a leitura é sempre a apropriação, invenção e produção de significados, já que "Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico

1.3 Letramento na educação infantil: suportes, novas textualidades e diferentes modos de leitura

Com a evolução do suporte da leitura e da escrita, surge a necessidade de um novo letramento. Para Chartier o objeto é o suporte em que foi escrito e que com os textos digitais há uma ruptura na ordem de discursos. Chartier (2002) destaca que "Na cultura impressa, como a conhecemos, essa ordem se estabelece a partir da relação entre tipos de objetos (os livros, o diário, a revista), categorias de textos e formas de leitura." (CHARTIER, 2002, p. 22). Destaca que três inovações principais: "em primeiro lugar, entre os séculos II e IV, a difusão de um novo tipo de livro, que ainda é o nosso, isto é composto de folhas e páginas reunidas dentro de uma mesma encadernação que chamamos de códex e que substituiu os rolos da Antiguidade grego romano." O autor sugere que o livro a conhecemos, separados em cadernos e agrupados com capa, índice é uma herança cultural e que a estrutura do livro que conhecemos seja manuscrito ou impresso é objeto composto de folhas dobradas e paginadas e agrupadas umas nas outras, definido o formato do livro a uma sucessão de cadernos. Chartier(1999, p. 7-8) destaca ainda que "A distribuição do texto na superfície da página, os instrumentos que lhe permitem as identificações (paginação, numerações), os índices e sumários: tudo isto existe desde a época do manuscrito."

A segunda inovação Chartier (2002, p.22) destaca que no final da Idade Média "o aparecimento do "livro unitário, ou seja, a presença, dentro de um mesmo livro manuscrito, de obras compostas em língua vulgar por um mesmo autor [...]" Para Chartier (2002) antes as obras escritas eram ditadas, reproduzidas e que se definem

contrário a originalidade da função do autor, uma vez que tal ofício era destinado autoridades canônicas e escritas em latim. Ao surgir o livro unitário Chartier (1999, p. 32) elucida que “É nesse momento também que são reunidas em um mesmo manuscrito várias obras de certos autores, relacionadas a um mesmo tema”.

Por fim, com a invenção da imprensa Chartier (2002) destaca a invenção da imprensa e afirma que é “a técnica mais utilizada para a reprodução do escrito e a produção dos livros.” (CHARTIER. 2002, p. 22). A imprensa de Gutenberg possibilita que livros que sejam reproduzidos em maior escala. Os manuscritos por serem escritos e ou copiados a mão demandam de um tempo maior para a reprodução de uma obra. Chartier enfatiza que com imprensa “O custo do livro diminuiu, através da distribuição das despesas pela totalidade da tiragem, muito modesta alias, entre mil e mil e quinhentos exemplares” (CHARTIER. 1999, p.7). O autor assevera ainda que:

Somos herdeiros dessa história tanto para a definição do livro, isto é, ao mesmo tempo um objeto material e uma obra intelectual ou estética identificada pelo nome de seu autor, como para percepção da cultura escrita e impressa que baseia em diferenças imediatamente visíveis entre o objetos (cartas, documentos, diários, livros etc. (CHARTIER. 2002, p.22).

Para o autor, a evolução do suporte é dada conforme a especificidade da escrita. Dos rolos de papiros ao manuscrito, o autor destaca que a imprensa de Gutenberg pouco modifica os textos, no entanto "Existe propriamente um objeto que é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas este objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor". (CHARTIER, 1999 p.12). A leitura de textos em suporte digital oportuniza ao leitor múltiplas linguagens, na qual diferente dos livros manuscritos e impressos em que "A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do rolo da antiguidade[...]"(CHARTIER, 1999 p.12). O autor destaca que os livros impressos pouco diferenciaram dos livros manuscritos, "onde o texto é organizado a partir de sua estrutura de cadernos, folhas e páginas." (CHARTIER, 1999 p.13). Com as múltiplas possibilidades de escrita ocasionadas pelo acesso à *internet* na qual oferece espaço de reflexão sobre a linguagem e comunicação, Barton e Lee (2015) afirmam que a noção de textos é central, uma vez que a maioria das práticas sociais envolvem a linguagem e que texto é o que é falado e é transcrito. Assim, uma manchete de jornal, letreiro, bilhetes, mensagens instantâneas e postagens em redes sociais são textos. Os autores destacam que texto pode ser uma frase, um capítulo ou um livro. “Textos são criados e podem ser escritos de muitas maneiras. São grafitados em

murros, ou publicados em jornais, ou escritos em diários. Os textos são, então, utilizados; são lidos, exercem influências, são respondidos” (BARTON e LEE, 2015, p. 42).

Os livros impressos mantêm a estrutura dos livros manuscritos, em que a leitura é linear, enquanto os textos inscritos em suporte digital permitem ao leitor “[...] reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.” (CHARTIER, 1999 p.13). Fica evidente que os modos de escrita e leitura são modificados pelas possibilidades do suporte digital. Ao ler o texto impresso, livros, jornais, revistas, entre outros, o leitor tem contato direto com o suporte, podendo folhear, recorrer à paginação e índice, por exemplo. Para Chartier (1999), os textos eletrônicos distanciam o leitor em relação ao escrito; o autor destaca que “Nesse sentido, a tela aparece como o ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo.” (CHARTIER, 1999 p.13).

Para Tfouni (2005), o percurso de escrita, leitura e letramento são indissociáveis, uma vez que o conjunto desses fatores caracteriza o processo de apropriação de determinado sistema de leitura e escrita. A autora destaca a alfabetização, que ocorre nas escolas de ensino formal, na qual estão diretamente ligadas as aprendizagens compostas nos currículos escolares. Destaca ainda que o letramento ocorra quando determinada sociedade adota sistema de escrita restrita ou aberta aos demais, podendo esta sociedade ser alfabetizada ou não. Tfouni (2005) considera que os estudos sobre letramento buscam analisar também “as consequências da ausência da escrita a nível individual, mas sempre remetendo ao social mais amplo, isto é procurando, entre outras coisas, ver quais características da estrutura social têm relação com os fatos postos” (TFOUNI, 2005, p. 21). A autora enfatiza que letramento vai além da aquisição da leitura e da escrita, uma vez que há necessidade de políticas e justiça social, “mas também os excluídos do sistema escolar formal, principalmente os analfabetos, e aqueles que são excluídos, por condições de classe social, das práticas letradas homônicas” (TFOUNI, 2010 p. 220)

Para a autora, a escrita é fator principal de desenvolvimento das sociedades e civilizações, uma vez que com a apropriação da escrita, podem-se registrar nossas experiências, técnicas e controle social. A autora afirma, ainda, que “a escrita pode ser tomada como uma das causas principais do aparecimento das civilizações modernas e

do desenvolvimento científico, tecnológico e psicossocial da sociedade nas quais foi adotada de maneira mais ampla” (TFOUNI, 2005, p. 14).

Kleiman (2006) considera que os estudos sobre o letramento promovem considerações relevantes para a compreensão das realidades de grupos sociais não alfabetizados, que não conhecem a escrita. Para a autora, os estudos sobre letramento examinam o desenvolvimento social e a alfabetização verifica as competências individuais no uso e na prática da escrita.

Para Mortatti (2004), a sociedade está organizada em torno de um sistema escrito que assume extrema importância nas relações pessoais com o mundo em que as pessoas vivem. Destaca ainda que essas sociedades são baseadas em relações individuais e coletivas para a inserção da cultura escrita, “[...] isto é, uma cultura cujo valores, atitudes e crenças são transmitidos por meio da linguagem escrita e que valoriza o ler e o escrever de modo mais efetivo do que o falar e o ouvir” (MORTATTI, 2004 p. 98).

A necessidade em compreender a leitura e a escrita oportuniza uma nova condição social e cultural, em que as leituras e escritas estão presentes em diferentes suportes. Na sociedade contemporânea as ações que implica o ato de ler e escrever utiliza-se de recursos tecnológicos exigindo que o leitor tenha habilidades para a escolha do suporte a ser lido determinado texto.

A aprendizagem social e histórica e as sociedades letradas contemporâneas diferentes das dos séculos passados, o desenvolvimento social tecnológico na atualidade determina a produção e distribuição de bens culturais. Além dos textos impressos, na sociedade contemporânea há uma gama de textos em plataformas digitais, que influenciam diretamente na leitura e na escrita. Mortatti (2004) destaca que com a invenção da imprensa por Gutenberg, em meados do século XV, o desenvolvimento cultural e tecnológico "vem determinando diferentes modos de produção dos bens materiais e culturais, estabelecendo formas cada vez mais sofisticadas de valores e padrões de comportamento de indivíduos e grupos sociais com o material e o espaço escrito." (MORTATTI, 2004 p. 99). Para a autora, o convívio com a língua escrita influencia diretamente no uso da língua oral, modificando tanto o indivíduo quanto a sociedade em que está inserido. Destaca que podemos considerar que o letramento pressupõe e possibilita novas formas de inserção cultural.

Com o desenvolvimento cultural, tecnológico e o advento da *Internet* surge uma infinidade de equipamentos, de tal forma que a vida social passa a ser também

digital. A evolução dos computadores modificam os modos de leitura e escrita. Para Mortatti (2004 p.99) " É esse o caso da cibercultura, que determina um outro espaço, a tela do computador, para a leitura e a escrita, e que não mais exige tecnologia tipográfica, mas digital".

Ao apropriar dos recursos tecnológicos por diferentes dispositivos e que o acesso e manipulação altera a maneira das linguagens verbais e visuais Valente (2011) ressalta que o conceito de letramento é diretamente ligada ao contexto de processo de leitura e escrita e que este termo tenha sido usado para denominar a aquisição dos múltiplos conhecimento, incluindo o digital. Para o autor o que caracteriza o letramento digital vai além de ter contato com o suporte digital, e sim o incluir as tecnologias digitais em práticas sociais. enfatiza que "[...]é comum encontrarmos a expressão letramento digital designando o domínio das tecnologias digitais, no sentido de alguém não ser um mero apertador de botões (alfabetizado digital), mas sim ser capaz de usar essas tecnologias em práticas sociais. (VALENTE, 2011, p. 13).

A evolução da *internet* proporciona um novo cenário, o das tecnologias da informação e comunicação. Novas ferramentas facilitam o compartilhamento dos diferentes tipos de comunicação e expressões, dada a ampliação dos suportes de leitura e escrita. Há tempos as alternativas para comunicação restringiam-se basicamente à carta e ao telefone. Com o advento das TIC e, mais notadamente da *internet*, as práticas de letramento (leitura e escrita) passam por questionamentos, uma vez que a escola enquanto agência de letramento (KLEIMAN, 2006), tem sido constantemente questionada por não cumprir sua função social no que diz respeito, sobretudo, ao desenvolvimento das capacidades leitoras e escritoras dos alunos. Em face dos resultados apresentados pelos indicadores preconizados nos Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), no que tange, principalmente, as práticas de letramento dos alunos, Rojo (2013) justifica a necessidade de uma pedagogia de multiletramentos, que surgiu em 1996, a partir do manifesto publicado pelo Grupo Nova Londres (NLG) composto por pesquisadores de letramento, dentre eles, Courtney Cazden, Bill Cope, Mary Kalantzis, Norman Fairclough, Jim Gee, GuntherKress, Allan e Carmen Luke, Sara Michaels e Martin Nakata. Segundo Rojo (2013), a defesa destes pesquisadores é sobre a necessidade de a escola incluir nos currículos os novos letramentos de caráter multimodal ou multissemiótico, presentes no cotidiano da sociedade contemporânea, e do uso das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), bem como valorizar a diversidade cultural caracterizada pelo

mundo globalizado, como bem destaca Rojo (2013, p.13) “[...] Para abranger esses dois “multi” - a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa, o grupo cunhou um termo ou conceito novo: **multiletramentos**.” [grifos da autora].

Na perspectiva da pedagogia dos multiletramentos, segundo Rojo (2013), a ação de ler implica em articular as diversas formas de linguagem além da escrita, como a oralidade, a música, os filmes, a imagem (seja esta impressa ou digital). Assim, ao analisar e refletir sobre as transformações sociais, culturais e tecnológicas da atualidade, certamente diversificam-se e mudam-se não somente as formas e meios de buscar, disponibilizar e compartilhar informações e conhecimentos, mas ainda nas ações de lê-los e elaborá-los. A produção de linguagens híbridas desencadeia novos desafios aos leitores e aos profissionais docentes que têm como objeto de trabalho a língua escrita, entre estes, a escola e os professores.

As práticas de multiletramentos estão presentes na sociedade contemporânea, como assevera Rojo (2013), a interatividade entre grupos sociais de diferentes regiões, continentes, línguas e as diferentes formas de escrita, leitura e ao surgir uma nova tecnologia surge um novo letramento. Por isso, a autora destaca que o que diferencia o conceito de letramentos é a presença de várias práticas letradas e suas multiplicidades, valorizadas ou não pela sociedade. Na sociedade contemporânea as práticas de letramentos vão além de escritas em papel, letreiros, placas uma vez que com o advento das TIC a multiplicidade semiótica está presente em diferentes suportes.

[...] o conceito de **multiletramentos** – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossa sociedade: a multiplicidade cultural as populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2013, p. 13) [grifos da autora].

Rojo (2013) assevera que a multiplicidade de linguagens, modos ou semioses estão presentes nas produções de textos impressos, digitais e que as imagens, sons e outros efeitos trazem significados aos textos contemporâneos, visto que ao mudar o suporte e a própria constituição dos textos sejam impressos ou digital possibilitam ao leitor ser navegador. Ao retratar que “[...]textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar.” (ROJO, 2013, p. 19). Nesse contexto, diferentes linguagens exigem que letramentos de forma crítica. Rojo (2013, p.

21) destaca que os letramentos "Tornam-se multiletramentos: são necessárias novas ferramentas - além das da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta giz e lousa) e impressas (tipografia, impressa) - de áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação.)" [...] (ROJO 2013, p. 21), estas ações exigem nova atuação tanto do leitor como do escritor e editor. Na perspectiva dos multiletramentos, são utilizados diferentes recursos, entre eles o digital que impõe novo letramento. A autora enfatiza que "São requeridas novas práticas: (a) de produção, nessas e em outras, cada vez mais novas, ferramentas; (b) de análise crítica como receptor.[...]" (ROJO 2013, p. 21).

Ao falar do letramento digital em que os textos, as imagens e os sons são apresentados em suporte digital, a leitura e a escrita permeiam as ações de ler e escrever nas quais é necessário adaptação dos sujeitos em uma sociedade para atender as exigências da prática de letramento. Barton e Lee (2015), considera que as práticas de letramento ocorrem quando há planejamento para trabalho ou lazer, lista de compras, conversas e discussões entre pessoas. Os autores ressaltam que essas ações "São práticas de letramentos porque há padrões comuns na utilização de leitura e escrita no planejamento de um feriado. Em outros domínios da vida, também existem práticas sociais identificáveis em que o letramento é imprescindível." (BARTON. LEE, 2015 p. 40). Para os autores as práticas de letramento estão no cotidiano dos indivíduos, na qual ressaltam que os domínios de letramento, ou seja, os lugares em que ocorrem tal prática exigem de certa forma o uso da leitura e da escrita. Consideram que "No domínio da educação, por exemplo, atividades como fazer um trabalho escolar ou preparar uma apresentação envolvem uma ampla gama de práticas de letramento". (BARTON. LEE, 2015 p. 40). Fica evidente que as exigências em realizar um trabalho e apresentação vão além de leituras de textos, seja em suporte de papel ou a utilização de diferentes recursos tecnológicos e oportunizar novas habilidades. Os letramentos estão em todas as esferas da sociedade, seja na da educação, do trabalho ou do cotidiano o uso da leitura e da escrita nisto: "Práticas de letramento são constituídas por atividades específicas e, ao mesmo tempo, fazem parte do processos sociais mais amplos" (BARTON. LEE, 2015 p. 40).

As práticas do letramento digital que ocorrem de forma *online* ou *offline*, são mobilizadas pela participação do indivíduo ao utilizar recursos linguístico em diferentes contextos para fins diversos. Fica evidente que a utilização dos recursos para a produção de textos engloba todas as esferas da sociedade, ou seja, pode-se encontrar leituras produzidas por diferentes pessoas para diferentes grupos. Exige prática letrada e digital

tanto para quem produz quanto para quem lê, “E ao desenvolver o domínio da virtualidades de diferentes línguas podem ou não fazer, os participantes *online* levam em consideração uma série de fatores ecológicos, principalmente: quem é o usuário, qual é o público-alvo, o que posta e como o veículo é utilizado.” (BARTON. LEE, 2015 p. 79). Os usuários são definidos como sujeitos participantes da linguagem *online* e que fatores como nível de escolaridade, acesso à internet e poder econômico determinam o tipo de usuário. Diante do exposto, os usuários são responsáveis por apresentar textos na internet, e que geralmente os usuários escrevem para seu público-alvo. Barton e Lee (2015) apresentam três tipos de público nos espaços *online*, sendo “[...]o público geral “desconhecido” na web (especialmente no *Flickr* e *YouTube*), “amigos” que estão listados como contatos (especialmente no *Flickr* e *Facebook*) e amigos na vida “real” (especialmente no serviço de mensagens instantâneas.” (BARTON. LEE, 2015 p. 82) *Flickr*, *Facebook* e *YouTube* são redes sociais de compartilhamento de textos, imagens, vídeos, sons em que usuários podem modificar a postagem e a linguagem conforme o gosto do público-alvo. No *Facebook* temos a opção de tradução no qual sugere que a escolha da linguagem em diferentes instâncias mostra as formas de escrita compartilhada. Para os autores, assuntos escolhidos nos *post* são influenciados pela escolha da linguagem. Podem ser textos escritos em diferentes idiomas, imagens com *emoticon* e símbolos que indicam ações como de alegria, tristeza ou euforia. Barton e Lee (2015, p. 83) aponta que “A escolha da língua está estreitamente ligada às virtualidades percebidas e às possibilidades de ação do meio. Como uma plataforma será usada não é algo predeterminado, pois se baseia em propósitos diferentes para diferentes situações.” Essa ação implica no uso das tecnologias de comunicação informal e formal. Os autores destacam que “Este ambiente informal, pessoal e, por vezes, privado permite aos usuários decidirem quais línguas usar e como.” (BARTON. LEE, 2015 p. 83).

Chartier (2014) destaca que nas mídias eletrônicas ocorre imposição do Inglês como língua universal, sendo aceita dentro e fora da mídia eletrônica e usadas também por empresas para produção e difusão do conhecimento. “Por um lado, o texto eletrônico reintroduz na escrita alguma coisa das línguas formais que buscavam uma linguagem simbólica capaz de representar adequadamente os procedimentos do pensamento.” (CHARTIER, 2002, 16). Fica evidente que as relações com a textualidade eletrônica e linguagem esboça um novo idioma formal em que nos textos dos espaços digitais permitem que o escritor/leitor utilize símbolos, imagens e sons. Para o autor:

“É o caso da invenção dos símbolos, os *emoticons*, como se diz em inglês, que utilizam de maneira pictográfica alguns caracteres do teclado (parênteses, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos) para indicar o registro de significados das palavras: alegria :-) tristeza :-(ironia ;-) ira :-@ ... ilustram a procura de uma linguagem não-verbal e que, por essa mesma razão, possa permitir a comunicação universal das emoções e o sentido do discurso.” (CHARTIER, 2002, p.17)

A apropriação do letramento digital na sociedade contemporânea exige que os sujeitos utilizem diferentes recursos; se ao ler um livro ou escrever uma carta tem sempre em mão uma caneta e um papel, para realizar tal prática na era digital dependem de *mouse*, teclado, distinguir *Shift* e *Ctrl*, autonomia para ligar e desligar um computador. Os textos apresentados no digital são multimodais, envolvem diferentes práticas de leitura, possibilitando aos indivíduos o uso da informação para apropriação do saber de forma crítica e autônoma no convívio social. Ao considerar que a leitura e a escrita na sociedade atual provocam mudanças nas modalidades anteriores, as novas tecnologias digitais da informação e da comunicação modificam o letramento contribuindo para uma alteração na cultura escrita.

Ao apropriar-se do letramento digital e para a construção dos sentidos em textos e hipertextos, *Links* e *hiperlinks*, os diferentes sujeitos precisam também saber localizar, filtrar e avaliar de forma crítica as informações, e entender as regras que regem a comunicação nos sistemas operacionais. Ademais, o hipertexto permitem aos usuários acessar outro *link* que poderá ou não ser textos, imagens, sons ou vídeo. Permite que o usuário ao escrever para o público oportunize o acesso da informação contidas no texto, no qual poderá abrir uma tela e o leitor fará ou não a leitura do que está exposto. Lévy (2008, p.33) elucida que o hipertexto não exclui a dimensão audiovisual, uma vez que “Ao entrar em um espaço interativo e reticular de manipulação, de associação e de leitura, a imagem e o som adquirem um estatuto de quase-textos.” Para o autor o hipertexto são todos os textos, imagens, sons subpostos na rede de internet. Eles se encontram e se entrelaçam como nós em que as diversas conexões permitem a interconexão dos textos. O autor define que “Tecnicamente um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmo os hipertextos.” (LÉVY, 2008 p. 33). Ressalta que os nós, informações não lineares, assumem modos reticulares. “Navegar em um hipertexto significa, portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto

possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira.”(LÉVY, 2008 p. 33).

As tecnologias da informação e comunicação permitem um maior acesso aos textos e a escrita, e a noção de letramento digital indica que os avanços tecnológicos provocam mudanças constantes na linguagem. Barton e Lee (2015) destaca que as tecnologias por si só não provocam mudanças no cotidiano da sociedade, uma vez que as tecnologias modificam-se conforme as necessidades sociais. Para o autor a “Linguagem tem um papel fundamental nessas mudanças contemporâneas que são, antes de tudo, transformações de comunicação e de construção de sentidos”. (BARTON; LEE, 2015, p. 83). Fica evidente que a linguagem modifica-se conforme as transformações da comunicação.

As novas tecnologias possibilitam que qualquer indivíduo escreva textos em qualquer formato. Ao utilizar as TIC, o usuário apropria-se de diferentes recursos para a produção de textos podendo inserir efeitos, sons, imagens. Ao produzir um vídeo, por exemplo, utiliza diferentes metodologias e critérios.

Diante da evolução das mídias produzidas pelas tecnologias digitais percebe-se novas formas literárias, em que seu suporte de escrita é mediada pelos diferentes recursos tecnológicos. Para Cosson (2011), vivemos em uma sociedade letrada e a escrita ocupa lugar central nas ações da sociedade. O autor afirma que todas as ações da sociedade passam pela escrita e que "Também a tela do computador está repleta de palavras e os vídeos games cheios de imagens não dispensam as instruções escritas." (COSSON 2011, p.16).

Conforme Cosson (2011), a literatura no ensino fundamental é vista como a leitura de qualquer texto escrito que apresente temáticas de ficção ou poesia, textos jornalísticos entre outros, sendo pré-escolhidos, pelos professores, conforme turma, idade, ou interesse das crianças, ou mesmo dos docentes. Ressalta também que os textos literários apresentados nos livros didáticos são fragmentados e seguidos de exercícios que visam sua compreensão/entendimento. O autor afirma ainda que a literatura infantil não precisa ser vista apenas como uma leitura necessária para a aprendizagem e que a escola precisa ter o controle do que está sendo lido precedendo os objetivos da leitura, enfatizando a necessidade de que a leitura seja desenvolvida considerando o prazer de ler. Cosson (2011 p. 26) destaca que "Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento na escola".

Partindo do pressuposto que vivemos momento histórico na leitura e escrita e que a literatura apresenta-se em diferentes suportes, amplia-se a oportunidade em apresentar literatura infantil, dentre essas possibilidades, é importante que também seja considerado o meio digital. Podemos encontrar diferentes tipos de livros disponíveis em vários formatos.

O contato com as narrativas literárias tem início com a escuta de histórias e contos escutados pelas crianças antes mesmo de ingressarem na escola. Conforme as crianças crescem é apresentado aos pequenos, suporte livro na qual amplia as possibilidades de leitura e o contato com os livros principalmente literários oportuniza a inserção numa cultura grafocêntrica. Souza e Cardoso (2016 p.144) destacam que: “Podemos encontrar em nossa sociedade grafocêntrica vários tipos e níveis de letramento. Já se fala em letramento digital, letramento matemático, letramento literário, entre alguns outros.”

A leitura consiste em uma atividade complexa que exige do leitor constante interpretação e compreensão, em que o ato de ler esta em ir além de decodificação, ou seja, entender o que foi lido.

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (SOUZA e CARDOSO, 2016, 144)

O letramento é a possibilidade de compreender e interpretar a sociedade em que está inserido e o uso crítico permite a interação do indivíduo com eventos além da alfabetização. O aparato do letramento busca entender as palavras, significados e sentido em uso. Os eventos de letramentos estão presente em diferentes seguimentos da sociedade, nisto as escolas oportunizam diferentes eventos de letramento, seja para apresentar um trabalho, declamar um poema ou cantar. A leitura literária oportuniza o contato do indivíduo aotexto e com a apropriação do letramento constrói caminhos para novos conhecimentos. Souza e Cardoso (2016. p. 144). Enfatizam que “Nesse sentido, a leitura literária estabelece um elo entre o sujeito e o texto e, na medida em que essa relação se constrói, o conhecimento se torna a ponte entre um e outro”.

Cosson (2011) destaca que a literatura tem por função tornar o mundo mais compreensível e humano e que a leitura da literatura na escola vai além de ler melhor e

ou adquirir o hábito de leitura, mas proporcionar a imersão no mundo feito de linguagem.

A literatura infantil, desprovida das pretensões utilitarista, busca desenvolver as habilidades e o papel formador ao despertar a imaginação e ampliar o repertório cultural diversificado. Na sociedade contemporânea, a literatura infantil ao migrar para os ciberespaços ganha novos suportes e exige o domínio de mídias digitais, ou seja, oportuniza práticas e eventos de letramento próprios da cibercultura.

2 – DO LETRAMENTO IMPRESSO AO LETRAMENTO NA CIBERCULTURA: NOVOS MODOS DE LETRAR NA EDUCAÇÃO

A sociedade contemporânea imersa na utilização da (TIC) e o crescente acesso a aparelhos eletrônicos fazem com que surtem novas formas de ler e escrever. Compreender que as tecnologias não substituem recursos como lápis e papel em sistema educacional, e sim potencializa as aprendizagens, as tecnologias permitem que em um único texto pode-se encontrar imagens, sons e vídeos.

Com o surgimento de uma nova linguagem, a digital, Kenski (2008) enfatiza que a linguagem digital, expressa em múltiplas TIC, impôs mudanças nas formas de acesso à informação a cultura e ao entretenimento. O autor destaca ainda que a linguagem digital presentes nos aparelhos tecnológicos, o acesso à *Internet* e os jogos eletrônicos “com todas as possibilidades de convergência e sinergia entre as mais variadas aplicações dessas mídias, influencia cada vez mais a constituição de conhecimentos, valores e atitudes. Cria uma nova cultura e uma outra realidade informacional.”(KENSKI. 2008, p. 33)

Os aparelhos tecnológicos permitem uma cultura adversa da impressa. O impresso permite que contato direto com o suporte, ou seja, ao escrever em suporte de papel o usuário fricciona a caneta no papel e ao digitar o usuário utiliza-se de diferentes recursos. Essas mudanças exigem novos modos de agir do indivíduo para inserir-se na sociedade contemporânea, destaca-se o uso da língua em diferentes situações, o que requer novas formas de aprendizagem. Nisto, a inserção das tecnologias na sociedade moderna demanda novas formas de pensar, ler, escrever e se comunicar (LE MOS, 2008; LÉVY, 2008; CASTELLS, 1999).

As tecnologias potencializam as interações existentes no processo de apropriação da escrita, uma vez que a *internet* oportuniza não somente a busca de informação e sim a cooperação na produção do conhecimento. Tais tecnologias oportunizam a produção de textos de forma criativa e colaborativa, os textos em suporte digital possuem *links*, *hipertextos*.

A escrita considerada uma tecnologia intelectual por Lévy (2008) uma vez que para o autor as pessoas que estão inseridas no mundo da escrita tendem a pensar por categorias, ou seja, são capazes de classificar pela leitura as ações do cotidiano. O autor ressalta o termo oralista para as pessoas não alfabetizadas tendem a pensar por situações que estão relacionadas às ações do cotidiano.

Com as novas tecnologias, surge uma nova forma de escrever e inúmeros recursos são disponibilizados. Barton e Lee (2015) afirmam que os espaços *online* de aprendizagem refletem em entender o uso dos textos *online* como prática situada. Os textos *online* permitem que o leitor decida que caminho percorrer e a escrita a ser utilizada. Com as modificações na comunicação mediadas pelos aplicativos e *smartphones*, *tablet* é possível a escrita de textos utilizando imagens, sons e *emotion*.

A tecnologia de comunicação digital tem forte impacto na interação humana e com o advento das tecnologias digitais, pictogramas, ideogramas e logograma ganham versão digital.

A literatura infantil esta disponível em suporte digital e *online* e o leitor interage com o objeto. Diferente do suporte em papel a leitura de texto em tela modifica as ações de ler, ao trocar uma pagina o leitor utiliza-se de *mouse*, e ou *touchscreen*. Nisto ao destacar a literatura infantil digital a pretensão do capítulo é demonstrar que tanto a literatura digital aliada a impressa oportuniza a imersão no mundo da leitura e da escrita.

Com as transformações advindas das tecnologias e o advento da *internet* o imaginário infantil antes estimulado por livros impressos ganha formas e versões digitais. Os livros digitais são os disponíveis na *web* podendo estar nas versões *Hypertext Markup Language (HTML)*, na extensão de arquivo de texto (*TXT*) e *Portable Document Format (PDF)* entre outras, na qual para realizar a leitura é necessário um computador, *smartphones* ou *tablets* com ou sem navegação na internet. As versões em (*HTML*) exige o acesso à internet.

2.1 Letramento(s) e as tecnologias da escrita

No contexto de uma diferenciação entre a cultura do papel e a cultura da tela, ou cibercultura Soares (2002) enfatiza que na busca de uma melhor compreensão do conceito de letramento a partir das tecnologias tipográficas e tecnologias digitais da leitura e da escrita em que há diferenças entre a produção e distribuição, a autora “[...] argumenta que cada uma dessas tecnologias tem determinados efeitos sociais, cognitivos e discursivos, resultando em modalidades diferentes de letramento, o que sugere que a palavra seja pluralizada: há letramentos, não letramento.” (SOARES, 2002, p.143).

Entre os conceitos de letramento definidos por (TFOUNI, 2005); (KLEIMAN, 2006); (MORTATTI, 2004), para (SOARES, 2002) o momento atual oferece uma oportunidade para refiná-lo e torná-lo claro e preciso. “É que estamos vivendo, hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica– o computador, a rede (a web), a Internet.” (SOARES, 2002, p. 146).

Ao considerar que letramento é a condição e ou estado em que interagem determinados grupos letrados Soares (2002. p. 148) destaca que “pode-se supor que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição.” Para Soares (2002) identificar as diferenças entre tecnologias tipográficas e as tecnologias digitais da leitura e da escrita “para delas tentar inferir as mudanças que provavelmente estão ocorrendo, ou virão a ocorrer, na natureza do letramento – do estado ou condição de “letrado”, e assim compreender melhor o próprio conceito de letramento.” (SOARES, 2002. p. 148).

Ao destacar as tecnologias tipográficas e digitais Soares (2002) discute o espaço da escrita, e os mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita. Para a autora os espaços da escrita são os lugares em que são inseridos a escrita e que “Todas as formas de escrita são espaciais, todas exigem um “lugar” em que a escrita se inscreva/escreva, mas a cada tecnologia corresponde um espaço de escrita diferente.” (SOARES, 2002. p. 149). Destaca que os espaços da escrita foram modificados uma vez com a história da escrita é possível verificar que o espaço da escrita “[...] foi a superfície de uma tabuinha de argila ou madeira ou a superfície polida de uma pedra; mais tarde

foi a superfície interna contínua de um rolo de papiro ou de um pergaminho, que o escriba dividia em colunas [...] (SOARES, 2002. p. 149).

Percebe-se que os espaços das escritas são modificadas conforme o tempo e o suporte em que foram escrito. Houve diversas formas de escritas, e ao evoluir deram origem a que conhecemos atualmente. “[...] com a descoberta do códice, foi e é, a superfície bem delimitada da página – inicialmente de papiro, de pergaminho, finalmente a superfície branca da página de papel.” (SOARES, 2002. p. 149). O códice eram os manuscritos em que a escrita é gravada e descrita no dicionário online de português como “Placa pequena que, em madeira ou marfim, era usada pelos romanos para escrever; tábua.” (RIBEIRO, 2019). Soares (2002) destaca ainda que “Atualmente, com a escrita digital, surge este novo espaço de escrita: a tela do computador.” (SOARES, 2002. p. 149).

Compreende que a escrita tem origem a milhares de anos e a humanidade registra não só acontecimentos como ações do cotidiano e do comércio, as práticas de escrita e de leitura possui estreita relação com o espaço físico e visual da escrita.

“O espaço da escrita relaciona-se até mesmo com o sistema de escrita: a escrita em argila úmida, que recebia bem a marca da extremidade em cunho cuneiforme de escrita; a pedra como superfície a ser escavada serviu bem, num primeiro momento, aos hieróglifos dos egípcios, mas quando estes passaram a usar o papiro, sua escrita, condicionada por esse novo espaço, foi-se tornando progressivamente mais cursiva e perdendo as tradicionais e estilizadas imagens hieroglíficas, exigidas pela superfície da pedra.”(SOARES, 2002. p. 149).

Para Soares (2002) a escrita neste sentido as tecnologias de escritas condicionam os processos cognitivos e discursivos. Fica evidente neste sentido que a escrita conforme o suporte em que é gravada, escrita, condiciona os processos, uma vez que escrever em um argila é diferente de escrever na tela do computador. Para Soares (2002) os espaços de escrita relaciona-se com os gêneros e uso das escritas, uma vez que ao escrever em uma pedra ou em argila não “era possível escrever longos textos, narrativas; não podendo ser facilmente transportada, a pedra só permitia a escrita pública em monumentos; a página, propiciando o códice, tornou possível a escrita de variados gêneros, de longos textos.” (SOARES, 2002. p. 149).

Para Soares (2002, p.149) “O espaço de escrita condiciona, sobretudo, as relações entre escritor e leitor, entre escritor e texto e entre leitor e texto.” Para a autora a superfície do espaço de escrita em rolo de papiro ou pergaminho exige do leitor uma escrita e leitura sem retomadas. Ao ler ou escrever em papiro ou pergaminho quem o

usa é condicionado, não sendo possível retomar ou avançar sem sair da superfície em que esta. Com o códice os limites são definidos, “tanto a escrita quanto a leitura podem ser controladas por autor e leitor, permitindo releituras, retomadas, avanços, fácil localização de trechos ou partes;” (SOARES, 2002. p. 149). Destaca ainda que com o códice houve a possibilidade da “delimitação do texto, seu começo, sua progressão, seu fim, e cria a possibilidade de protocolos de leitura como a divisão do texto em partes, em capítulos, a apresentação de índice, sumário.”

Em consoante com a evolução do suporte, Soares (2002) enfatiza que com o computador o espaço da escrita é a tela. Para ela, o que se escreve ou lê fica condicionado ao que é exposto na tela e o que esta escrito antes ou depois fica oculto. Justifica que ao ler ou escrever em uma tela há possibilidade em em mais de uma tela porém sempre limitado ao espaço exposto. Destaca, ainda, que a escrita ou leitura em tela possibilita a criação diferente do texto em papel, o hipertexto. “O texto no papel é escrito e é lido linearmente, sequencialmente – da esquerda para a direita, de cima para baixo, uma página após a outra; o texto na tela – hipertexto – é escrito e lido de forma multilinear, multi-sequencial [...]” (SOARES, 2002. p. 150).

Fica evidente que com a evolução da escrita os espaços de leitura (SOARES, 2002) são modificados conforme novas tecnologias são criadas. Textos no papel têm sua materialidade definida sendo possível identificar claramente o começo e o fim, a paginação e os hipertextos “tem a dimensão que o leitor lhe der: seu começo é ali onde o leitor escolhe, com um clique, a primeira tela, termina quando o leitor fecha, com um clique, uma tela, ao dar-se por satisfeito ou considerar-se suficientemente informado[...]”(SOARES, 2002. p. 150). Nisto é possível identificar que tanto a leitura quanto a escrita em diferentes suportes exigem novas habilidades escritoras e leitoras, ao ler em texto de papel temos em nossa mão como definido por Chartier (1999) o objeto e o contato com este objeto ou como Soares (2002) define o espaço da escrita exige diferentes ações com contato direto, pode-se folhar, marcar a pagina e retomar ao índice. Ao ler um texto em tela é exigido além da competências leitoras ações para a leitura em ambiente digital, uso de *mouse*, teclado e tela.

A tela como novo espaço de escrita modifica as formas de interações entre o leitor e escritor, Soares (2002) destaca que essas mudanças tenham consequências sociais, cognitivas e discursivas “[...] configurando um *letramento digital*, isto é, um certo *estado* ou *condição* – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel.” (SOARES, 2002. p. 151). Aponta que a cultura do texto eletrônico

traz mudanças no conceito do letramento e traz características do texto manuscrito “[...]com o texto manuscrito, e ao contrário do texto impresso, também o texto eletrônico não é estável, não é monumental e é pouco controlado. (SOARES, 2002. p. 154). Ao comparar o texto manuscrito e o texto eletrônico a autora justifica que o texto não é estável pois assim como os copistas e os leitores interferiam nos textos,

[...]os leitores de hipertextos podem interferir neles, acrescentar, alterar, definir seus próprios caminhos de leituras; não é monumental porque, como consequência de sua não-estabilidade, o texto eletrônico é fugaz, impermanente e mutável; é pouco controlado porque é grande a liberdade de produção de textos na tela e é quase totalmente ausente o controle de qualidade e conveniência do que é produzido e difundido. (SOARES, 2002. p. 154).

O computador muda a maneira de ler e com os hipertextos os espaços de leituras são modificados. Compreender que os hipertextos estão presentes em diferentes espaços de leitura é fundamental para compreender seu conceito, uma vez que o mesmo caracteriza-se como processo de escritura e leitura multilateral e multisequencial. Os hipertextos não estão presentes somente em textos eletrônicos, pode-se observar em livros em formatos tradicionais, nos dicionários. Nos livros tradicionais nota-se a presença de hipertextos quando há notas explicativas, notas de rodapés entre outros. O dicionário por sua vez ao localizar o significado de determinada palavra percebe-se que há verbetes explicativos. Fica evidente que estamos rodeados de hipertextos fora e dentro da rede de *Internet*. Soares (2002) destaca que a cultura da tela altera não só os espaços da escrita, mas gera um novo letramento, uma vez que na cibercultura, o confronto entre as tecnologias tipográficas e digitais da escrita criam diferentes letramentos.

Descrito no dicionário “Collins” define a palavra *smartphone* “a cellular phone equipped with various additional features and services, as text messaging, information storage, and *Internet Access*” (COLLINS, 2019). ou seja um telefone celular com recursos de computador que possam permitir a interação com sistemas computadorizados, enviar e-mail e acessar a *web*. e define o *tablet* como “A tablet is a small flat computer that you operate by touching the screen” (COLLINS, 2019). Um *tablet* é um computador pequeno em que você opera ao tocar a tela. (tradução nossa).

A definição de *smartphones* e *tablets* caracterizam-se como computadores portáteis com uma *interface* de tela sensível ao toque. Verifica-se que alguns *tablets* não tem o recurso de ligação ou envio de mensagem conhecidas popularmente por sms em inglês *Short Message Service* podendo o serviço pode ser tarifado ou não e a conexão

com a *Internet* é possível por *Wifi* ou por telefonia. Tanto o *smartphone* como o *tablet* possuem processadores e seu principal uso é a comunicação podendo ter acesso a diferentes mídias, anotações, armazenamento entre outros recursos. “Os *smartphones* demandam de alto desempenho e baixo consumo” (RODRIGUES, 2009, p. 23). O autor enfatiza que os *smartphones* utilizam processadores para garantir as características desejáveis dos aparelhos.

2.2 Tecnologia da Informação e Comunicação: Literatura Infantil em suportes digitais.

Considerada evolução dos computadores pessoais que, em princípio, não eram conectados à rede de *Internet* e sistemas operacionais portáteis, os *smartphones*¹ e *tablets* possuem inúmeras formas de conexões e podem navegar e armazenar dados em nuvens sem precisar de grande capacidade de memória de um computador. Para Lévy (2008), a memória humana não se parece em nada com a memória de equipamentos que possuem capacidades distintas de armazenar informações. A memória humana é descrita como memória de curto prazo e memória de longo prazo. “A memória de curto prazo, ou memória de trabalho, mobiliza a atenção. Ela é usada, por exemplo, quando lemos um número de telefone e o anotamos mentalmente até que o tenhamos discado no aparelho.” (LÉVY, 2008, p. 78). Para o autor, o ato de repetir informações, dizer o número em voz baixa e discar em um aparelho telefônico, *tablets* e *smartphones*, ficará gravado na lista de chamadas sendo salvo nos contatos ou não, é a memória de curto prazo. A partir desse momento a informação do número não é mais lembrada, o que caracteriza a memória curta. “Memória de longo prazo, por outro lado, é usada a cada vez que nos lembramos de nosso número de telefones no momento oportuno. Supõe-se que a memória declarativa de longo prazo é armazenada em uma única e imensa rede associativa[...]” (LÉVY, 2008, p. 78). Diante do exposto, o autor argumenta que a memória é utilizada conforme necessitamos da informação, porém destaca que a repetição nesse caso não proporciona estratégias eficazes para armazenar informações.

Esta nova sociedade surge transformando-se em uma grande rede caracterizada pelo acesso e uso das Tecnologias de Redes (TR) e desenvolvendo uma cultura adversa ao impresso. Lévy (2008) destaca que a escrita foi fundamental, por exemplo, na agricultura da antiguidade, uma vez que para semear, esperar os ciclos lunares, colher e

armazenar até a próxima colheita exigiu o domínio da leitura e da escrita. O autor destaca que “O escriba cava sinais na argila de sua tabuinha assim como o trabalhador cava sulcos no barro do seu campo. É a mesma terra, são instrumentos de madeiras parecidos, a enxada primitiva e o cálamo distinguindo-se quase pelo mesmo tamanho.” (LÉVY, 2008, p. 78). O autor justifica que existe uma aproximação entre a escrita e a agricultura visto que “Nossa *página* vem do latim *pagus*, que significa campo de agricultor.” (LÉVY, 2008, p. 78). Ao comparar a escrita com a agricultura, Lévy (2008) indica que ambas dependem do tempo, ou seja, a agricultura depende das estações como a escrita intercala o tempo entre emissão e recepção da mensagem.

As novas tecnologias ampliam as possibilidades de leitura; ter acesso à *Internet* oportuniza ao leitor inúmeras possibilidades de leituras, podendo escolher leituras de textos jornalísticos, romances, receitas. O acesso à *Internet* possibilita múltiplas interações que emergem nas redes sociais. Por meio dessas interações podemos compartilhar informações, ligações em áudios ou vídeos. Lemos (2008, p. 114) “[...] a interatividade digital possibilita ao usuário interagir, mas não apenas com o objeto (a máquina ou ferramenta), mas com a informação, isto é, com o conteúdo.” As interações por rede oportunizam a popularização do acesso às redes sociais e, dessa forma, rompem com o poder hegemônico uma vez que as ligações e interações ampliam as formas de relacionamento na sociedade. Para Recuero (2014, p.24), “Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas ou grupos) e suas *conexões* (interações ou laços sociais).” O autor ressalta que em si, a rede social nos meios digitais é constituída nas relações de pessoas que compõem determinados grupos e a interação existente entre eles.

Lemos (2008) afirma que as Novas Tecnologias de comunicação (NTC) surgem no século XIX. O autor destaca que por meios de artefatos eletro-eletrônicos como os telégrafos, rádio, telefone e cinema surge o desejo do homem de uma comunicação à distância de forma ubíqua. Caracteriza os *media* como instrumentos de simulação, formas técnicas que alteram os espaços e tempos. “Será no século XIX que diversas inovações mediáticas aparecerão, a começar em 1837 com o telégrafo elétrico, o telefone em 1875, o telégrafo hertzianas em 1900 e um ano antes o cinema.” (LEMOs 2008, p. 71). O autor afirma ainda que a revolução digital, fusão das telecomunicações analógicas com a informática, possibilitam a vinculação da informação em um mesmo suporte, até então o computador. Esta ação implica a passagem do que chama de *mass*

media destacando as televisões, rádios, imprensa e cinema de forma hierarquizada e individualizada para a circulação de informações em sua multiplicidade.

A multiplicidade presente na rede é alimentada por estoques. Para Lévy (2008) estoques são criações que envolvem imagens, sons e textos. Estes formam bancos de conhecimentos. “E o estoque é acrescido constantemente por tudo aquilo que os dispositivos de composição produzem: bancos de filmes, bancos de textos e hipertextos.” (LÉVY, 2008, p. 108). Estas produções são disponibilizadas em diferentes interfaces e possibilitam uma gama de leituras. “Os hipertextos podem propor acesso e instrumentos de orientação em um domínio do conhecimento de uma área qualquer de diagramas, de redes ou mapas conceituais manipulados e dinâmicos.” (LÉVY, 2008, p. 40). Neste sentido, os hipertextos possibilitam o acesso rápido e dinâmico das informações pesquisadas. Na atualidade, podemos consultar de forma online e off-line informações por diferentes dispositivos e em diferentes lugares. Aplicativos de navegação permitem a localização de endereços, a leitura de jornais e livros de forma não linear, favorecendo a exploração de conteúdos, diferente do que ocorria com o material impresso.

Os aparelhos tecnológicos permitem uma cultura oposta ao impresso surgido no século XV com a imprensa de Gutenberg. Os computadores em rede e os aparelhos tecnológicos são os que separam o indivíduo do suporte. O impresso permite que os usuários fiquem em contato com o suporte, ou seja, ao escrever, a superfície do papel é friccionada pela caneta enquanto que no suporte digital, para escrever é necessário o uso do teclado, mouse e inserir alguns comandos para a digitação.

A cibercultura surge em meados dos anos 1970 junto com a microinformática e nesta mesma década nasce a *Internet*, o que possibilitou a disseminação da informação e a conectividade, permitindo maior acesso. O desejo de estar conectado, compartilhando informações exige a evolução do suporte. “Ele é a transformação do PC (Personal Computer), o computador individual, desconectado, austero, feito para indivíduo racional e objetivo, em um CC (Computador Coletivo), os computadores em redes.” (LE MOS 2008, p. 71).

Para o autor, o que marca a cibercultura não é apenas a questão tecnológica, mas sim estar contra o poder tecnocrático existente em que a computação era restrita ao uso para operações militares e governamentais. Lemos (2008, p. 101) afirma que “O lema da microinformática será Computador para o Povo” Nesta perspectiva, os ciberespaços são compostos de um conjunto de computadores e na atualidade os *Smartphones* e

Tablets são os mais utilizados na sociedade contemporânea em que as informações circulam livremente na *internet*. Com as rápidas mudanças que ocorreram em diversos setores da sociedade e as diferentes interações existentes na rede e múltiplos aplicativos, há urgência na apropriação da leitura de literatura infantil para que potencialize a proficiência dos leitores em plataformas digitais.

Frente às crescentes transformações advindas da sociedade em rede (CASTELLS, 1999), os educadores têm sido desafiados a atuar com realidades muito complexas dadas às inúmeras transformações que perpassam a sociedade. Para Silva (2012), a educação como um direito inalienável de todo cidadão tem como função social promover a equidade, a permanência e as condições necessárias para que todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos possam aprender. Esse direito implica em novas exigências ao trabalho docente e, por conseguinte, recai no compromisso político das instituições de ensino superior (IES) que, por sua vez, são convocadas a (re) pensar as ações de formação dos professores para a literatura infantil em diferentes suportes.

As novas tecnologias possibilitam que qualquer indivíduo escreva textos em qualquer formato. Ao utilizar as TRs o usuário utiliza diferentes recursos para a produção de textos podendo inserir efeitos, sons, imagens. Nesse sentido, a leitura é modificada. Ao produzir um texto utiliza diferentes metodologias e critérios. Para Machado (2009) "Essas mudanças no suporte e na produção, reprodução e leitura de textos que levava séculos para acontecer e se disseminar, agora, numa cultura de rede, conectada by World Wide Web, e num mundo entendido como globalizado, acontecem e se disseminam em poucos anos". (MACHADO, 2009, p. 28). As mudanças permitiram novas formas de ler e escrever caracterizadas pelo uso das tecnologias, o que impulsiona a necessidade de uma leitura crítico-reflexiva, posto que o que está em questão é a apropriação dos recursos tecnológicos, uma vez que: "[...] assim como erraram nas previsões sobre a disseminação dos computadores, que estão cada vez mais acessíveis e portáteis, corremos o risco de errar ao sugerir que não surgirão tecnologias para substituir os computadores e impressoras como os conhecemos hoje". (MACHADO, 2009, p. 30).

As TRs potencializam as interações existentes no processo de apropriação da leitura e da escrita, uma vez que oportunizam o uso da *Internet* não somente para a busca da informação, mas permitem a cooperação na produção de conhecimento, a confecção de textos híbridos, semióticos. Teixeira (2010 p.31) destaca "Entendemos "rede" como uma estrutura dinâmica e aberta, cuja condição primeira de existência é a

ação dos nós que a formam e que, ao construírem suas próprias formas de apropriação e de ação sobre a trama, modificam-na e por ela são modificados”. O autor destaca que o nó é o processo de reconhecimento que, por meio das interações, permite ao indivíduo participar de forma crítica, com suas experiências de autoria, e "com o aprimoramento das habilidades envolvidas e da reflexão crítica sobre suas manifestações criativas, experimentar autorias mais complexas e significativas para ele e para a trama hipertextual, passando a uma dimensão de *sujeito-autor*". (TEIXEIRA, 2010. P. 31)

Sabendo que a escola não é o único espaço de letramento, visto que esse processo é desenvolvido em diferentes formas e lugares como a família, a religião, as associações e comunidades virtuais apontam para novas práticas sociais, em que as Tecnologias Digitais de Rede (TDR) devem ser incluídas nas escolas, uma vez que os alunos fazem diferentes usos de aparelhos no cotidiano. Silva (2014, p.60) assevera que a sociedade, o poder público, professores e demais profissionais da educação “são mobilizados a compreender este novo fenômeno que se instala nas escolas, e a partir deste processo, buscar mecanismo em que as TDR sejam incorporadas aos processos educacionais para fazer valer o direito universal do aluno de aprender na e para além da escola, isto é, em toda a trajetória de vida.”

As tecnologias de rede, principalmente a *Internet*, possibilitam a interatividade dos textos, visto que na era do forte uso das tecnologias analógicas em que se privilegiavam os textos impressos, a leitura e a escrita eram lineares. As novas tecnologias permitem que a leitura tenha uma perspectiva de *hipertextos*, *hiperlinks* que a um *click* proporciona o aprofundamento de determinados conceitos. Essas tecnologias também permitem que a escrita seja feita de forma colaborativa, rompendo os espaços e o tempo: autores podem compartilhar um mesmo editor ao produzir diferentes textos nas diferentes singularidades sociais. Para tais ações é necessária a interatividade e apropriações de diferentes recursos tecnológicos.

Portanto, sem interação as ferramentas tecnológicas e as ferramentas disponíveis não proporcionam uso crítico/reflexivo; para ter significado esta ação necessita apresentar formato interativo e colaborativo em que cada indivíduo apresente suas ideias nos diferentes espaços em redes como os hipertextos, redes sociais e aplicativos de comunicação, como Machado (2014, p. 61) nos alerta quando o assunto é a inserção dos recursos tecnológicos na formação de professores: “Não é suficiente apresentar uma série de recursos tecnológicos aos alunos em formação de Licenciaturas, é preciso

atribuir sentido a estes usos, e mais, promover a reflexão sobre o potencial pedagógico decorrente dessa utilização.”

As transformações advindas com a forte presença das tecnologias modificam o trabalho e a escola não deve resistir a essas mudanças e sim procurar práticas pedagógicas para utilização dos recursos disponíveis.

Em geral, as pessoas são letradas digitalmente em diferentes circunstâncias do cotidiano, e as práticas letradas não requerem que as pessoas sejam alfabetizadas para utilizá-las que, de maneira subsequente, suas habilidades digitais são testadas e novo conhecimento para o uso é adquirido. Os alunos chegam à escola com conhecimentos e experiências acerca das tecnologias digitais, o que desafia a escola em organizar as TICs dentro do currículo escolar. A escola deve desenvolver o pensamento crítico do aluno, uma vez que na *web*, por meio de suas tecnologias de redes, há informações acessíveis. Porém, é necessário filtrar os diferentes tipos de informações para que essas tecnologias sejam aliadas na produção do conhecimento. Assim, entender que as novas gerações estão adaptadas ao uso das tecnologias, sugere diferentes práticas de letramento.

A formação docente pressupõe ações formativas pautadas na perspectiva crítico-reflexivo, a fim de criar condições para um pensamento autônomo capaz de proporcionar novas significações ao processo de ser professor.

Teixeira (2010) tece considerações importantes a respeito da formação de professores para uma cultura de redes, por isso destaca a necessidade de que este profissional tenha a possibilidade de se apropriar de forma autônoma e coletiva dos recursos tecnológicos presentes na sociedade, a fim de (re)contextualizá-lo nas práticas pedagógicas. Com isso, Teixeira enfatiza a importância que os cursos de licenciaturas promovam ações formativas sobre as TR na perspectiva da inclusão digital, que possibilite aos professores darem um novo sentido na utilização da informática educativa nos processos educacionais. Porém, destaca, ainda, que os cursos de formação possuem um modelo de reprodução e distanciamento das TR, quando há disciplinas optativas com pouca carga horária, imersa em uma estrutura curricular que distancia as tecnologias das atividades acadêmicas, e quando há são cursos rápidos. Ressalta, também, que os cursos de licenciaturas devem propor metodologias e teorias que considerem as potencialidades das TR para que todos possam apropriar-se das potencialidades da cultura de rede.

Para tanto, segundo Bonilla (2010) há, ainda, a necessidade de fortes investimentos por parte das políticas públicas para que as escolas se transformem

efetivamente em espaços de “[...]formação dos professores, dos alunos e da comunidade escolar, para a vivência plena da cultura digital, como parte integrante de sua proposta pedagógica. Observamos que esta perspectiva parece estar ainda distante das atuais formulações políticas” (BONILLA, 2010, p.44).

A tecnologia está presente na sociedade contemporânea, nos aparelhos eletrônicos, sejam analógicos, digitais, em redes; e o contato com esses recursos modifica a sociedade em todas as suas ações, em casa, nas ruas, no trabalho e na escola. Moran (2000) argumenta que as tecnologias permitem ampliar o conceito de sala de aula, espaço e tempo, o que possibilita a interatividade de alunos e professores. No entanto, Moran (2000 p. 12) assevera que “[...] Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação do conhecimento”. Segundo o autor, há a necessidade de superar o modelo de educação que valoriza o ensino técnico para uma educação de qualidade sem desigualdade de aprendizagem. Por isso é que Moran (2000, p 16) destaca que “As mudanças na educação dependem, em primeiro lugar, de termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar”, porém para que essas mudanças sejam significativas, o autor alerta que:

As mudanças na educação dependem também de termos administradores, diretores e coordenadores mais abertos, que entendam todas as dimensões que estão envolvidas no processo pedagógico [...]. As mudanças na educação dependem também dos alunos. Alunos curiosos e motivados facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúdicos e parceiros de caminhada do professor educador (MORAN, 2000, p. 17).

A era digital modificou as formas de aprender/ensinar e o professor é desafiado a superar a legitimação oficial de ser apenas transmissor do conhecimento e assumir o papel de orientador e mediador para promover novo sentido às práticas educativas na busca e produção do conhecimento. Neste contexto de mudanças, faz-se necessário que o profissional docente se aproprie dos diferentes meios de comunicação, das TRs e tecnologias digitais, visto que seus alunos já interagem com as tecnologias antes mesmo de chegar à escola. O professor é um pesquisador em serviço aprende com a prática e a pesquisa e ensina a partir do que aprende. “Realiza-se aprendendo-pesquisando-ensinando-aprendendo. O seu papel é fundamentalmente o de um orientador/mediador.”(MORAN, 2000, p. 30).

Para Lévy (2008), a escrita é considerada uma tecnologia intelectual, pois é condição necessária para a formação e construção do pensamento, uma vez que as pessoas estão inseridas no mundo da escrita tendem a pensar por categorias, ou seja, são capazes de classificar, pela leitura, as ações do cotidiano. Neste caso é evidente que, ao ler, a pessoa toma consciência da forma como a situação é posta. Os oralistas, ou pessoas não alfabetizadas para o autor, tendem a pensar por situações que estão relacionadas a ações do cotidiano. No entanto, o autor destaca que “Os oralistas – preferimos este termo do que analfabetos, que remete às sociedades onde a cultura se encontra parcialmente estruturada pela escrita – não são portanto, menos inteligentes nem menos razoáveis que nós, apenas praticam outra forma de pensar[...]” (LÉVY, 2008, p. 93). O autor aponta que as ações das pessoas oralista ajustam situações do cotidiano tornando se condição para a vida e a aprendizagem.

2.3 Literatura Infantil digital: leitura em suporte *online* e os modelos de interação

A sociedade contemporânea em que as práticas sociais de leitura e da escrita perpassam as formas tradicionais traz reflexões sobre a literatura infantil e a leitura em suporte digital uma vez que tal prática é resultado da revolução tecnológica dos recursos para a escrita. Barton e Lee (2015) afirmam que os espaços *online* de aprendizagens múltiplas refletem em entender o uso dos textos *online* como prática situada. Os autores apontam questões referentes às mudanças ocorridas na linguagem. “Essa é também uma questão particularmente relevante na área de ensino e aprendizagem da língua, especialmente com o surgimento do pânico morais e discursos públicos sobre a queda dos padrões linguísticos”. (BARTON; LEE, 2015 p. 203). Com as novas tecnologias, surge uma nova forma de escrever e inúmeros recursos são disponibilizados.

O texto *online*, diferente do livro impresso, permite ao leitor/autor decida quais caminhos percorrer e a escrita a ser utilizada. “A maioria das práticas digitais é mediada por textos. A produção e utilização de textos *online* ocupam grande parte da vida cotidiana.” (BARTON; LEE, 2015 p. 204).

Para Lévy (2008) há diferentes mudanças na produção de texto em rede digital e as distinções de suporte na era analógica como a imprensa, o cinema, a televisão e o telefone são modificadas. Diferente dos recursos na era analógica, a produção e difusão são intensificadas com o uso das técnicas de criação permite ao sujeito letrado digital a capacidade de ter sua produção difundida em rede de forma a não depender do poder e

homogeneidade presente na imprensa, nos rádios e na televisão. Destaca que são terminais inteligentes a seleção, recepção e tratamento dos dados, dos sons ou das imagens proporciona canais inteligentes, o que justifica a interatividade presente no que é produzidos textos passam a ter sons e imagens. A transmissão permite que a rede digital integre com as mídias digitais, e a distribuição e o armazenamento são modificados. No tratamento das imagens em que por muito tempo para registrar um momento era necessário técnicas de pintura eternizadas nas obras existente, muda de cenário. Com o cinema as imagens ganham movimento e a fotografia passa a permite o armazenamento das imagens, por fim, as mídias digitais permite o armazenamento nos bancos de dados.

A literatura infantil está disponível em suporte *online* e neste novo formato o leitor interage com o objeto. As páginas são trocadas com toque em mouse ou *touch screen* ou seja, tela sensível ao toque. O leitor pode escolher se o texto será narrado ou se fará a leitura. A leitura literária e o uso das tecnologias digitais possibilitam o acesso ao texto literário de forma *online* e as interações nas interfaces. Barton e Lee (2015) enfatizam que as virtualidades em tela e as especulações sobre o computador e materiais impressos em que um pode substituir o outro, destaca Como as virtualidades não são pré determinadas, há um limite para a utilidade de tentar listar as “propriedades”, de uma tecnologia. Um *smartphone* tem certas prioridades, tais como acesso à internet e instalação de *software*. (BARTON e LEE, 2015 p. 45).

Neste sentido, a literatura infantil contemporânea, tanto no impresso como no digital potencializam a formação do leitor literário. Na sociedade contemporânea, que faz uso do impresso e do digital, aliar a literatura nos dois suportes oportuniza a imersão ao mundo da leitura e da escrita. A literatura digital é toda literatura destinada ao público infantil que estiver em suporte digital, ou seja, literatura que já está no impresso e que foi digitalizada para leitura em suporte digital, como literatura que emerge no suporte digital. Fica evidente que com o novo suporte o leitor é quem provocará a interpretação, atualização e virtualização do sentido, na qual os textos indicados para a criança não devem ficar limitados a decodificação e sim na amplitude da interpretação.

O imaginário infantil que era estimulado apenas em livros impressos ganha formas e versões digitais. Livros digitais são aqueles que estão disponíveis na *web* podendo estar nas versões *Hypertext Markup Language (HTML)*, na extensão de arquivo de texto (*TXT*) e *Portable Document Format (PDF)* entre outras, na qual para

realizar a leitura é necessário um computador, *smartphones* ou *tablets* com ou sem navegação na internet. As versões em (*HTML*) exigem o acesso à *internet*

O livro digital também pode ser entendido como aquele que possui características iguais a da obra impressa, por meio da conversão integral de livros impressos para o formato digital através da digitalização. O livro eletrônico é aquele que é acessado somente por meio de aparelhos de leitura (e-Readers), como por exemplo, o Kindle, Sony E-Reader eBookCult Reader, entre outros. (DOURADO; ODDONE, 2013 p. 4)

Dourado; Oddone (2013) afirmam que todos os livros impressos são modificados para o formato digital é livro digital. Já os livros eletrônicos são específicos para o suporte digital e que para a leitura desses são necessários aparelhos específicos. São necessárias práticas de letramento digital, uma vez que as versões são em *Electronic Publication (epub)*, *Mobipocket (mobi)*. Para Queiroz (2008, p. 15), “[...]o livro impresso tem sido gradualmente substituído por dispositivos informatizados de leitura, por livros-máquina ou livros eletrônicos interativos que navegam em cabos telefônicos ou ondas hertzianas.” As ondas hertzianas são ondas de rádios conhecidas também por ondas de radio frequências.

As versões digitais e eletrônicas estão diretamente ligadas ao contexto da sociedade atual. Grande parte das crianças têm acesso ao mundo tecnológico e estão habituadas a utilizarem aparelhos conectados à rede, tendo a oportunidade de acessar uma infinidade de textos, inclusive os livros digitais. Com o advento das tecnologias digitais, os textos e a literatura, em especial a infantil verificam a leitura de texto, imagens, sons, o que caracteriza por textos interativos e por hipertextos.

“O livro literário infantil em meio digital caracteriza-se, portanto, pelo hibridismo e pelo uso de recursos multimodais/multissemióticos, pois expande as narrativas verbo-visuais peculiares ao livro ilustrado impresso por meio da incorporação das dimensões auditivas, táteis e performativas, ou seja, aos textos são incorporados sons, imagens em movimento e interatividade por meio do tato.” (MACHADO ; REMENCHE, 2017, p.171)

Fica evidente que a transformação no suporte digital acontece de forma instantânea, uma vez que os primeiros livros digitais eram armazenados em CDROM e a leitura em tela era mediada por mouse ou teclado. Com a presença dos *smartphones* e *tablets* a mediação passa a ser por *touchscreen*.

Sites desenvolvidos por escritores e/ou artistas da literatura infantil disponibilizam obras especialmente para a leitura com o suporte da *Internet*, na qual permite que o texto contenha efeitos visuais e sonoros e a narrativa é interativa ao ponto de envolver o leitor-navegador. Os livros digitais não se limitam aos números de

páginas e não são lineares, dessa forma o autor poderá fazer diferentes caminhos e possibilitar atualizações.

A partir do surgimento de smartphones e tablets (principalmente o ipad) nos últimos anos, novas obras literárias digitais foram produzidas, voltadas principalmente para o público infantil. Enquanto a literatura digital para adultos buscou sua inspiração inicial em movimentos como o Concretismo e a Poesia Visual, a maior parte das obras de literatura digital para crianças está ancorada na tradição dos livros de imagem (ou livros ilustrados) para crianças. (MORO, 2018, p.53)

Diante do exposto fica evidente que a literatura infantil em suporte digital é criação híbrida multimodal e multissemiótica em que incluem texto, imagens, sons, músicas e movimento (ROJO, 2013) o que oportuniza a motivação, potencializa a criatividade, uma vez que proporciona uma vivência nas produções literárias tornando a experiência leitora mais exploratória.

A literatura digital descrita no site *“Literatura digital”* em seu manifesto caracteriza que a literatura digital é obra literária escrita para as mídias digitais e aquele que não é publicada em papel, ou seja, são textos produzidos especialmente para as plataformas digitais e que por serem compostas de textos, músicas e a não linearidade de sua leitura não permite que seja reproduzida em papel e diferente da leitura em livros tradicionais impressos são requeridos novas práticas de letramento(s). Elucida que com as novas práticas de escrita da literatura digital demanda da remodelagem de autores e textos. Para Barton e Lee (2015) textos são criados e lidos de muitas maneiras, e diferentes dos textos impressos um texto ao ser publicado em uma esfera digital passa a ser lido em tela. Os autores ressaltam que “Textos são centrais para o mundo *online*. A mudança para um mundo digital significa que os textos e a produção textual estão mais difundidos em todos os domínios da vida.” (BARTON; LEE, 2015, P. 43).

A literatura infantil oportuniza o hábito da leitura, na qual ao considerar um livro digital infantil é necessário considerar aspectos da narrativa. Os avanços tecnológicos permitem às tecnologias portáteis movimentos, uma vez que diferente do uso de computadores, mouse e teclado os usuários deverão se adequar à tela touch screen. Nisto o controle da leitura é feita com as mãos o que torna a leitura atrativa. “Com o advento da literatura digital, a participação do leitor pode ser algo fundamental para que a história seja mais atrativa e que desperte o interesse de quem a lê.” (TEIXEIRA; MULLER; CRUZ; 2015, p.5).

As reflexões expostas pelos autores são de que as narrativas devem ser formadas para que haja participação do leitor nas escolhas da leitura a partir do envolvimento e das suas interpretações. “Além do engajamento por meio da imaginação do leitor, que o formato

ação de folhear o livro ou texto é feito por meio do *mouse* ou teclado, já nos *tablets* e *smartphones* esta ação se dá pelo *touch screen*.

O autor enfatiza ainda que: “A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da antiguidade ou o leitor medieval” (CHARTIER, 1999, p.12). Diante do exposto, percebe-se que, com as novas tecnologias o ato de ler e escrever é modificado e sugere, então, uma revolução na estrutura do suporte material e nas práticas de leitura e escrita.

O livro digital emerge das tecnologias digitais, o armazenamento em computadores e em nuvens pode sofrer influências da tradição da impressão, mas, de acordo com o autor,

O fluxo seqüencial do texto em tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que se encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como na maneira de ler. (CHARTIER, 1999, p. 13)

A tela do computador oportuniza novas dinâmicas de leitura e sobreposição do conteúdo sendo que a interatividade, a navegação e a leitura não linear, a utilização de hipertextos ocasiona novas maneiras de leitura. Portanto, um livro digital ou livro eletrônico é um livro em formato digital pode ser lido com recursos tecnológicos como o computador, o *smartphone* e o *tablet* e para a realização da leitura é necessário leitores de livros digitais. São vários os formatos de livros digitais, sendo os mais comuns em *PDF*, *HTML* e o *ePUB*.

Os livros em *PDF* necessitam do leitor e editor de documento conhecido como *Acrobat Reader*² ou programa compatível, e o *HTML* necessita de um navegador de *internet* para ser reproduzido. Teixeira (2015, p. 38) enfatiza que “um livro em formato *PDF*, geralmente réplica digital do livro existente em papel, pode ser lido por intermédio de vários aplicativos (softwares) para leitura instalada em computador, como o *Adobe Reader*.” Os livros em geral são livros impressos por determinadas editoras e digitalizados para serem lidos em formatos digitais. Atualmente, eles podem ser lidos em *tablets* e *smartphones* que tenham recursos como o *Acrobat Reader*.

² O leitor *Adobe Reader* é um *software* que permite ao usuário a visualizar documentos em formato *PDF* desenvolvido por *Adobe System*.

Os livros digitais em formato de fluido em que são possíveis inserir imagens, sons, movimento podem ser acessados por meio do *ePUB*, na qual são acessados por dispositivos específicos para sua leitura. Teixeira nos faz refletir que “podem ser acessados por dispositivos eletrônicos portáteis específicos e dedicados à leitura, como os *e-readers* (Kobo, Kindle, Nook ou Lev) ou por meio de *readers*, aplicativos para leituras instalados em computadores convencionais, *tablets* ou *smartphones*.” (TEIXEIRA, 2015, p. 38 grifos da autora).

Os livros digitais *HTML* são livros flexíveis em projetos que envolvam o acesso à *internet* e à *web*. Teixeira (2015, p. 39) destaca que “Amplamente utilizado no projeto Gutenberg, por permitir indexação por mecanismos de busca na *web*, o *HTML* é a versão do *HTML* que permite maior qualidade e maior quantidade de recursos interativos, inclusive games.” A autora destaca ainda que o Book app é o formato que possui recursos e comporta tanto interatividade como conteúdo multimídia.

Como se trata de um aplicativo, este formato não necessita de outro aplicativo para acessá-lo; no entanto, sua linguagem de programação é específica para cada sistema operacional, o que o torna limitado apenas pelos sistemas e dispositivos em que são executados, ou seja, um book app para o sistema *Android* não poderá ser acessado em um sistema *iOS*. (TEIXEIRA, 2015, p. 39).

O sistema operacional *Android* é desenvolvido pelo *Google* e distribuído para vários fabricantes e o sistema *iOS* é desenvolvido pela *Apple* e é utilizado pelo *iPhone*, *iPad* e *iPod touch*.

Os livros digitais podem ser interativos ou não e são classificados conforme seu formato e interatividade. Os *e-books* são livros digitais em que a editora usa os mesmos recursos do livro impresso e os passa para o virtual. São simples de produzir e o formato é em *PDF*, utilizando o *Adobe Acrobat* para a leitura, possuem as características dos livros impressos e não possuem interação. Teixeira (2015, p. 41) destaca que “livros digitalizados, geralmente, foram convertidos para mídia digital e possuem características e limitações da versão impressa; no formato *PDF*, por exemplo, não é possível ter uma leitura fluida ou configurar o tamanho das fontes”.

Livro digital com recursos audiovisuais, por sua vez, possui música, narração, a paginação não é linear, sons e imagens com fotos panorâmicas e são conhecidos por *enhanced e-book*.

Os formatos de ebooks mais interativos, ebooks melhorados (*Enhanced ebooks*, termo em inglês), como EPUB3, e os books apps, estão mesclando

características de livro, videogame e filme, pois permitem a criação de histórias mais complexas, com caminhos alternativos e recursos interativos voltados para entretenimento, treinamento e educação. (TEIXEIRA, 2015, p. 41).

Os livros *app books* variam no formato e possuem recursos de suporte para trilha sonora, locução de personagens, jogos, conteúdos para pintar, jogos de memória e permitem que o leitor faça sua narração, bem como, em alguns casos, escolher ou editar um novo final de história. O *Book app* por possibilitar ações multimídias e a interatividade torna-se mais atrativo para o público infantil, uma vez que traz formato de *layout* que vai além dos livros tradicionais infantis, ou seja, além de ilustrações possuem interatividade que se assemelha a jogos de videogames - “No caso dos livros digitais infantis, os *book apps - ebooks* em formato aplicativo, ou seja, softwares, por se tratar de uma hipermídia, comportam uma maior carga de multimídia e interatividade.” (TEIXEIRA; MARITAN; GONÇALVES, 2016, p. 79).

Verifica-se desta maneira que a tecnologia proporciona uma narrativa com imagens e com o texto escrito e que a interatividade presente permite que o leitor oscile entre sons, imagens, entre outros recursos para compreender a história. Para Teixeira (2015, p. 43), “No livro ilustrado infantil, as imagens, o texto escrito e os elementos de design têm uma relação integrada, onde o significado do todo é maior que a soma das partes constituintes. As imagens dizem o que as palavras não dizem e vice-versa, pois os elementos isolados não são capazes de contar a história por completo.”

Diante do exposto, Teixeira (2015) destaca que os livros infantis possuem três tipos de relações entre palavra e ilustração: a simétrica, o reforço e o contraste. Para a autora a simétrica informa o conteúdo do texto e que: “Muitas vezes, de forma redundante. Este tipo de relação é a mais frequente, no entanto, não existe de fato uma simetria verdadeira, pois os modos de representações verbal e visual são diferentes. Sobretudo, as redundâncias de informações apresentadas pelas linguagens escrita, visual e recursos de design, aumentam a compreensão da narrativa;” (TEIXEIRA, 2015, p.44), ou seja, os recursos presentes no livro tal como imagem presente e a virada de página poderá proporcionar a abertura para um novo cenário.

No reforço: as imagens ampliam as informações do texto, trazendo representações adicionais em uma construção dinâmica da história;” (TEIXEIRA, 2015, p.44). A partir das considerações da autora, que as imagens assim como as informações contidas no texto ampliam o espaço e o tempo e que cabe a cada criança decifrar o que está na história, ao se apropriar do espaço ou do tempo na história. Em relação ao

terceiro pilar entre a palavra e a ilustração, a autora considera que com o Contraste, “as imagens contrariam as informações do texto. Esta relação de oposição desafia o leitor, a fim de considerar a ambiguidade entre os elementos verbais e visuais para mediar seu significado.” (TEIXEIRA, 2015, p.44). Neste caso o leitor é desafiado a compreender a relação da imagem com o texto.

3 –LIVROS DIGITAIS EM INTERFACES DA CIBERCULTURA: ANÁLISE PERSPECTIVAS DE LETRAMENTO LITERÁRIO INFANTIL

O livro, desde sua criação até os dias atuais, vem sofrendo diversas modificações seja na sua produção, edição ou distribuição. Com as modificações ocasionadas pelas tecnologias e com o advento da *internet*, ocorrido na última década, o livro em formato eletrônico surge como uma possibilidade interativa para a leitura. Com a integração de sons, imagens e vídeos, é possível haver interatividade nos livros digitais, no qual o livro passa a assumir outras formas e formatos.

Com a interatividade, os livros não apresentam apenas os recursos da palavra escrita, mas são potencializados com vídeos, áudio, animação e interação, podendo os usuários modificar a leitura. Os livros digitais, por sua vez, podem ser um complemento da versão impressa, bem como emergir e possibilitar sua leitura em *smartphones* e *tabletes*.

As ações provenientes do uso das tecnologias produzem diferentes estímulos e o contato do leitor com o livro digital proporciona nova experiência. Diferentemente dos livros físicos, os livros digitais produzem experiências direcionadas aos usuário, uma vez que com a utilização de um equipamento é estimulado um conjunto de sensações e estímulos por meio da hipermídia. Desta forma, os estímulos de leitura são provocados conforme o formato dos livros. Os livros físicos, por exemplo, possuem uma leitura linear, pois a leitura se dá em paginação e o leitor precisa, manualmente, mudar a página a cada término, já os livros digitais provocam outros estímulos. Ao ler um livro digital ele não necessariamente segue sequência da paginação. No texto eletrônico e nos livros digitais Além de imagens, sons, o leitor poderá tomar outras leituras. O livro em formato PDF possui um texto fluido e provavelmente limitado ao *Zoom* para a adequação do tamanho da fonte e do texto, e a paginação é em forma de rolo.

3.1 Apresentações dos livros da coleção *Kidsbook*

Os livros digitais interativos, por sua vez, proporcionam uma interação maior do leitor com o texto. “Diante disso, denota-se que o livro digital, utilizando-se da linguagem da hipermídia, busca por meio do *design* desenvolvido para aquele produto, formas de estabelecer uma interação entre o usuário e o livro digital, despertando interesse pela leitura,” (Schermach, Rodrigues, 2013, p. 246). Fica evidente nas falas dos autores o que modifica a leitura, é o *design* em que é produzido o livro, como é o caso dos livros em *HTML* distribuídos gratuitamente pela fundação Itaú, programa “Leia para uma criança”. No *site* do Itaú enfatiza que garantir o o livre acesso das crianças à leitura, seja ela em papel ou em suportes digitais, os ideais do programa é valorizar o ato de ler como potente para o fortalecimento dos laços afetivos e da ampliação da visão de mundo.

O Programa tem por função incentivar e ampliar o ato da leitura. Destinado às crianças, já foram distribuídos mais de 51 milhões de livros impressos 12 mil obras em braile e expandidas para pessoas com deficiência visual. No *site*, encontram-se informações de que 3 milhões de livros foram enviados para as bibliotecas.

A proposta do programa é incentivar a leitura de um adulto para uma criança garantindo o fortalecimento e o vínculo na efetiva participação na educação desde a primeira infância.

As figuras relacionadas no capítulo são referentes à apresentação do *site* do Programa “Leia para uma criança”. Ao acessar a página, o *site* apresenta (figura 1) um vídeo referente à biblioteca de Malala na parte superior e as caixas que a precedem apresentam o programa leia para uma criança; o Itaú social; Dicas de Leituras; Troca de livros e Dúvidas.

Figura 1: Apresentação do Programa Leia para uma Criança



Fonte: <https://www.itaú.com.br/crianca/> acesso 20/01/2019

Ao acessar o *site* representado na segunda figura, aparecem os livros da coleção “Leia para uma criança”. São livros digitais produzidos para leitura em *Android* e *IOS*. Inicialmente a produção era exclusiva para leitura na página do *FaceBook* da instituição, porém foram estendidas para leitura em *HTML*. Na terceira figura são apresentadas dicas para a uma boa leitura do livro tais como: 1. Ligue o som no canto superior direito; 2. Toque no play para ativar as animações; 3. As páginas com esses ícones tem navegação lateral. Deslize para os lados para ler; 4. Esse livro possui animações e música. Se possível leia no *wifi*. Na (figura 2) é apresentado os dez livros digitais fornecidos para leitura em *smartphones* e *tablet*.

Figura 2: Dicas para uma boa leitura



Fonte: <https://www.itau.com.br/crianca/> acesso 20/01/2019

O primeiro livro para leitura na página do *faceboo* k foi “O menino e o foguete”. O livro foi lançado em 18 de abril de 2016 na *timeline* do *facebook* em comemoração ao dia do livro. Vale ressaltar que esse é o primeiro livro da coleção *Kidsbook* exclusivo para *smartphones* e *tablets*

Figura 3: Livro "O menino e o foguete".



Fonte: <https://www.itaú.com.br/crianca/> acesso20/01/2019

A imagem representa a posição do texto no *smartphone* em que é possível verificar a ilustração de Alexandre Rampazo. Verifica-se uma luminária representando um foguete azul com desenhos de estrelas em vermelho e branco. O menino tem cabelos ruivos, veste uma camiseta amarela e esta acendendo a luminária. No canto superior da imagem pode-se observar o *slogan* da instituição anunciante e centralizado na parte superior a descrição *Kidsbook Itaú para Crianças*. É intitulada “Coleção Livros na *timeline* pela agência África sendo o anunciante o banco Itaú e o produto é institucional. Escrito por Marcelo Rubens Paiva, sendo revisado por RosaliPetrof. A arte é de Buver Carmen Castilho e ilustrado por Alexandre Rampazo. A produção digital é feita por Guilherme Ramos e Rafaela Madeira sendo animado por Um Studio.

É possível encontrar na página um vídeo feito pelo autor do livro e publicado no *YouTube*, em que o autor comenta sobre a razão da escrita do livro. Começa com uma animação, após isso o autor relata que na época da escrita do livro, seu filho, com apenas dois anos de idade, era um grande admirador da lua. Nisto o autor relata que inventou a história de um foguete que vai até a lua e depois volta à terra. O foguete é azul e o autor explica que escolhada cor é pelo motivo de que nessa fase é necessário descrever a cor dos objetos para as crianças. Para o Marcelo, a relação de dar um *tablet* para que a criança leia a história é diferente de a criança estar ao lado dos pais e eles contarem a história, justifica que esta amplia a possibilidade da imaginação na

criança, bem mais do que aquela. O vídeo está disponível no *youtube* e tem duração de um minuto e 24 segundos.

No caso do vídeo é possível acessar tanto nos *smartphones*, *tablets*, como também no computador.

Figura 4: Livro "O sétimo gato"



Fonte: <https://www.itau.com.br/crianca/> acesso 20/01/2019

O segundo livro lançado foi "O sétimo gato" escrito por Luis Fernando Verissimo e ilustrado por Willian Santiago. No livro conta-se a história de um menino que ganha sete gatos de estimação. O enredo narra que o garoto ganha gatos engraçados. O primeiro gato pensava que era francês e o menino coloca o nome de bolinha, porém o gato não atendia pelo nome. A narração continua com o menino ganhando um gato alemão chamado chuchu, porém o gato também não gostava do seu nome preferindo ser chamado de "Hans", "Rudolf" entre outros e também não dizia miau e sim Acht. O menino ganha outro gato, agora inglês e em vez de tomar leite preferia tomar chá. Em vez de dizer miau ele dizia "Oh yes. Ao ganhar o quarto gato, intitulado o mais engraçado de todos, era um gato chinês que gostava de deitar no peito do menino e esperar cafuné. Ele também não dizia miau e sim "MMM". A quinta gata era Russa e não dizia miau e sim "DA". A sexta gata não pensava que era nada e não se incomodava com o nome dado, também não dizia miau, mas sim um som bem parecido com um miado. Já a sétima gata que ele ganhou dizia miau para o espanto do menino. Esta teve grande trabalho para ensinar aos outros e finalmente eles puderam se entender.

É possível encontrar também um vídeo no *Youtube* em que o autor relata que seu pai lia histórias para ele e seus irmãos quando eram crianças. Por ser seu primeiro livro para criança, descreve a satisfação em escrever para uma plataforma digital. E que a linguagem para adolescentes e adultos é diferente para crianças. Ressalta também sobre a importância da leitura de um adulto para a criança e relevância da leitura em suporte digital para que as crianças se apropriem da leitura digital. É possível acessar o vídeo no *Youtube* pelo *smartphone* ou *tablet*. <https://www.youtube.com/watch?v=ineWTMTVz4I>

Figura 5: Livro "O cabelo da menina"



Fonte: <https://www.itau.com.br/crianca/> acesso 20/01/2019

O terceiro livro da coleção *Kidsbook* "O cabelo da menina" é escrito por Fernanda Takai e ilustrado por Ina Carolina. A história começa com uma canção. A narrativa conta a história de uma menina que acorda e desce de sua caminha. Logo a menina vai atrás de sua mãe que já está na cozinha e sugere que a menina vá escovar os dentes. Ao escovar os dentes a menina pede a mãe para ir para escola sem pentear os cabelos, uma vez que para ela está muito bonito. A mãe diz que não vai dar, mas mesmo assim a menina insiste em ir à escola com o penteado. Ao chegar à escola a professora e os alunos acham engraçado seu cabelo daquela forma, visto que o seu cabelo estava cheio de vírgulas. No recreio a menina fica sozinha e lembrava a música que sua mãe cantava para ela. Sentada ali sozinha ela sabia que no fundo todos queriam ficar com o cabelo maluquinho, porém repara que alguns não podiam porque seus cabelos eram curtinhos e outros por terem seus cabelos muito molengas. Ressalta ainda que alguns usavam o cabelo certinho ou com rabos de cavalo impecáveis. Outras com Maria-chiquinha, coque e tranças e que aqueles penteados deixavam os cabelos amarrados e tristes. A professora percebe ao fim da aula que a menina tinha sido o assunto da escola

e decide que uma vez por mês a criançada pode inventar o que quiser e também decide enviar um bilhete para a mãe. Ao final a mãe fica emocionada e as duas cantam a música tema do livro. Vale ressaltar que a história contém sons da música tema da história e ao decorrer do enredo há a presença de risadas e aplausos.

No vídeo de apresentação do livro, a autora destaca que a história é sobre a menina que com sua atitude modifica toda a escola e incentiva todas as crianças a poderem escolher o jeito que elas querem sair. A autora destaca que possui uma filha de 12 anos e que quando ela era pequena e ia para as festas gostava de ir com penteados diferentes. Ressalta que desde pequena tem contato com o livro e que é importante desde cedo estimular o ato de ler. Para a autora, utilizar dos recursos tecnológicos de forma a incentivar a leitura é válido.

Figura 6: "Entre sonhos e dragões"



Fonte: <https://www.itau.com.br/crianca/> acesso 20/01/2019

O quarto livro apresentado pela coleção *Kidsbook* “Entre sonhos e dragões” é escrito por Adriana Carranca e ilustrado por Bruna Mancuso. A história conta sobre uma terra distante isolada entre montanhas e terras secas em que as meninas eram proibidas de estudar, brincar e passear. O enredo é entorno de Farzana que tinha vontade de pegar um skate e sair pelo mundo, Sadaf que queria pilotar avião e queria lutar boxe e Shamsia que vivia desenhando com o dedo pelo ar. O verbo está no passado, uma vez que todas as coisas descritas eram coisas de meninos. Por sua vez, os meninos não tinham tempo para essas coisas, pois eles eram treinados para a guerra. Por fim, a guerra chega e com ela dragões que voam e cuspiam fogo e os meninos tiveram que enfrentá-

los. Farzana, Sadaf e Shamsia resolveram não ficarem paradas e foram à guerra. Farzana pegou o skate como sempre fazia quando não tinha ninguém olhando e fez tanta pirueta que os dragões ficaram tontos. Já Sadaf retirou da caixa as luvas de boxe e começou a lutar com os dragões, estes ficam amedrontados, uma vez que eles pensavam que boxe era coisa de menino, ela também se lembrou do avião e com suas habilidades em voar tocou os dragões para longe. Shamsia pegou seus lápis e por onde a destruição da guerra foi passada ela foi reconstruindo. Nas paredes ela desenhou as casas, rabiscou escolas onde meninos e meninas pudessem estudar e com sua criatividade desenhou instrumentos musicais em que todos pudessem tocar e dançar. Por ser uma menina muito precavida pintou lago no chão, pois se os dragões voltassem todos poderiam utilizar as águas para apagar o fogo. A história se encerra com os meninos plantando rosas, uma vez que agora possuíam água nas terras que antes eram secas e colorem o céu com pipas.

No vídeo de apresentação do livro “Entre sonhos e dragões” disponível no *Youtube*, a autora destaca que em um espaço de vida nós não iremos conhecer todos os lugares do mundo e todas as pessoas do mundo, mas com os livros é possível sonhar com essa possibilidade. Para a autora, os livros em plataforma digitais e gratuitos permitem que os livros cheguem ao maior número de crianças. Ressalta que durante o enredo do livro as meninas chegam com armas diferentes das quais os meninos são treinados os surpreendendo, tais ferramentas são a educação, a arte e o esporte. Para a inspiração das personagens meninas a autora se inspira em meninas anônimas que tem histórias de luta e superação pessoal destacando que a história é real descrita como fábula. Enfatiza que só com a educação poderemos mudar o contexto social e que o livro traz uma visão de que não existe diferença e que os direitos não são somente os direitos das mulheres e sim os direitos dos meninos e das meninas.

Figura 7: Livro "A bicicleta voadora"



Fonte: <https://www.itau.com.br/crianca/> acesso20/01/2019

A quinta história foi escrita por Antonio Prata e ilustrado por Caio Bucarechi intitulada “A bicicleta voadora”. O enredo é sobre uma bicicleta e uma pipa muito amigas e que sempre saíam juntas para passear. A bicicleta saía pedalando e a pipa empinando. Sempre que a pipa ia para o céu a bicicleta perguntava o que ela estava vendo, a pipa por sua vez respondia que via várias coisas como barcos, jardins, uma mulher e um pasto cheio de boi e vaca. A pipa era chamada de Pi e a bicicleta de Bi. Certo dia, Pi percebeu que sua amiga estava muito triste e perguntou o porquê de tanta tristeza, a Bi respondeu que era porque ela também queria voar e ver as coisas que lá de baixo ela não poderia ver. Pi então conhece outras pipas e começa a cochichar no ouvidos delas. De repente, as pipas começam a fazer redemoinhos no ar e com suas linhas deram várias voltas na Bi e a levaram para o alto. Quando menos se esperava a bicicleta começou a voar e pode ver lagos com patos, fábricas de pirulitos e surfistas pegando ondas. Também viu um jogo de futebol, uma bailarina treinando no último andar do prédio. Por fim, a história termina com a bicicleta muito contente por ter uma amiga como a pipa que sempre que quisesse poderia levá-la para o céu.

No vídeo de apresentação do livro, o autor destaca que o enredo é entorno de uma bicicleta que inveja a pipa por ela poder voar. Para o autor, as crianças querem fazer muitas coisas, porém ainda não conseguem. Ele se inspira nos filhos e ressalta o poder da leitura para as crianças. Cita que uma vez ficou emocionado, pois ao sair do quarto de sua filha ela queria mais histórias. Para ele, a criança ao perceber que a leitura é prazerosa e também uma forma de diversão promove o desejo pela leitura.

Figura 8: Livro “Chapeuzinho Vermelho”



Fonte: <https://www.itau.com.br/crianca/> acesso20/01/2019

A sexta história é original dos contos dos irmãos Grimm sendo a tradução por Mariana Beer e ilustrada por Bruna Assis Brasil. O enredo é em torno da Chapeuzinho vermelho, mãe, vovó, lobo mal e o caçador. Tradicionalmente, a história começa com o fato de que era uma vez. Chapeuzinho Vermelho e sua mãe viviam em uma casa aconchegante em uma floresta. Certo dia, a mãe faz um bolo de laranja e pede para que Chapeuzinho o levasse para a vovó que está muito doente e faz uma orientação: que não se desviasse do caminho. Chapeuzinho foi cantarolando e no caminho encontra um lobo, o qual pergunta aonde Chapeuzinho ia tão feliz. Chapeuzinho responde que ia levar um bolo para vovó que estava muito doente, então o lobo sugere que ela levasse também flores. Chapeuzinho gosta da idéia e sai pela floresta colhendo flores para vovó. Nisto o lobo corre para a casa da vovó e após falar com uma voz fininha engole a Vovó. Chapeuzinho chegando na casa da vovó percebe que a aparência da vovó estava estranha, mas mesmo assim entra na casa. Chapeuzinho pergunta para a vovó: Vó que orelhas grandes você tem, e a Avó responde: É para te ouvir melhor. E continua: Que olhos grandes você tem! É para te ver melhor; E que boca grande você tem! E o lobo responde: É pra te comer melhor. Nisto o lobo salta da cama e engole a menina sem ela ter tempo para fugir. Um caçador que passava por perto ouviu o barulho e valentemente adentrou na casa e viu a barriga do lobo cheia e corre atrás dele, por fim o caçador consegue capturar o lobo, abre sua barriga e resgata a Chapeuzinho e a Vovó. Nesta história não é disponível vídeo de apresentação do livro no *youtube*.

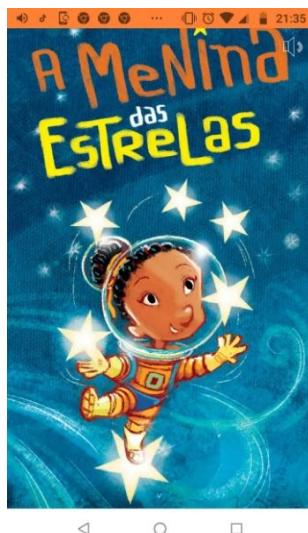
Figura 9: Livro "Pode ser"



Fonte: <https://www.itau.com.br/crianca/> acesso20/01/2019

A história "Pode ser" é a sétima história escrita para a coleção *Kidsbook* escrita por Adriana Falcão e ilustrada por Willian Santiago. O enredo conta a história de uma menina chamada Ana que todo dia ao chegar em casa conversa com a Mel. Mel é o urso de pelúcia da menina. Ela conta seus problemas para a ursinha mesmo que ela não possa escutar e falar uma palavra se quer. Ela desabafa com a ursinha, pois Lea não tem amigos e se sente só por não ter alguém para brincar, jogar bola e conversar. Ela gostava de futebol, mas por sentir que não fazia parte da turma sentava-se no chão e ficava lá a observar. Toda a noite ela sonhava que estava sentada no chão, sozinha quando de repente um menino a chamava para jogar. Entrava no jogo, mas sempre no final acabava acordando e ela teria que levantar da cama e ir para a escola, sozinha. Falava para mel que sonhar é fácil difícil era tornar isso realidade. Mas o que Ana não sabia era que aquele dia ia ser diferente. Naquele dia a turma estava jogando e Ana se levantou e perguntou se poderia jogar. Para sua surpresa eles a chamam e ela entra em campo para jogar, claro que Ana fez um gol. Ao contar para o ursinho de pelúcia ela tem outra surpresa, o ursinho fala com ela e diz: que bom que seu sonho realizou, afinal como alguém pode realizar um sonho sem sonhar. A história "Pode ser" também não possui apresentação em vídeo.

Figura 10: "A menina das estrelas"



Fonte: <https://www.itau.com.br/crianca/> acesso20/01/2019

O oitavo livro escrito por Tulipa Ruiz e com ilustração de Laurent Cardon “A menina das estrelas” traz a história de uma menina que no dia de seu aniversário passa a tarde desembulhando presentes. Em meio aos pacotes ela encontra um que não se parecia com uma boneca e acha ótimo, pois sempre ganhava os mesmo presentes. Para sua surpresa era um livro, o primeiro livro de Vanessa, esse era o nome da garotinha. Ela fica curiosa com o que poderia estar escrito nele. Antes de dormir, sua mãe leu o livro para ela. A história contava sobre uma menina que morava no espaço e tinha seu próprio foguete. Vanessa tinha o costume de, antes de dormir, ficar olhando sua mãe admirar o céu e amava quando o rosto dela ficava prateado. Seu pai contou que a lua no céu era a mesma que estava no livro, na qual Vanessa fica empolgada. Sempre juntava coisas que tinha a ver com o céu como papel alumínio, pedras, desenhos. Na escola, todos ficavam encantados com as histórias que Vanessa contava sobre o espaço e a professora arrumou até um telescópio para os alunos usarem durante as aulas. Certo dia Vanessa volta para a casa e diz a sua mãe que ela era a menina das estrelas, sua mãe fica emocionada, pois naquele dia sua mãe sabia que Vanessa tinha acabado de inventar seu futuro. O vídeo de apresentação do livro é uma produção da DPZ&T e mostra um clipe em que aparecem notícias sobre o lançamento de um foguete, o livro é baseado na história “Astronauta” sendo uma versão cantada por Tulipa Ruiz. Para a agência Publicitária DPZ&T é a primeira vez em que uma obra literária é inspirada em uma campanha publicitária.

Figura 11: Livro “Azizi, o menino viajante”



Fonte: <https://www.itaubr.com.br/crianca/> acesso 20/01/2019

O nono livro escrito para a coleção *Kidsbook* “Azizi, o menino viajante” escrito por Conceição Evaristo e ilustrado por Cleyton Almeida, conta a história de um menino que viajava para lá e para cá, ele sonhava em conhecer o mundo. Sempre viajava sem mala, pois sempre que ele fechava os olhos ele conhecia vários lugares. Quando andava de carro sempre imaginava que estava andando de barco ou avião. Certa noite ele sonhou que estava viajando de navio e ao chegar em uma terra distante se sentiu em casa, pois toda gente parecia com a sua própria gente. Uma moça se parecia com sua irmã Ainã e menino chamado Adili se parecia com ele. Azizi foi recebido com festa, dança e alegria sendo que todos comemoravam o encontro da família. Quando o menino acordou sentiu que a terra visitada em sonho era sua terra também e sua gente tinha vindo de navios daquela terra para construir o Brasil.

No vídeo apresentação do livro Conceição Evaristo conta que não nasceu rodeada de amigos e sim de palavras. Conta que seu primeiro contato com a literatura foi com a literatura oral, contação de histórias em casa, o cotidiano virava uma história. Para ela o contar história cria uma aproximação de com as crianças, pois nesse momento elas estão em um momento de encantamento. A história é baseada em uma experiência da autora, quando ela foi a um encontro de mulheres em Moçambique no continente africano. Ao chegar lá ela foi recebida com festa e dança e as mulheres lá presentes

diziam a ela como era bom reencontrar uma irmã que estava do outro lado do oceano atlântico. Para a autora, os temas direcionados são importantes tanto para crianças brancas como para crianças negras e ressalta a importância de trabalhá-los na escola. Ressalta que ninguém nasce odiando alguém e se pode aprender a odiar podemos também aprender a amar.

Figura 12: Livro "A canção dos pássaros"



Fonte: <https://www.itaubank.com.br/crianca/> acesso 20/01/2019

O décimo livro da coleção *kidsbooké* escrito por Zeca Baleiro e ilustrado por Herbert Loureiro intitulado “A canção dos pássaros”. O enredo conta sobre um curió que cantava samba, o bem-te-vi cantava blues e a asa branca só queria saber de baião. Um belo dia os três amigos se reuniram para cantar uma só canção. Naquele dia as árvores estavam mais verdes e os ventos os inspiravam a fazer uma bela música. Ao se reunirem para o ensaio e horas depois afinarem seus instrumentos em meio a assobios, nasce então uma bela música e todos se encheram de alegria. Os pássaros cantaram e cantaram e quando menos se esperava a árvore estava cheia de outros pássaros que também cantaram juntos a mesma canção. Outros animais também começaram a acompanhar a cantoria, e logo a canção ultrapassou a mata e invadiu a cidade na qual o trânsito parou por alguns segundos e para surpresa da bicharada os motoristas começaram a cantar também, assobiaram e balançaram a cabeça, pois ninguém conseguia a desprezar. Em pouco tempo a canção dos pássaros podia ser ouvida até às estrelas.

No vídeo “apresentação do livro” o autor destaca que o primeiro contato com o livro propicia a imaginação da criança, e isso é necessário para ser forjada nos primeiros anos de vida. Para o autor, a imaginação da criança deve ser explorada de todas as formas uma vez que elas conseguem imaginar diferente dos adultos. Para ele, utilizar da tecnologia é uma forma sagaz de proporcionar o gosto da leitura nas crianças. Ressalta também que a música tem o poder de ligar as fronteiras, na qual, na atualidade, a música tem papel fundamental para unificá-las.

Nisto o décimo primeiro livro da coleção é “As bonecas da Vó Maria”, escrito por Mel Duarte e ilustrada por Giovana Medeiros. O enredo está na história de três irmãs que gostavam muito de aprender, brincar e inventar novas profissões. Na primeira página, as três irmãs estão em um ambiente com livros, folhas e lápis para colorir. Há a presença de uma música e o som das risadas das irmãs. Observa-se um cesto com brinquedos ao fundo. As irmãs se chamam Areta, Fayola e Badu. Na segunda página, Areta diz “hoje serei uma cuidadora de estrelas”. Areta está rodeada de estrelas e em sua mão balança uma estrela. Além da música há o som de estrela. Fayola diz, na terceira página: “E eu, A Guardiã da Lua!”. A música nesta página continua, porém com o som de um foguete, a ilustração é composta da personagem Fayola, ao fundo a lua fixa, estrelas, foguete e satélite em movimento. Na quarta página “Badu: - Eu vou criar novos planetas!” a personagem está rodeada com os planetas do sistema solar e um está em movimento. Na quinta página, somente com o som da música tema, aparece a personagem “Vó Maria”. O texto informa que as irmãs adoram passar as férias na casa da Vó Maria. A ilustração nessa parte possui três flores em movimento. Na quinta página, a ilustração tem um gato, o som do gato miando, há um cesto de meias e alguns tecidos coloridos. Esse cesto a Vó Maria pegou e depois chamou as irmãs para a sala.

Na sexta página, a ilustração é composta da Vó Maria sentada em um sofá azul e as três irmãs em volta dela, há também um gato de cor marrom e branco deitado aos pés da Vó. A ilustração tem animação nas personagens, a Vó está com os olhos fechados, movimentando a cabeça, a boca e as mãos acima do peito balançam. As irmãs piscam enquanto ouvem a Vó contar a história sobre três princesas: Coragem, Audácia e Determinação.

Na versão de leitura em HTML, esse livro tem a sétima página de forma panorâmica, e na versão em PDF essa mesma página é dividida em outras três. Nisto as páginas são compostas da história da qual a Vó Maria está contando. Na versão HTML, o texto aparece logo acima das bonecas e seus vestidos balançam enquanto a música

toca. No formato PDF são divididas em três páginas, sendo a 10ª página neste formato. A ilustração contém uma boneca com vestido marrom e laranja, usando brinco, colar e tubante amarelo. Na 11ª a ilustração é de uma boneca com vestido azul usando brinco e “vel” e na 12ª uma boneca com vestido marrom usando brinco colar e tubante.

Na oitava página a ilustração é composta de quatro crianças, sendo que uma delas é Areta que balança a boneca com vestido marrom enquanto a música segue com o som de risadas. As crianças se interessam pelas bonecas e perguntam onde acham mais bonecas para brincar. Na nona página as crianças verificam as anotações e os pedidos de bonecas, eram tantos pedidos que a Vó Maria vendo que não iria dar conta reuniu a família e ensinou o aprendizado de gerações: a confecção das bonecas. A ilustração é composta de duas bonecas e recados dos pedidos das bonecas, um pedido tem movimento escrito “1 boneca para Lu”. O som é o barulho que é feito ao escrever com lápis ou caneta. Na décima página há a informação para inclinar o celular e a ilustração é composta da Vó Maria rodeada pelas netas e uma personagem mulher adulta. A Vó possui movimento e está balançando uma boneca, as personagens também piscam. No texto, as irmãs ajudam na loja de bonecas que a família montou. Na última página há a descrição do programa “Leia para uma criança”

3.2 “A menina das Estrelas”: uma análise da narrativa e da multimodalidade

Os livros digitais da coleção *Kidsbook*, são compostos de doze livros produzidos para a leitura em suporte digital, sendo que a plataforma escolhida é no modelo *HTML*. Nessa versão a leitura somente é possível se o leitor estiver conectado a *Internet*. Diante da exposição dos livros é possível perceber que os autores produziram os livros para uma leitura *online* disponível para *smartphones* e *tablets*. Inicialmente os livros são postados na página do *Facebook* do Programa Itaú Social, no entanto, hoje é possível acessar os livros diretamente na plataforma do programa. Para Barton e Lee (2015), a leitura em plataformas digitais permite que o indivíduo aprenda de maneiras diferentes. “A participação em atividades *online* em rápida mudança implica um aprendizado constante, grande parte do qual é informal. As pessoas aprendem de maneiras diferentes; refletem sobre a aprendizagem e empreendem projetos intencionais de aprendizagem.” (BARTON e LEE, 2015, p.35). Aprender *online* permite que as pessoas desenvolvam práticas de linguagem.

Os livros da coleção possuem a linguagem verbal, a sonora e a imagética “são linguagens plurais e articulam-se nos textos contemporâneos, produzindo uma nova linguagem, própria dos textos multimidiáticos.” (GUIMARÃES; RIBAS, 2016 p. 190). Para os autores, “os textos multimidiáticos são aqueles que produzem sentidos por meio da interação discursiva, de articulação e podem ser veiculados em vários meios” (GUIMARÃES; RIBAS, 2016 p.190) e também consideram que a “[...] *multimídia* é a tecnologia caracterizada por permitir a combinação de mídias diversas: textos impressos, imagens, sons, etc. em movimento. (GUIMARÃES; RIBAS, 2016. 190). Ressaltam ainda que os modos de articulação de linguagem possibilitem os textos em diversos suportes como celular, computador, TV digital. Assim, nas práticas contemporâneas de produção e de leituras de textos é necessário levar em consideração a linguagem e os modos de articulação entre as condições de produção.

[...]os textos multimidiáticos significam na *articulação* das linguagens, nas relações que estabelecem com o contexto e os interlocutores. Então, o produto da articulação das diversas linguagens, e não apenas a *consistência significativa* de cada um dos sentidos e das tendências discursivas que norteiam nossa interlocução e mediações hoje. (GUIMARÃES; RIBAS, 2016. p. 192)

Nos novos suportes digitais, a articulação entre as formas simbólicas e articulação entre os suportes assumem múltiplos sentidos sem a perda da dimensão histórica. Os textos audiovisuais em que há significantes imagéticos não produzem sentidos isoladamente. De tal modo que os discursos são produzidos “[...] na articulação das linguagens e não somente por meio da imagem ou do som ou do verbal isoladamente. Além do contexto em que foram produzidos, as entonações de voz, os fundos musicais etc.,[...]” (GUIMARÃES; RIBAS, 2016, p. 192)

O texto contemporâneo apresenta multimodalidade, uma vez que associa diversos elementos como o verbal, imagens, sons e gestos e pela diversidade na forma de comunicar é difundida pelos meios de comunicação. Neste caso, o ato de ler literatura não está somente na compreensão de texto, mas em relacionar os diferentes elementos. Os textos, na atualidade, compõem a comunicação estando em todos os suportes como a televisão e ou nos *smartphones* e *tablets*. Os textos são compostos de múltiplas linguagens e os aparelhos eletrônicos são atualizados.

O texto digital oportuniza, algumas vezes, que o leitor seja também autor. Os textos no suporte digital permitem ao usuário que o mesmo interfira no texto, ou seja, quando o leitor acessa um livro ou um texto nas plataformas digitais, o mesmo pode criar, recriar, recortar os textos. Chartier (2002) enfatiza que com os textos digitais

modificam a ordem das razões e os leitores podem utilizar recursos para aceitá-los ou não. Demonstra ainda que “[...] a textualidade eletrônica permite desenvolver as argumentações segundo uma lógica que já não é necessariamente linear e nem dedutiva.” (CHARTIER, 2002. p. 24)

A ilustração é uma imagem que acompanha determinado texto. Os livros infantis possuem ilustrações e há livros que contêm apenas ilustrações. É importante ressaltar “mesmo que a ilustração seja proveniente da ótica do ilustrador, assim como a palavra é organizada pelo escritor, cada uma das linguagens tem uma função na construção discursiva, tentando estabelecer um vínculo com o leitor.” (GUIMARÃES; RAMOS. 2013, p.254), as autoras afirmam que a ilustração precisa acolher o leitor e permitir encontrar no texto uma maneira de interferir e fraturar discursivamente a ordem, oportunizando ao leitor uma experiência estética, função principal do texto literário. A ilustração, assim, é vista como parte integrante do texto, “A ilustração atrai o olhar do sujeito que se deslumbra e se volta sobre o que vê, para interagir com o texto, ou seja, com a nova realidade apresentada pela imagem.” (GUIMARÃES; RAMOS. 2013, p.254). A ilustração, dessa maneira, convida o leitor para uma experiência estética.

Os livros infantis ilustrado podem ser lidos como um texto híbrido, verbal-visual, em que ocorrem os dois discursos, e oportuniza o diálogo entre texto e ilustrações. Camargo (2019) afirma que na literatura infantil e ficção podemos encontrar alguns elementos básicos: sendo o livro ilustrado, em que a história é narrada principalmente pelo texto e as ilustrações pontuam o texto, o livro imagem contendo apenas imagem e o livro de história narrado pelo texto e pelas ilustrações, criando um texto híbrido, verbal-visual. Camargo (2019) resalta ainda que no diálogo entre texto e ilustração podem ocorrer convergências de sentidos em que o sentido da ilustração converge para os sentidos do texto e mesmo a contradição, quando o texto diz uma coisa e a ilustração outra.

Para a escolha da análise do livro será levada em consideração a narrativa, a narração e a multimodalidade e multiculturalidade presentes no texto. Por isso a escolha do livro “*a menina das estrelas*”, escrito por Tulipa Ruiz: por conter elementos que aproximam da proposta da análise. O livro foi lançado no dia 23/10/2017 e foi lustrado por Laurent Cardon. Tulipa Ruiz cria uma versão da história contada no filme “*Austronauta*” criada pela Agencia DPZ&T e postada no dia 04 de outubro para a divulgação da campanha do “*Leia para uma criança 2017*”. É possível ler “*A Menina das Estrelas*” por aparelhos móveis no site do Itaú Social, pelo *Facebook* e *Instagram*

por um adulto ou responsável observando a idade mínima permitida para uso em cada rede social.

O vídeo da campanha está disponível na página do *Youtubeda* Agência DPZ&T, intitulado “*Itáu. Leia para uma criança. Astronauta. Set 2017*”, sendo possível encontrar também a ficha técnica³.

A campanha conta a história de uma criança que se torna astronauta quando adulta. (SCHELLER, 2017) destaca que a campanha [...]“*Leia para uma Criança*” do Itaú Unibanco, atingiu a marca de quatro milhões de livros distribuídos em nove dias[...]” (SCHELLER, 2017, sp) e informa que o resultado pode ser explicado pela campanha simbolizada pelo filme.

O Livro foi escrito por Tulipa Ruiz Chagas, na cidade de Santos, no Estado de São Paulo, no ano de 1978. Tulipa é cantora, compositora e desenhista. Quando criança mudou-se para a cidade de São Lorenzo, em Minas Gerais, e estudou canto com a maestrina Edna de Souza Neves. É formada na Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP) no curso de Comunicação e, ao mesmo tempo, passou a se apresentar em bandas de amigos (TULIPA, 2019). A enciclopédia Itaú Cultural Informa ainda que Tulipa Ruiz, desde 2008, passou a se dedicar à carreira musical e à ilustração. “Tulipa Ruiz deixa a publicidade e inicia a carreira utilizando o termo “pop florestal” para definir a estética leve e lúdica do seu primeiro disco, *Efêmera* (2010), ilustrado por ela.” (TULIPA, 2019). Com faixas autorais e em parceria com o seu irmão, o guitarrista Gustavo Ruiz (1980), as composições apresentam temas como a natureza e as relações humanas. “Conta, ainda, com a participação de seu pai, Luiz Chagas, guitarrista da banda Isca de Polícia, de *Itamar Assumpção (1949-2003)*.” (TULIPA, 2019).

No álbum *Efêmera* “Tulipa aborda momentos cotidianos, como passear na cidade (“*Às Vezes*”, de Luiz Chagas) ou chegar atrasada ao cinema (“*Pontual*”, composição

³FICHA TÉCNICA: Cliente: Itaú Unibanco Produto: Institucional Campanha: Itaú Criança 2017 Data da Produção: setembro 2017 Título: Astronauta Secundagem: 120” Direção Geral de Criação: Rafael Urenha Direção Executiva de Criação: Sergio Mugnaini Direção de Criação: Silvio Amorim Criação: Rafael Urenha, Silvio Amorim, Bruno Landi, Giampietro Zanon, Thomaz Dantas, Raphael Lucone, Vinicius Curi, Yuri Goo Atendimento: Daniel Jotta, Kika Palhares, Danielle Bacha, Vanessa Nascimento, Laine Santos, Bruna Lelis Aprovação Cliente: Eduardo Tracanella, Thiago Cesar da Silva, Marcela Correia de Oliveira Planejamento: Fernando Diniz, Guilherme Sampaio, Camilla Facin, Fernanda Felício, Bruno Affonseca, Renata Cardetas Mídia: Paulo Ilha, Clara Corrales, Vivian Simões, Bruno Felix, Cibele Perandin, Gabriela Pereira, Vitor Maia, Yasmin Gonçalves, Julia Santana RTVC: Ducha Lopes, Pity Lieutaud, Adriana Marino, Brunno Cunha Projetos: Marcos Yamamura, Luiz Felipe Rodriguez, Karina Kanashiro Conteúdo: Adriana Blanco Produtora de Som: Satélite Áudio Produção e Finalização: Equipe Satélite Atendimento Produtora de Som: Fernanda Costa, Tatiane Dias Ferreira Produtora de Imagem: Saigon Filmes Direção de Cena: Vellas Produção Executiva: Marcelo Altschuler Coordenação de Produção: Carol Pessini Atendimento produtora: Fernanda Gomes e Tais Sanches Coordenação de Finalização: Virgini Fares Direção de Fotografia: Agustin Claramunt Direção de Arte produtora: Marcelo Reginato Finalização: Jacqueline Lima Montagem: Rami D’Aguiar Pós-Produção: Nash Production Cor: Bleach Filmes Produção Gráfica: Marcos Moura, Durval Brum ArtBuyer: Marcos Moura, Andrea Soeiro Fotógrafo: Erika Verginelli Ilustração: Platinum/Techno Image Tratamento de Imagem: Platinum (APZ&T, 2017)

própria). O clima desprezioso é reforçado pelo uso de guitarras havaianas e por canções como “A Ordem das Árvores” (Tulipa Ruiz), que lembra a poética de Manoel de Barros (1916-2014). (TULIPA, 2019).

A figura feminina é o principal tema de seu trabalho visual e nos trabalhos de Tulipa Ruiz, como em “Da Menina” (2008) ou “Desinibida” (2012) o discurso sobre a feminilidade é recorrente nas composições.

Em 2012, a cantora lançou o disco “Tudo Tanto”, também produzido por Gustavo, com arranjos de cordas e sopros de Jacques Mathias. Em 2017, Tulipa lança “TU”, disco que revisita composições anteriores, como “Pedrinho” e “Desinibida”. A primeira exalta a liberdade de um personagem que vive nu – um nu metafórico da liberdade de se assumir quem se é. A segunda traz uma personagem feminina que passa pelas relações humanas sem perder a autenticidade e capacidade de observar. (TULIPA, 2019)

Duas questões práticas serão abordadas: primeiro faremos uma análise da ilustração e seu efeito na narrativa, e a segunda será descrever elementos presentes no livro digital.

Diante do exposto, e a partir da compreensão dos critérios de análise, o livro infantil digital “*A Menina das Estrelas*”, inicialmente, apresenta as dicas para uma boa leitura, em que é possível encontrar orientação para que o leitor possa navegar nas páginas do livro. Ao iniciar a leitura é apresentada a capa do livro, feita para a leitura digital.

A capa é composta por fundo azul contendo o título do texto, a ilustração da personagem principal “*Vanessa*”, vestida de astronauta com estrelas ao seu redor, o que favorece a impressão de que a menina está flutuando. Para realizar a leitura há uma seta em que está descrito “deslize para iniciar”. Chartier (1999) demonstra que a leitura é sempre uma apropriação, uma invenção e produção de significados na qual “Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras extinguem.” (CHARTIER, 1999, p.77). Também é possível encontrar na capa a descrição da escritora Tulipa Ruiz e do ilustrador Laurent, na posição inferior, escrito em branco com fundo esverdeado, deixando destacado tanto os nomes dos autores como o *slogan* quadrado com fundo azul escrito “Itaú”, em amarelo. A edição utilizada neste estudo contém elementos comuns na apresentação da capa, como ilustração, informações de autoria e não deixa evidente a editora *Kidsbook*, uma vez que é demonstrado o *slogan* do Itaú.

No título do livro “*A Menina das Estrelas*” a cor utilizada nas letras é laranja nas palavras “A menina” e o pingo do i é uma estrela amarela; a palavra “das” está em branco e a palavra “*Estrelas*” está em amarelo. A leitura e a diagramação da capa escolhida privilegiam a imagem e a palavra, uma vez que texto escrito e imagem possuem cores aproximadas e destaca ambas na construção da capa e da própria narrativa.

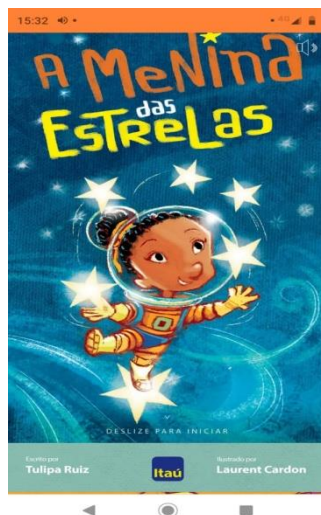
A ilustração domina o pano de fundo da capa, a menina com o pé em uma estrela e rodeada de estrelas com o fundo azul, o leitor pode observar e conhecer a personagem da narrativa e suas ações.

Os elementos encontrados na capa diferenciam-se da capa de livro impresso e o recurso de som, e o símbolo “V” com movimento indicando para deslizar a página para baixo chama a atenção do leitor e indica um convite para “abrir” o livro e identificar elementos contidos na capa. No canto superior há um símbolo de um alto falante, a partir do qual o leitor é livre para fazer a leitura com som ou não.

O modo com que a personagem está diz respeito à forma, representa uma menina negra com cabelos amarrados em forma de coque. A representação do capacete não existe, uma vez que o mesmo segue o desenho do penteado do cabelo. Os olhos da personagem estão abertos e a linha da boca demonstra que a menina está sorrindo. O olhar está fixo, não deixando claro se a mesma está a observar as estrelas ou olhando para o universo. A questão étnica está contemplada pela coloração de pele que tem a sua representação no tom negro. As mãos estão abertas e com uma luva amarela, sugerindo que a menina está no espaço.

Este conjunto de elementos veiculados na ilustração da capa do livro amplia a possibilidade de construção de sentidos. A forma como a ilustração se compõe e o conteúdo da imagem dá ao leitor uma visão a respeito da ação da narrativa. Ramos; Nunes (2013) enfatizam que “A ilustração atrai o olhar do sujeito que se deslumbra e se volta sobre o que vê, para interagir com o texto, ou seja, com a nova realidade apresentada pela imagem.” Assim, os elementos visuais presentes na capa possibilitam ao leitor antecipar criativamente aspectos que podem estar presentes no livro, ou não. A ilustração convida o leitor a viver a experiência estética e “não se trata apenas de observar uma obra artisticamente executada, percebendo seus materiais ou técnicas de produção, mas de recebê-la, percebê-la, senti-la, deixar-se levar pela emoção que aquele conjunto, artisticamente constituído, provoca.” (RAMOS; NUNES, 2013 p. 254)

Figura 13: Livro "A Menina das Estrelas"



Fonte: <https://www.itaubr.com.br/crianca/> acesso 20/01/2019

Fica evidente que, com a inserção de som a leitura configura-se como multiletramentos, uma vez que Rojo (2012) destaca que textos compostos de múltiplas linguagens (sons, imagens) transformam a diagramação do texto produzido. A ilustração na capa enriquece a leitura. (TEIXEIRA, 2015. p. 79) afirma que há diferença entre um aplicativo de computador e um roteiro de dramaturgia. “[...]o roteiro de uma dramaturgia é linear e a não linearidade de um *software* implica que, dependendo das ações do usuário, o computador pode fazer diferentes coisas acontecerem em tempo real, durante o desenrolar da história”. (TEIXEIRA, 2015 p. 79).

A leitura linear é feita de uma única forma por um único caminho. O impresso é lido, normalmente, de maneira linear, ou seja, conforme o suporte, o discurso segue determinada sequência. Assim como é desenvolvido determinado *software* com ferramentas específicas como editores de textos, programas de ilustração, um livro infantil também é específico.

A interatividade engaja a atenção do usuário na interface mediando sua comunicação pelo computador. “Além de um conceito-chave das novas mídias, a interatividade tem sido exaltada como princípio fundamental das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), nas quais oferece um novo conjunto de ferramentas que mudam a relação entre o autor e público.” (TEIXEIRA, 2015 p. 85). Nisto a interatividade mediada pelo computador cria possibilidades de indicação, escolhas limitadas. A autora enfatiza ainda que “Sem interatividade, uma narrativa digital seria uma cópia de uma narrativa tradicional, com mudanças apenas nas mídias apresentadas,

que, antes, seriam em formato analógico, tais como o vídeo e o áudio.(TEIXEIRA, 2015 p.85). Para a autora é a interatividade que muda a maneira tradicional de contar histórias.

A televisão, o livro impresso e o cinema ganham softwares específicos para diferentes atividades. “Todas estas formas contêm atributos universais equivalentes, tais como: personagens envolvidos em situações conflitantes e apresentação de eventos dramáticos, do início ao fim.” (TEIXEIRA, 2015 p.85). A autora considera que a interatividade pode alterar a essência da história e mudar radicalmente a experiência do usuário.

“Em um book app, por exemplo, o leitor deve ter a capacidade de manipular, explorar ou influenciar a história, e o conteúdo deve responder. Ou o contrário, a história exige algo do leitor e o leitor responde. Desta forma, o leitor torna-se efetivamente participante ativo da narrativa. O que não acontece nos mecanismos tradicionais de contar histórias, onde o público desfruta a história passivamente ouvindo, assistindo ou lendo.” (TEIXEIRA, 2015. p. 86).

Nas narrativas digitais, a interatividade se apresenta de diferentes maneiras e suas limitações dependem do aparelho utilizado. Com acesso à *internet*, as narrativas permitem interagir com o texto, personagens e mesmo com outros usuários. Ao ler a narrativa sem acesso à internet, o texto poderá sofrer modificações e dependendo do formato não será possível fazer a leitura.

O som presente no livro “A Menina das Estrelas” está em todas as páginas bem como a ilustração de som (alto falante) na cor branca. Em todas as páginas é possível controlar o som. Para Teixeira (2015), com base nos estudos de Horowitz (2014), demonstra que o som deve ser analisado e aplicado à narrativas digitais interativas classificado como:

“[...]som diegético: quando o som se encontra dentro da narrativa, tal como nos diálogos, sons de objetos movimentados na tela e música de instrumentos musicais mostrando na história; e som não-diegético: quando o som não se origina dentro da história, tal como: a voz do narrador, efeitos sonoros e trilha musical, áudios interativos (ocorrem em resposta ao usuário – controle de som, clicks etc.) e áudio adaptativo (ocorre no ambiente de narrativas digitais com a mudança da tela ou de fase da história)(TEIXEIRA, P.86 105).

Na página seguinte à capa do livro, a Ilustração é da personagem rodeada de presentes, alguns embrulhados, outros desembulhados e “Vanessa” está com uma boneca na mão e jogando o papel de presente. À frente, há ilustração de uma bola rosa com estrelas azuis; um triciclo com rodas roxas, banco azul, guidão verde com luvas

azuis. Ao centro, um baú marrom com detalhes em azul e flores marrons. A esquerda do leitor, na página, há mais dois brinquedos de pelúcia: o leão rosa e a raposa azul e acima lanternas japonesas e um Móbile de origami. O áudio reproduz a música tema do livro e com o som miado de um gato, presente na página subsequente, à direita do leitor

Figura 14: Primeira página do livro “A menina das Estrelas”.



Fonte: <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/historias/a-menina-das-estrelas/>

As ações que permeiam a participação do leitor o levam a “ter a capacidade de manipular, explorar ou influenciar a história, e o conteúdo deve responder” (TEIXEIRA, 2015 p.86). Nota-se que, ao fazer a leitura no livro digital, o leitor deve observar além da ilustração e do texto verbal, pois há também símbolos em movimento. No canto direito há o símbolo > em movimento informa ao leitor a próxima página à direita. No canto inferior é possível verificar a informação deslize para a direita e à esquerda da tela existem três círculos, () e as cores são definidas indicando a página que o leitor está. Nesta página são fornecidas ao leitor diferentes informações à realização da leitura. Ao observar o canto superior esquerdo há ilustração de um alto falante na cor branca. Ao clicar no alto falante o leitor poderá fazer a leitura com ou sem som.

Figura 15.: Primeira página com os símbolos (⦿), < > e o alto falante. print do autor.



<https://www.euleioparaumacrianca.com.br/historias/a-menina-das-estrelas/>

Como descreve Teixeira (2015), o livro traz informações claras de para o leitor utilizar de forma correta o livro, uma vez que, se o leitor optar por ir por outro caminho poderá comprometer a compreensão da história. Neste sentido, o leitor encontra desafios que surgem durante a leitura, na qual mesmo para leitores *online* experientes é sempre um caminho indefinido. É nessa página que inicia a narrativa da história. Ao passar para a próxima página observa-se a menina em meio a diferentes pacotes e também a figura de um gato. Além da música é possível ouvir o miado do gato.

Figura 16: Segunda página do livro “A menina das Estrelas”



fonte: <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/historias/a-menina-das-estrelas/>
acesso dia 10/11/2019

A narrativa nessa seção demonstra a menina observando um pacote diferente dos outros. Ao ver um pacote no formato quadrado a narrativa indica que há possibilidade daquele objeto não ser uma boneca. A ilustração é composta da personagem principal com um vestido azul segurando um urso de pelúcia com vestido azul e listras xadrez rosa. A menina aparece surpresa, pois há um presente embrulhado de azul com laço rosa diferente dos vistos. Nesta página é possível verificar a ilustração de um gato com

listras azul esverdeadas e verde. O rabo do gato ganha movimento e o olhar e o som do miado do gato aguçam a curiosidade da menina.

No final da página é possível verificar o indicativo “Deslizar para a direita”, que orienta o leitor o caminho da próxima página. No canto inferior esquerdo do leitor há a presença dos círculos (), porém nessa página o círculo em destaque é o do meio e o círculo seguinte indica a próxima página. Neste cenário, o espaço virtual torna-se uma oportunidade para potencializar o encontro do leitor em formação com o texto literário, uma vez que cria a possibilidade do encontro da linguagem verbal com a lateralidade do texto *online*. No meio da página há os símbolos > < na cor branca e em movimento para a esquerda e para a direita.

Na página seguinte, a ilustração é composta da personagem principal ao centro, desembrulhando o presente. A menina está rodeada de presentes e o gato está na parte superior da página. Os símbolos () indicam a página em destaque representado pelo último círculo. Ao lado dos círculos está descrita a informação “Deslize para baixo” informando o leitor o caminho a percorrer para a próxima página. O símbolo < em movimento indica a possibilidade de retorno à página anterior. Além do efeito sonoro da história se encontra o barulho sugerindo que a menina está abrindo o presente e o gato miando.

Figura 17: “Deslize para baixo”



Fonte: <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/historias/a-menina-das-estrelas/>
 acesso dia 10/11/2019

Ao deslizar para baixo, a página com fundo laranja revela a surpresa da menina em ganhar um livro e não uma boneca. Ao centro da ilustração, a menina segura um livro com capa azul contendo o título do livro “A Menina das Estrelas”, escrito em branco com a ilustração de uma lua que reflete o rosto da menina. A menina está sentada em uma almofada segurando o livro e o gato está ao seu lado, também olhando o livro. A imagem da menina refletida na lua na capa do livro possui movimento dos olhos e sobrancelhas, demonstra a surpresa da menina. Nesta seção, ao mesmo tempo em que toca a música tema do livro, há o som do que representa surpresa.

A página seguinte tem como ilustração ao centro a menina, a mãe e o gato com o livro aberto. Com a narrativa e a ilustração de cobertor xadrez nas cores amarela e rosa é possível perceber que os personagens estão em uma cama. Nesta página há o som de estrelas. Os símbolos > está presente indicando a paginação a seguir e o (⊙) com dois círculos indicando a seção da página.

Na página seguinte não há presença do texto escrito, a ilustração é composta de uma janela aberta em tom azul esverdeado escuro e uma parede amarela. Na parede há ilustração de duas pinturas: uma de um gato com tons esverdeados e uma que sugere ser uma lua com um sorriso. A imagem em movimento é uma meia lua com um foguete pousado. Os símbolos (⊙) com o último círculo destacado indicando a página que o leitor está e o símbolo < que informa sobre a possibilidade de voltar a página. No canto inferior da página está a descrição “Deslize para baixo” para informar o leitor o caminho a percorrer à próxima página.

Figura 18: Ilustração da lua e foguete e indicativo “deslize para baixo”



Fonte: <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/historias/a-menina-das-estrelas/>
acesso dia 10/11/2019

Esta seção é composta de três páginas com o mesmo tom azulado de fundo. Os elementos compostos da ilustração estão na primeira página: a imagem da personagem da mãe sentada e encostada na parede, a personagem observa a lua, uma vez que a tonalidade da pele está prateada e o céu com estrelas. Os elementos interativos são compostos pelos símbolos (⏪ ⏩) indicando três páginas consecutivas e o símbolo > indica próxima página, à direita do leitor. Ao trocar de página há uma transição musical e é inserido som de estrela e o esfregar do lápis no papel. A personagem está deitada no chão com ilustração em movimento na mão, ao pintar o desenho da mãe observando a lua. O texto escrito “a lua iluminava o seu rosto” e “Vanessa adorava quando a mãe ficava prateada” confirma a ideia de que a mãe observava a lua. Os símbolos (⏪ ⏩) e nesta página destaca o círculo do meio e indica a página que o leitor está. Presença dos símbolos > e < em movimento informa que poderá avançar ou recuar páginas.

Figura 19: Vanessa contemplando a mãe sobre a luz do luar.



Fonte: <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/historias/a-menina-das-estrelas/>
acesso dia 10/11/2019

Ao avançar para a próxima página a ilustração é composta pela ilustração de pai e filha e a lua cheia olhando e sorrindo para os dois. O pai com sua filha segurando um balão flutuam pelo espaço. Os símbolos indicam a última página, o símbolo < informa o recuo da página e a informação “deslize para baixo”.

O enredo continua com “Vanessa” empolgada e a próxima seção e consoante com a subsequente mostra “Vanessa” juntando coisas e informações sobre o céu, contendo os símbolos (⏪ ⏩) e >. Ao passar para a próxima seção, a ilustração é composta da personagem assistindo, pela televisão, notícias sobre o espaço. O vídeo é sobre o lançamento de um foguete e contém imagem do foguete que aproxima do real.

Por fim, na última página da história, composta apenas de ilustração centraliza o foguete laranja com animação nas turbinas, há a informação “Incline o seu celular”. Ao fazer o movimento é revelada a ilustração. Esta seção difere das demais, uma vez que ao “abrir” essa página o leitor é livre pra inclinar o celular na direção que desejar.

O som é composto do barulho de turbinas ligadas, porém ao inclinar a ilustração é composta por objetos do quarto da personagem. Na página do lado direito do leitor, a ilustração é composta pela estante de livros da personagem com brinquedos espalhados e destaque para o livro “A Menina das Estrelas”. Do lado esquerdo há um armário em que os brinquedos estão posicionados em direção do lançamento do foguete e “Vanessa” segurando seu capacete e com sua roupa de astronauta assiste o lançamento do foguete ao lado do seu gato azul esverdeado. A última página do livro é institucional com o título “Leia para uma Criança” e com o hiperlink “Clique e veja mais histórias” direcionando o leitor a outros livros da coleção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos compreender a literatura infantil e os aspectos da origem à atualidade, especialmente a literatura infantil e livros em suporte digital. Foi apresentado um levantamento bibliográfico de títulos literários infantis digitais em plataforma gratuita e buscamos analisar a obra “A menina das Estrelas”, escrito por Tulipa Ruiz.

Buscamos evidenciar a literatura infantil digital para favorecer a aquisição de habilidades e capacidades leitoras. Lemos (2008) considera que vivemos em uma sociedade contemporânea e compreender a cibercultura contemporânea é impossível sem compreender que a forma técnica da cultura contemporânea é produto de sinergia entre o tecnológico e o social. “Podemos dizer que existe uma relação simbiótica entre o homem, a natureza e a sociedade. A cada época da história da humanidade corresponde uma cultura técnica particular.” (LEMOS, 2008. p.15)

Com a influência dos meios eletrônicos, as discussões sobre as práticas de leitura também são repensadas, ao considerar as mudanças entre o autor, o texto e o leitor. Do leitor de textos impressos, passa-se para o leitor imerso nas tecnologias digitais. Neste contexto, o leitor percorre caminhos diversos diante dos hipertextos e links presentes no texto eletrônico. Aos textos impressos, somam-se aos textos móveis, disponíveis na *Internet* como os e-books, livros, aplicativos de comunicação como *Messenger*, *Watsapp*; *Linkedin*.

Vivemos em uma sociedade imersa com as TIC, visto que estas tecnologias estão presentes no cotidiano da sociedade contemporânea, em diferentes aparelhos e sistemas. Esta mudança na sociedade desafia as escolas, uma vez que os estudantes utilizam as tecnologias antes mesmo de ingressarem nas instituições escolares; e tanto as escolas como as universidades que ofertam cursos de licenciaturas necessitam inserir em sua formação inicial disciplinas para a literatura infantil e mesmo para a utilização consciente das tecnologias.

A literatura infantil é considerada elemento essencial para o conhecimento e a aprendizagem, pois possibilita às crianças construir e viver em um mundo de encantamento, vivenciar experiências enriquecedoras que favorecem sua criatividade,

papel importante para o seu desenvolvimento. A leitura é fundamental para todas as crianças, sejam leituras de imagens, textos e vídeos e a sala de aula é o espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, uma vez que proporciona interlocução com a cultura literária.

Com a evolução das mídias, ocasionada pelos avanços da tecnologia digital, e a mudança no suporte de leitura, surgem novas formas literárias. A leitura literária permite ao indivíduo interagir com o mundo, nisto a leitura de literatura infantil em suporte digital oportuniza a formação do leitor.

Há uma multiplicidade de práticas culturais e sociais que envolvem a leitura e a escrita na sociedade contemporânea, os novos modos de leitura, uma vez que há pouco tempo os livros eram somente em papel, e poucos eram os leitores. Na sociedade atual, encontramos uma variedade de textos em suporte digital. Por ser cultural e no Brasil o acesso a *smartphones* e *Tablets* ainda ser restrito a determinadas camadas da população, e o uso dos aparelhos serem para comunicação e entretenimento, a leitura nesses suportes são direcionados a redes sociais, aplicativos de comunicação entre outras ações do cotidiano como pagar um boleto no aplicativo do banco, verificar hora, previsão do tempo, trânsito e jogos infantis.

A literatura faz parte da aprendizagem inicial na vida das crianças, sendo que algumas não têm o hábito da leitura em impressos ou em suporte digital, assim, cabe ao professor oferecer aos seus alunos textos interessantes para que eles descubram o prazer da leitura. O professor, ao realizar leitura em diferentes suportes para as crianças, oportuniza a apropriação e construção de significados para a leitura de mundo. Contudo, nos anos iniciais da alfabetização o professor é o leitor de referência. Na Educação Infantil a criança ainda não sabe ler, por isso precisa ouvir leituras realizadas pelo professor, não sendo ele apenas a referência, mas que proporcione a imaginação da criança.

Ao falar do letramento digital em que os textos, imagens, sons são apresentados em suporte digital, a leitura e a escrita permeiam as ações de ler e escrever e torna-se necessária adaptação dos sujeitos em uma sociedade para atender as exigências da prática de letramento.

Barton e Lee (2015) consideram que as práticas de letramento ocorrem quando há planejamento para trabalho ou lazer, lista de compras, conversas e discussões entre pessoas. Os autores ressaltam que essas ações “São práticas de letramentos porque há padrões comuns na utilização de leitura e escrita no planejamento de um feriado. Em

outros domínios da vida, também existem práticas sociais identificáveis em que o letramento é imprescindível.” (BARTON. LEE, 2015 p. 40). Para os autores as práticas de letramento estão no cotidiano dos indivíduos, no entanto ressaltam que os domínios de letramento, ou seja, os lugares em que ocorrem tal prática, exigem de certa forma o uso da leitura e da escrita. Consideram que “No domínio da educação, por exemplo, atividades como fazer um trabalho escolar ou preparar uma apresentação envolvem uma ampla gama de práticas de letramento”. (BARTON. LEE, 2015 p. 40).

Fica evidente que as exigências em realizar um trabalho e apresentação vão além de leituras de textos, uma vez que na esfera da educação o suporte de papel é confrontado com a utilização de diferentes recursos tecnológicos, no qual novas habilidades para a leitura e a escrita são necessárias. Os letramentos estão em todas as esferas da sociedade, seja na esfera da educação, trabalho, lazer. Em todo o cotidiano os usos da leitura e da escrita estão presentes, assim “Práticas de letramento são constituídas por atividades específicas e, ao mesmo tempo, fazem parte dos processos sociais mais amplos.” (BARTON. LEE, 2015 p. 40).

As práticas do letramento digital que ocorrem de forma *online* ou *offline* são mobilizadas pela participação do indivíduo, ao utilizar recursos linguísticos em diferentes contextos para fins diversos. Fica evidente que a utilização dos recursos para a produção de textos engloba todas as esferas da sociedade, ou seja, pode se encontrar leituras produzidas por diferentes pessoas para diferentes grupos. Exige-se prática letrada e digital tanto para quem produz quanto para quem lê, “E ao desenvolver o domínio das virtualidades de diferentes línguas podem ou não fazer, os participantes online levam em consideração uma série de fatores ecológicos, principalmente: quem é o usuário, qual é o público-alvo, o que posta e como o veículo é utilizado.” (BARTON. LEE, 2015 p. 79).

Os usuários são definidos como sujeitos participantes da linguagem *online* e que fatores como nível de escolaridade, acesso à internet, poder econômico, entre outros, determinam o tipo de usuário. Diante do exposto, os usuários são responsáveis por apresentar textos na internet e, geralmente, os usuários escrevem para seu público-alvo. Barton e Lee (2015) apresentam três tipos de público nos espaços online, sendo “[...]o público geral “desconhecido” na *web* (especialmente no *Flickr* e *YouTube*), “amigos” que estão listados como contatos (especialmente no *Flickr* e *Facebook*) e amigos na vida “real” (especialmente no serviço de mensagens instantâneas.” (BARTON. LEE, 2015 p. 82). *Flickr*, *Facebook* e *YouTube* são redes sociais de compartilhamento de textos,

imagens, vídeos, sons em que usuários podem modificar a postagem, utilizando a linguagem conforme o gosto do público-alvo.

Para Barton e Lee (2015), assuntos escolhidos nos *posts* são influenciados pela escolha da linguagem. Podem ser textos escritos em diferentes idiomas, imagens com *emotion* e símbolos que indicam ações como de alegria, tristeza ou euforia. Barton e Lee (2015, p. 83) apontam que “A escolha da língua está estreitamente ligada às virtualidades percebidas e às possibilidades de ação do meio. Como uma plataforma será usada não é algo predeterminado, pois se baseiam em propósitos diferentes para diferentes situações.” Essa ação implica no uso das tecnologias de comunicação informal e formal. Os autores destacam que “Este ambiente informal, pessoal e, por vezes, privado permite aos usuários decidirem quais línguas usar e como.” (BARTON. LEE, 2015 p. 83).

A apropriação do letramento digital na sociedade contemporânea exige que os sujeitos utilizem de diferentes recursos: se ao ler um livro ou escrever uma carta tem sempre em mão uma caneta e um papel, para realizar tal prática na era digital dependem de mouse, teclado, distinguir *Shift* e *Ctrl*, autonomia para ligar e desligar um computador. Os textos apresentados no digital são multimodais, envolvem diferentes práticas de leitura, possibilitando aos indivíduos o uso da informação para apropriação do saber de forma crítica e autônoma no convívio social. Ao considerar que a leitura e a escrita na sociedade atual provocam mudanças nas modalidades anteriores, as novas tecnologias digitais da informação e da comunicação modificam o letramento, contribuindo para uma alteração na cultura escrita.

Ao apropriar-se do letramento digital e para a construção dos sentidos em textos e hipertextos, *Links* e *hyperlinks*, os diferentes sujeitos precisam também saber localizar, filtrar e avaliar de forma crítica as informações, e entender as regras que regem a comunicação nos sistemas operacionais. Ademais, o hipertexto permite a usuários acessar outro *link* que poderá ou não ser textos, imagens, sons ou vídeo. Permite que o usuário, ao escrever para o público, oportunize o acesso da informação contida no texto, no qual poderá abrir uma tela e o leitor fará ou não a leitura do que está exposto. Lévy (2008, p.33) elucida que o hipertexto não exclui a dimensão audiovisual, uma vez que “Ao entrar em um espaço interativo e reticular de manipulação, de associação e de leitura, a imagem e o som adquirem um estatuto de quase-textos.”

Para o autor, o hipertexto são todos os textos, imagens, sons subpostos na rede de internet. Eles se encontram e se entrelaçam como nós em que as diversas conexões

permitem a interconexão dos textos. O autor define que “Tecnicamente um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmo os hipertextos.” (LÉVY, 2008 p. 33). O autor ressalta ainda que os nós, informações não lineares, assumem modo reticular. “Navegar em um hipertexto significa, portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira.”(LÉVY, 2008 p. 33).

As tecnologias da informação e comunicação permitem um maior acesso a textos e à escrita, e a noção de letramento digital indica que os avanços tecnológicos provocam mudanças constantes na linguagem. Barton e Lee (2015) destacam que as tecnologias por si só não provocam mudanças no cotidiano da sociedade, uma vez que as tecnologias modificam-se conforme as necessidades sociais. Para os autores, a “Linguagem tem um papel fundamental nessas mudanças contemporâneas que são, antes de tudo, transformações de comunicação e de construção de sentidos”. (BARTON e LEE, 2015, p. 83). Fica evidente que a linguagem se modifica conforme as transformações da comunicação.

As novas tecnologias possibilitam que qualquer indivíduo escreva textos em qualquer formato. Ao utilizar as TIC, o usuário apropria-se de diferentes recursos para a produção de textos podendo inserir efeitos, sons, imagens. Ao produzir um vídeo, por exemplo, utiliza diferentes metodologias e critérios.

Diante da evolução das mídias produzidas pelas tecnologias digitais, percebem-se novas formas literárias, em que seu suporte de escrita é mediado pelos diferentes recursos tecnológicos. Para Cosson (2011), vivemos em uma sociedade letrada e a escrita ocupa lugar central nas ações da sociedade. O autor afirma que todas as ações da sociedade passam pela escrita e que "Também a tela do computador está repleta de palavras e os vídeos games cheios de imagens não dispensam as instruções escritas." (COSSON 2011, p.16).

Conforme Cosson (2011), a literatura no ensino fundamental é vista como a leitura de todo texto escrito que apresente temáticas de ficção ou poesia, textos jornalísticos entre outros, sendo pré-escolhidos, pelos professores, conforme turma, idade, ou interesse das crianças, ou mesmo dos docentes. Ressalta também que os textos literários apresentados nos livros didáticos são fragmentados e seguidos de exercícios que visam sua compreensão/entendimento. O autor afirma ainda que a literatura infantil

não precisa ser vista apenas como uma leitura necessária para a aprendizagem e que a escola precisa ter o controle do que está sendo lido precedendo os objetivos da leitura, enfatizando a necessidade de que a leitura seja desenvolvida considerando o prazer de ler. Cosson (2011 p. 26) destaca que "Na verdade, apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento na escola".

Buscamos entender o processo de apropriação da leitura da literatura infantil mediada pelas TIC; os estudos apontam que os aparelhos tecnológicos permitem uma cultura distinta da impressa. O impresso permite que contato seja direto com o suporte, ou seja, ao escrever em suporte de papel o usuário fricciona a caneta no papel e ao digital o usuário utiliza-se de diferentes recursos. Essas mudanças exigem novos modos de agir do indivíduo para inserir-se na sociedade contemporânea, destaca-se o uso da língua em diferentes situações, o que requer novas formas de aprendizagem. Nisto a inserção das tecnologias na sociedade moderna demanda novas formas de pensar, ler, escrever e se comunicar (LEMOS, 2008; LÉVY, 2008; CASTELLS, 1999).

As novas tecnologias permitem ao usuário escrever textos em diferentes formatos e plataformas. Os textos digitais, escritos na tela, como destaca Chartier (2002) separa o usuário do objeto de escrita. O autor ressalta que o objeto em suporte livro mantém características de capa, encadernação, paginação e índice do livro manuscrito e a tela separa o leitor do objeto. A escrita em suporte digital exige habilidades técnicas próprias da cibercultura, a escrita já não é realizada somente com caneta, para escrever um texto em suporte digital é necessário o manuseio do *mouse* e teclado, entre outros recursos.

As tecnologias potencializam as interações existentes no processo de apropriação da escrita, uma vez que a *internet* oportuniza não somente a busca de informação e sim a cooperação na produção do conhecimento. Tais tecnologias oportunizam a produção de textos de forma criativa e colaborativa, os textos em suporte digital possuem *links*, *hipertextos*.

A escrita é considerada uma tecnologia intelectual por Lévy (2008), uma vez que para o autor as pessoas que estão inseridas no mundo da escrita tendem a pensar por categorias, ou seja, são capazes de classificar pela leitura as ações do cotidiano. O autor ressalta o termo oralista para as pessoas não alfabetizadas que, por vezes, tendem a pensar por situações que estão relacionadas às ações do cotidiano. Com as novas tecnologias, surge uma nova forma de escrever e inúmeros recursos são disponibilizados.

Machado e Remenche (2017) enfatizam que o livro literário infantil caracteriza-se pelo hibridismo e pelos recursos multimodais, uma vez que a interatividade e a multimídia potencializa as narrativas verbo-visual ao incorporar sons, imagens em movimento. Os livros digitais não se limitam a números de páginas e a leitura poderá seguir outros caminhos. Como dito, os livros literários infantis possuem especificidades, assim como programas e aplicativos de comunicação possuem suas características, assim a literatura infantil desenvolvida para a leitura na *Internet* permite que a narrativa seja ainda mais interativa.

Com as transformações advindas das tecnologias e o advento da *internet* o imaginário infantil antes estimulado por livros impressos ganha formas e versões digitais. Os livros digitais são os disponíveis na *web* podendo estar nas versões *Hypertext Markup Language (HTML)*, na extensão de arquivo de texto (*TXT*) e *Portable Document Format (PDF)* entre outras, na qual para realizar a leitura é necessário um computador, *smartphones* ou *tablets* com ou sem navegação na internet. As versões em (*HTML*) exige o acesso à internet.

As versões digitais e eletrônicas estão diretamente ligadas ao contexto da sociedade atual. As Crianças na sociedade contemporânea tem acesso a diversos aparatos tecnológicos e o desafio é apresentar a leitura literária para o consumo do público infantil e, ao disponibilizar literatura digital, o professor pode oportunizar textos que diferem dos textos impressos.

Com o mapeamento da coleção *Kidsbook* foi possível evidenciar que os livros da coleção possuem a linguagem verbal, a sonora e a imagética que “são linguagens plurais e articulam-se nos textos contemporâneos, produzindo uma nova linguagem, própria dos textos multimidiáticos.” (GUIMARÃES; RIBAS, 2016 p. 190). Destacam que “os textos multimidiáticos são aqueles que produzem sentidos por meio da interação discursiva, de articulação e podem ser veiculados em vários meios” (GUIMARÃES; RIBAS. 2016 p.190).

Com a análise do livro, em que foram consideradas a narrativa, a narração e a multimodalidade presentes no texto “A Menina das Estrelas”, escrito por Tulipa Ruiz, foi possível apresentar, mesmo que de maneira breve, alguns recursos utilizados pela literatura infantil digital. Também foi possível identificar aspectos da literatura para suporte digital. O livro está disponível em *HTML* e apresenta características próprias para a leitura *online*. Fica evidente que o livro possui especificidades à leitura em

plataforma digital, uma vez que apresenta recursos e informações para prosseguir a leitura.

Como descreve Teixeira (2015), o livro traz informações clara para o leitor utilizar de forma correta o livro, uma vez que, se o leitor optar por ir por outro caminho poderá comprometer a compreensão da história. Neste sentido o leitor encontra desafios que surgem durante a leitura, na qual mesmo para leitores *online* experientes é sempre um caminho indefinido.

Diante do exposto os estudos apontam questionamentos à evolução tecnológica uma vez que com a Revolução Industrial 4.0, expressão que engloba tecnologias para automação e troca de dados e utiliza os conceitos de sistemas ciberfísicos, *Internet* das coisas e computação em nuvem. Com a revolução industrial e a necessidade em responder à indústria 4.0, a educação é desafiada. A escola, ao incentivar cultura voltada para a inovação, a invenção e resolução de problemas, oportuniza que os alunos sejam protagonistas e desenvolvam novas habilidades.

REFERÊNCIAS

BARTON, David. LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais.** Tradução Milton Camargo Mota. 1ªed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BONILLA, Maria Helena S. **Políticas públicas para inclusão digital nas escolas.***In:* Motrivivência, Ano XXII, Nº 34, Jun./2010, p. 40-60.

CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a Literatura: para pequenos, médios e grandes.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CAPELETI, Radams. ; [TREVISAN, Daniele](#) ; [SILVA, Albina Pereira de Pinho.](#) **Tecnologia da Informação e da Comunicação: um mapeamento das pesquisas realizadas na UNEMAT - Campus Universitário de Juara no período de 2008 a 2012.** *In:* **Seminário de Educação do Vale do Arinos**, 2013, Juara. Educação, Território e Identidade. Curitiba: CRV, 2013. v. 8.

CAPELETI, Radams ; SILVA, Albina Pereira de Pinho Silva. **Google Docs no Processo de Multiletramentos de Professores: Relato de uma Experiência no PIBID.** *In:* **IX Seminário de Educação do Vale do Arinos**, 2014, Juara. Interconectividades nas Reconfigurações Sociais e Educacionais: práticas de comunicação e produção de saberes cultural, científico e tecnológico., 2014. v. IX.

CAMARGO, Luíz. Ilustração em livros de literatura infantil. *In* Glossário Ceale. Disponível em <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/ilustracao-em-livros-de-literatura-infantil>. acesso em 10/11/2019.

CARON, Aline. **A Educação 4.0 já é realidade.** *In* Tecnologia Educacional. 27/12/2017. disponível em <https://tecnologia.educacional.com.br/educacao-4-0/a-educacao-40-ja-e-realidade/>. Acesso em 14/11/2019.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** Tradução Reginaldo de Moraes. - São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CASTELLS, Manuel **A sociedade em rede.** 8. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2005.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática.** 1.ed.: São Paulo. Moderna. 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo. Contextos, 2011.

DOURADOS, Stella Moreira. ODDONE, Nanci. **O livro digital como inovação editorial para a cadeia produtiva das editoras universitárias brasileiras.** XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB 2013) Disponível em <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xivenancib/paper/viewFile/4354/3477> acesso

13/12/2018.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre. Artes Mídicas. 1994

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GUIMARAES, Glaucia; RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Literatura infantil na sociedade multimidiática. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, n. 47, p. 185-203, June 2016. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182016000100185&lng=en&nrm=iso>. access on 12 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/2316-4018479>.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e comunicação: interconexões e convergências. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 29, n. 104, out. pp. 647-665, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 nov. 2019. doi: 10.1590/S0101-73302008000300002..

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre as práticas sociais da escrita**. Angela B. Kleiman (ORG) 9º ed. Campinas, SP. Mercado de letras, 2006.

LEMOS, André, **Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4. ed. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução Carlos Irineu da Costa. 15º reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.

MACHADO, Nádie Christina Ferreira. **Estudo das trajetórias de letramento em curso de educação a distância**. 250f. Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós Graduação em Informática na Educação, Porto Alegre, 2009.

MACHADO, Paulo Henrique. REMENCHE, Maria de Lurdes Rocha. **Leitura e produção do livro de literatura infantil: do analógico ao digital**. Travessias, Cascavel, v. 11, n. 3, p. 158 – 177, set./dez. 2017. http://www.unioeste.br/travessias_acesso 13/12/2018

MORAIS, Arthur Gomes. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo. Editora Melhoramentos, 2012 (como ensino)

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In MORAN, José Manuel. MASSETO, Marcos T. BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP. Papirus, 2000. P 11-65.

MORAN, José Manuel. **As possibilidades das redes de aprendizagem**. Texto adaptado do capítulo 4 do livro: A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. Editora Papirus, p 89-111, 2010. Disponível em:

<http://gepoteriko.pbworks.com/w/page/25123424/REDES%20DE%20APRENDIZAGEM>. Acesso dia 05/04/2015

MORO, Roberta Gerling. **Literatura digital infantil: práticas de leitura no contexto familiar.** / Roberta Gerling Moro. – Canoas, 2018. 246 f. : il. (tabelas) ; 30cm. Dissertação (mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil. Orientador: Prof. Dr. Edgar Roberto Kirchof.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento.** São Paulo. UNESP, 2004.

NETO. Renato Barbosa. Espaço Maker: a sala de aula "mão na massa" que podou os laboratórios de informática. 25/06/2019. disponível em <https://tecnologia.educacional.com.br/blog-inovacao-e-tendencias/espaco-maker/> acesso dia 14/11/2019.

PIMENTA, **Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor.** Nuances Vol. III, 1997.

POZZO. Juan Ignacio. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. In: Salgado, Maria Umbelina Caiafa. **Tecnologias da educação: ensinado e aprendendo com as TICs.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância; 2008. P. 29-32.

QUEIROZ, Sonia (Org.). **Glossário de termos de edição.** Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2008.

RAMOS, Flávia Brocchetto; NUNES, Marília Forgearini. Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura. Educar em Revista, Jun 2013, n. 48, p. 251-263. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000200015&lng=pt&nrm=iso. Acessado em 01/11/2019.

RECUERO. Raquel. **Redes Sociais na Internet.** 2.ed. Porto Alegre: Sulina. 2016

RODRIGUES, Ana Vera Finardi; MERLO CRESPO, Isabel. **E-book reader: um novo cenário em informação e bibliotecas.** Inf. cult. soc., Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n. 28, p. 91-110, jun. 2013. Disponible en <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17402013000100006&lng=es&nrm=iso>. accedido en 15 enero 2019.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo SP: Parábola Editora. 2009.

_____, Roxane. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane (Org.). **Escolas Conectadas: os multiletramentos e as TICs.** São Paulo: Parábola Editora, 2013.

SILVA, Erika; DEBUS, Eliane Santana Dias. **A literatura infantil em diálogo com as mídias digitais: análise do site educativo O pequeno leitor. Texto Digital,** Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 161-184, dez. 2016. ISSN 1807-9288. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v12n2p161/33188>>. Acesso em: 19 out. 2018.
doi:<https://doi.org/10.5007/1807-9288.2016v12n2p161>.

SILVA, Albina P. de P. **Formação continuada de professores para o projeto UCA: análise dos processos formativos prescritos, vivenciados e narrados.** 330 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 24º Ed.rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2016

SCHERMACH; Alexandre. MORAES. Rodrigo. **A EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO E O LIVRO DIGITAL**, Unoesc & Ciência - ACET, Joaçaba, v. 4, n. 2, p. 243-252, jul./dez. 2013

TFOUNI. Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** São Paulo. Cortez, 2005.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento - Mosaico multifacetado. *In Letramento, escrita e leitura.* Tfouni, Leda Verdiani (org.) Campinas, SP. Mercado das letras, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 10 ed.: São Paulo - Global, 1998.

TEIXEIRA. Adriano Canabarro.. **Inclusão digital: novas perspectivas para a informática educativa.** Ijuí : Ed. Unijuí, 2010.

TEIXEIRA, Deglaucy Jorge. **A interatividade e a narrativa no livro digital infantil:** proposição de uma matriz de análise. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós Graduação em Design e Expressão Gráfica; orientadora, Berenice Santos Gonçalves – Florianópolis, SC, 2015. 202 p.

TEIXEIRA. Deglaucy Jorge; MARITAN Bruna Bertolazi; GONÇALVES. Berenice S; **Um modelo de fluxo para design de livro digital infantil** SIGraDi 2016, XX Congress of the Iberoamerican Society of Digital Graphics 9-11, November, 2016 - Buenos Aires, Argentina

TEIXEIRA, D. J., MÜLLER, A. C. N. G. , CRUZ, D. M. **Literatura infantil em ambiente digital:** um estudo da narrativa interativa em book app infantil. Anais [do] 6º. Seminário de Literatura Infantil e Juvenil [de Santa Catarina] – SLIJ/ Florianópolis: UFSC; UNISUL, 2014, p.187-197.

TULIPA Ruiz. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa337382/tulipa-ruiz>. Acesso em: 05 de Nov. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7